BERT HELLINGER

UM LUGAR PARA OS EXCLUÍDOS

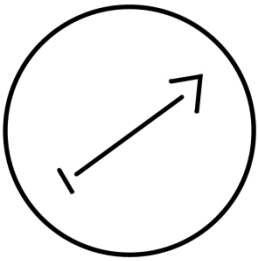
GABRIELE TEN HÖVEL



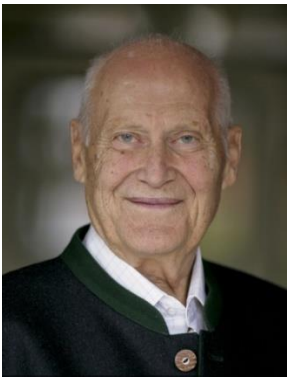
Neste livro. Bert Hellinger e Gabriele ten Hövel retomam seus diálogos iniciados há quase dez anos com a publicação de *Anerkennen, was ist*, editado pela editora Citrix com o título de Constelações Familiares.

O Autor narra com detalhes fatos inéditos de sua vida. Ao mesmo tempo, esclarece o caminho que o levou a suas principais descobertas, relata a evolução recente de seu trabalho sistêmico e responde às críticas levantadas ao seu trabalho no espaço cultural alemão.

Estes densos diálogos iniciam o leitor nos cinco círculos do amor e aprofundam a visão de Hellinger sobre temas importantes como o equilíbrio nas relações humanas, consciência e culpa, reconciliação e paz.



TSUYUKO SPELTER



Bert Hellinger, nascido em Leimen, Alemanha, em 18 de dezembro de 1925, formou-se em filosofia, teologia e pedagogia e trabalhou durante 16 anos como membro de uma ordem missionária católica entre os zulus na África do Sul. Sua formação e sua atividade terapêutica envolveu diversas abordagens: psicanálise, dinâmica de grupos, terapia primal, análise do script, hipnoterapia e finalmente a terapia familiar, a partir da qual desenvolveu o seu método revolucionário das constelações sistêmicas, aplicadas também a problemas empresariais e a conflitos étnicos. Atualmente Hellinger prefere trabalhar na linha mais espiritualizada dos "movimentos da alma", entregando às forças superiores – que levam à reconciliação – os movimentos dos representantes.

Atua como conferencista e diretor de cursos em todas as partes do mundo e é autor de livros de sucesso, traduzidos em numerosos idiomas.

Sites: www.hellinger.com e www.hellingerschule.com



Gabriele ten Hövel, nascida em 1952, formou-se em ciências políticas. Trabalhou muitos anos como redatora para televisão e livre autora de rádio e atualmente exerce as funções de treinadora de comunicação, conselheira e autora de sucesso em Hamburgo.

www.gtenhoevel.com

Bert Hellinger
Gabriele ten Hövel

um lugar para os excluídos

conversas sobre os caminhos de uma vida

Tradução
Newton A. Queiroz

1ª Edição – novembro de 2006
ATMAN

Do original alemão:
Ein langer Weg. Gespräche über Schicksal, Versöhnung und Glück.
Copyright © 2005 Kösel-Verlag, Munique,
Printed in Germany. 1a.edição, 2005
Todos os direitos para a língua portuguesa reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados) sem permissão escrita do detentor do "Copyright", exceto no caso de textos curtos para fins de citação ou crítica literária.
1ª Edição - novembro 2006 **ISBN 85-98540-12-9**
Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela:
EDITORA ATMAN Ltda.
Caixa Postal 2004 - 38700-973 - Patos de Minas - MG - Brasil
Telefax: (34) 3821-9999 - http://www.atmaneditora.com.br
editora@atmaneditora.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Revisão técnica: Tsuyuko Jinno-Spelter
Revisão ortográfica: Elvira Nícia Viveiros Montenegro
Coordenação editorial: Wilma Costa Gonçalves Oliveira
Designer de capa: Alessandra Duarte
Diagramação: Virtual Edit
Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme o decreto no 10.994,
de 14 de dezembro de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
H4771 Hellinger, Bert.
Um lugar para os excluídos: conversas sobre os caminhos de uma vida / Bert Hellinger, Gabrielle Tem Hövel; tradução de Newton A. Queiroz. - Patos de Minas: Atman, 2006.
p. 160.
ISBN 85-98540-12-9
1. Psicoterapia. 2. Relações Humanas. 3. Reconciliação - processo terapêutico. I. Título.
CDD: 616.891 4

Pedidos:
www.atmaneditora.com.br
comercial@atmaneditora.com.br
Este livro foi impresso com:
Capa: supremo IX) 250 g/m2
Miolo: offset LD 75 g/m2

Sumário

Apresentação da edição brasileira ... 7
Prefácio da edição alemã ... 8
"O importante para mim foi sempre o crescimento interno" ... 13
Fases da vida ... 13
"Professor, eu nunca quis ser" ... 15
"No fundo, cresci sem passar pela juventude" ... 18
"Há um maldito alemão escondido no trem" ... 19
"Essa decisão não foi livre" ... 20
"Eu não fazia nenhuma ideia" ... 24
"Pessoas ou ideais? O que você sacrifica pelo quê?" ... 29
"Eu vou sair" ... 32
"Até os 50 anos eu não me sentia pronto" ... 36
"Negam-me o direito de cometer erros" ... 42
Sobre o trabalho com grandes grupos, o esclarecimento do ... 42
encargo do cliente e o trato com imigrantes ... 42
"Crescimento exige resistência" ... 42
"Não afirmo que os imigrantes precisam voltar" ... 43
"Eu trabalho com o grupo inteiro" ... 44
"Não faço declarações políticas" ... 45
"Não sou um mecânico" ... 46
"Não trabalho contra resistências" ... 48
A interrupção ... 48
"Esses *insights* salvam vidas" ... 49
Os cinco círculos do amor ... 51
Sobre pais, puberdade, relação conjugal e a arte de tomar ... 51
Primeiro círculo: Os pais ... 51
O segundo círculo do amor: ... 52
Terceiro círculo: Dar e tomar ... 56
Quarto e quinto círculos do amor: ... 59
"Quem se alegra com a própria mãe, ganha" ... 60
Sobre felicidade e alegria ... 60
"O pai não precisa lutar mais" ... 62
"Eu honro as mães por uma compreensão filosófica" ... 63
Sobre o que realizam as mães e os pais ... 63
"Como um dedo numa poderosa mão" ... 64
A ligação entre perpetradores e vítimas ... 64

"Acolho em meu coração todos os excluídos" ... 66
"As vítimas têm o direito de cidadania em nosso coração" ... 67
"Eu me distancio dos perpetradores" ... 69
"Vejo Hitler como um ser humano, sem desculpar nada" ... 69
Então os cristãos crucificaram os judeus" ... 72
Sobre antissemitismo, judeus e cristãos ... 72
"No amor estou vinculado e sou livre" ... 75
Sobre a autonomia e a imaturidade dos adultos ... 75
"O entusiasmo tem algo de delirante" ... 78
Sobre o entusiasmo e o recolhimento ... 78
"Ninguém apela para a sua consciência quando faz algo de bom" ... 80
Sobre o infantilismo da "boa consciência" ... 80
"Participação consciente no sofrimento" ... 84
Sobre a inevitabilidade da culpa ... 84
"Esse é o ponto final da individualização" ... 86
Sobre a consciência arcaica e o campo ... 86
"Sou um alemão – sem orgulho" ... 89
Sobre reconciliação e patriotismo ... 89
"Olhar os mortos com amor, em vez de apelar para a consciência dos vivos" ... 91
Sobre recordação e repressão ... 91
"O passado deve poder ser esquecido no coração" ... 93
Sobre vingança e indignação como formas de compensação ... 93
"A indignação desconhece a compaixão" ... 95
Sobre a paz e a boa consciência ... 95
"Se o passado pode ser esquecido, existe um futuro" ... 96
Constelações políticas ... 96
"Então os poloneses amarão mais os alemães...?" ... 100
Sobre as exigências de reparação ... 100
"Não reivindico a verdade" ... 102
Sobre o movimento da alma e o incompreensível ... 102
"... que o impensável se tome visível" ... 108
Sobre informação e campo ... 108
"Se eu investigar, terei uma intenção egoísta" ... 110
Sobre o controle de resultados e a comprovação da eficácia ... 110
"Tudo o que se move é movido por outro" ... 113
Sobre outros poderes, religião e liberdade de decidir ... 113
"Precisamos ir em frente..." ... 117
Sobre os limites das soluções ... 117

Apresentação da edição brasileira

No princípio do ano, Bert Hellinger me enviou um exemplar do original deste livro, seu novo lançamento. Li-o de um só fôlego e transmiti a ele comentários entusiasmados, oferecendo-me para traduzi-lo. Ele concordou, e foi essa a sexta tradução que me confiou. Meus comentários foram publicados em sua *homepage* e em sua revista.

A responsabilidade pela indicação deste livro, somada à longa experiência adquirida como participante, representante ou tradutor em cursos de formação e treinamento em constelações familiares, levou-me a redigir esta breve apresentação para a edição brasileira.

Gabriele ten Hövel tem o mérito de ter trazido à luz, com sua entrevista, um retrato vivo e fiel de Hellinger - o mais completo de que dispomos. O retrospecto dos anos de juventude e formação, com fatos inéditos ou pouco conhecidos, ajuda-nos a entender sua posterior evolução.

A entrevistadora retoma objeções, levantadas na Alemanha, às ideias e aos procedimentos de Hellinger. Questiona-se, por exemplo, sua concepção do espaço terapêutico em constelações realizadas diante de grandes grupos e algumas afirmações suas relativas a imigrantes estrangeiros. Curtas e incisivas ou longas e mais fundamentadas, suas respostas esclarecem, mobilizam e, por vezes, também surpreendem.

Uma pausa tranquila nos é proporcionada pelo capítulo dedicado aos "cinco círculos do amor", com as correspondentes meditações, ao alcance de cada um. Em seguida, retoma-se a discussão, abordando declarações sobre responsabilidade, culpa e reparações no contexto do passado alemão e, de modo especial, sobre a pessoa e a atuação de Hitler.

"Somos todos tomados a serviço" – esta afirmação fornece-nos uma chave para entender a posição de Hellinger ao recusar a distinção entre bons e maus. "Os rejeitados têm sempre um lugar em meu coração. Com isso, coloco-me sistemicamente numa posição em que posso realmente ajudar a todos."

O tema da reconciliação assume em nossos dias uma importância especial, com a irrupção generalizada de conflitos étnicos e religiosos. Com seu novo método de seguir os "movimentos da alma", Hellinger permanece a serviço das forças que conduzem a essa reconciliação.

Agradeço a Bert Hellinger pela sinceridade e integridade de suas respostas sobre o longo e rico caminho de sua vida. Aos leitores, desejo que acolham esses diálogos com receptividade e sem preconceitos e que tirem daí algo de valioso para suas próprias vidas.

Newton A .Queiroz

Prefácio da edição alemã

Estávamos em fevereiro. Saindo da Rádio da Baviera, caminhamos juntos, pela neve lamacenta, até a estação central de Munique. Perguntei a Hellinger: "Por quanto tempo o senhor ainda continuará trabalhando?" "Ah," – respondeu ele – "acho que em breve já será bastante." Tinha completado 70 anos. Um livro dele tinha sido publicado, e acabávamos de fazer o primeiro programa radiofônico.

"Bert Hellinger? Quem é ele?", perguntou-me o redator. Somente quando lhe assegurei tratar-se de um homem que revolucionara o pensamento terapêutico é que ele confiou em mim - com dor de barriga. Depois de ouvir as fitas com o programa pronto, o teólogo formado comentou: "Precisei levantar-me várias vezes e dar voltas ao redor, de pura agitação, indignação e choque de sentimentos." Uma amiga, a quem exibi trechos da gravação, disse apenas: "Mas onde é que você se meteu de novo, Gabriele!" E quando eu quis ver os primeiros vídeos de Hellinger, em companhia de uma outra pessoa, ela se levantou, logo no início, e disse: "Não consigo assistir a isso, ele fala como o nazista Freisler."

Dez anos se passaram. O homem que presumivelmente falava como Freisler tomou-se mundialmente famoso. Seus livros são lidos por milhões de pessoas em todo o mundo, em 19 idiomas, inclusive chinês, português e sérvio. Seu método de constelar famílias é oferecido em vistosos folhetos e cartazes, pendurados em lojas de produtos naturais e em centros de formação de adultos.

E ele é suspeito. Já naquele tempo tinha quebrado muitos tabus e era um desafio para os ânimos combativos e rebeldes que tinham aplaudido os ideais libertários de 1968. Autonomia e emancipação foram as palavras sagradas que muitos levantaram contra esse homem que falava de vinculação e de ordens do amor - autodeterminação, liberdade, resistência, mas ainda era um protesto inocente.

Hellinger continuou a trabalhar, em breve diante de grandes grupos - o que foi e ainda é um motivo de escândalo. Cada vez com maior frequência, as constelações mostravam quão incisivamente o nacional-socialismo continuava a atuar nas famílias. Talvez fosse esse o seu foco principal, que pouco a pouco se deslocou. E quem não se importa com temas como fuga e banimento, nazismo e resistência, assassinato de inválidos, mortes nos bombardeios de Dresden, de Dortmund, de Hamburgo? Em que família alemã não existem perpetradores ou vítimas?

As constelações trouxeram à luz novas e chocantes revelações para muitos – por exemplo, que perpetradores e vítimas estão vinculados entre si. Frases como "Eu acolho os perpetradores em meu coração" eram uma provocação, pois foi apenas nos últimos 30 anos, desde o milagre econômico e a rebelião de 1968, que os alemães aprenderam a tomar consciência das vítimas.

Em seguida, Hellinger viajou por todo o mundo - Israel, China, Japão, Sérvia, Coréia, Austrália, América do Sul. Em quase todos os países teve de lidar com guerra e tortura, resistência e desterro. O trabalho com guerrilheiros, índios, fascistas e antifascistas, guerrilheiros e lacaios de outros poderes o mudou.

De repente ficou claro: a mudança começa na alma - e apenas na alma, mas a paz só é possível quando desmontamos as antigas trincheiras e deixamos de excluir os perpetradores. Então, tudo se tomou definitivamente político. Hellinger foi acusado de ofender as vítimas e de zombar delas.

Na Alemanha, esse homem atingiu o calcanhar de Aquiles do espírito da época, pois estava em voga a atitude "politicamente correta", tão natural à primeira vista, de tomar o partido das vítimas contra os perpetradores.

Então algo aconteceu em Leipzig - um pesadelo para qualquer terapeuta. Uma cliente que tinha feito uma constelação com Hellinger suicidou-se. Não sei quantos terapeutas já passaram por isso - naturalmente esse é um segredo bem protegido. Agora havia alguém no pelourinho. Um sussurro percorreu o reduto dos terapeutas. O método inteiro caiu em descrédito - principalmente na mídia.

Um artigo no semanário *Der Spiegel* desencadeou o ataque contra Hellinger. As acusações eram muitas: - Que espécie de formação ele tem? - Uma vez missionário, sempre missionário! - Tolices esotéricas! - Um monte de diletantes que imitam isso! - Um católico com fantasmagorias, que prega "ordens" reacionárias e exige submissão! - Um homem que, em tempos de crise, sabe manipular ovelhas sem vontade e pessoas que precisam de orientação. - Além de tudo, um inimigo das mulheres - e agora uma morte!

Mais tarde circulou um texto de Hellinger, onde ele se dirige a Hitler como a um ser humano. Para piorar a situação, Hellinger mudou-se - provisoriamente - para a casa da antiga repartição da chancelaria do Reich, em Berchtesgaden, porque a reforma de sua casa não terminara a tempo e não se encontrou outra residência para alugar.

Quando visitei Bert Hellinger para fazer a entrevista de que resultou este livro, ele me apanhou no aeroporto de Salzburg. Atravessamos várias aldeias, conversando sobre diversos assuntos. De repente ele disse: "Agora vou mostrar-lhe onde eu morei", e dirigiu o automóvel por uma estrada secundária, ladeada por pinheiros, até o pequeno prédio da antiga chancelaria, convertida num prédio residencial comum. Em seguida ele me contou a história do vagão-restaurante de Hitler: "Primeiro ele foi utilizado por Montgomery, depois por Adenauer, mais tarde por Willy Brandt, quando foi a Erfurt, em sua primeira visita à República Democrática Alemã. Finalmente, a Rainha Elisabeth viajou nele através da Alemanha." Foi o seu único comentário.

A campanha da imprensa contra Bert Hellinger provocou uma enorme insegurança. Instituições de formação de adultos e associações inteiras afastaram-se dele.

Representantes de seitas foram mobilizados, escolas públicas para adultos cancelaram cursos programados, como se fossem batatas quentes. Clientes que tinham obtido mais saúde e alegria de viver a partir do trabalho com Hellinger ou com constelações familiares, pessoas simpatizantes ou fascinadas pelo trabalho das constelações, terapeutas, pedagogos - todos eles ficaram de repente incomodados, perguntando-se: "Será que de repente nos tomamos nazistas?", pois a emancipação e a convicção antifascista pertencem ao código das virtudes básicas de uma pessoa decente!

Convertemo-nos em sonhadores esotéricos? Em reacionários insanos? Em adeptos ingênuos de velharias? Instalamo-nos na paz, na alegria e no amor pela ordem? Erramos ao deixar-nos tocar? Renunciamos à inteligência? Somos ovelhas cegas que, sem saber, confiaram num sedutor? Tornamo-nos sequazes ofuscados, fiéis de um rebanho?

Cada um ficou sozinho com as suas perguntas. Muitos estão chocados e sem fala, pela forma como foram desacreditados. Alguns ficaram com medo e perguntam: por que Hellinger não responde a isso?

Nossa adolescência ficou muito para trás, ficamos mais velhos. As ideias rebeldes de antigamente se estabeleceram e se consolidaram num cânon político. Contudo, não sabemos, há muito tempo, em nossa alma, que a autonomia é um dogma e que, entrementes, a liberdade está sendo escrita com letras pequenas? Temos filhos, obrigações, crises existenciais - isso, felizmente, escaldou-nos.

- O que perderemos nós, escolados em autonomia, se admitirmos que nossas famílias são mais importantes do que gostaríamos?

- O que ocorrerá conosco se enfocarmos principalmente a ligação — o avesso da autonomia - e admitirmos que nossa vida depende de muitos fios que não movemos nem controlamos? Será essa uma atitude fascista?

- Lamentar os que foram mortos, em vez de lutar pelas vítimas contra os antigos perpetradores — será esta uma atitude reacionária e passadista?

- Ficaremos eternamente presos ao tabu de não ver em Hitler *também* uma pessoa humana?

- Ponderar que entre o céu e a terra existem mais coisas do que podemos entender - será essa uma atitude ultrapassada e não esclarecida?

Permanente autorrealização, emancipação, pensamento esclarecido - são exigências de hoje. O trabalho com as constelações trata das manchas cegas nesse programa. Com frequência, os laços sistêmicos nos determinam, em nossa profissão e em nossa vida privada, num grau maior do que gostaríamos e do que nos damos conta. Essa compreensão será uma heresia? Talvez, pois Hellinger incomoda. Da mesma forma como os antigos apóstolos morais e os lacaios das autoridades recusaram a teoria de

Freud sobre os instintos, os representantes do pensamento politicamente correto impõem sua autoridade para desacreditar os conhecimentos obtidos nas constelações familiares e para vinculá-los ao nazismo.

De onde vem isso? Hellinger ofende o pensamento antifascista ingênuo com a tese de que quase todos os alemães daquele tempo estiveram no mesmo barco - seja o que for em que acreditavam. Com isso ele desfigura a imagem convencional do 'bom' alemão, segundo a qual os perpetradores são sempre os outros.

O historiador Götz Aly, de Frankfurt, vê aí a presença de um mecanismo de defesa, cultivado de bom grado até hoje. Ele relata, em seu impressionante livro *Hitlers Volksstaat* (O Estado popular de Hitler), que a "ditadura de favores" do nacional-socialismo beneficiou todos os alemães, especialmente os trabalhadores e as classes menos favorecidas. Seus números perturbam a projeção da culpa sobre "a burguesia", "os ideólogos do racismo", "o imperialismo" ou os paladinos de Hitler. Os alemães - bombardeados - moravam em residências judias, dormiam em camas que tinham sido dos judeus, sentavam-se em sofás judeus. Comiam pão feito com trigo polonês enquanto os poloneses morriam de fome. Abriam caixas de sal e ovos, frangos e mel da Ucrânia e deleitavam-se com café, lingerie e chocolate da Bélgica ou da França - luxos esses comprados ou roubados de outros povos pelas tropas alemãs de ocupação. Götz Aly calcula que tudo o que se consumia na Alemanha - onde raramente alguém morria de fome durante a guerra - tudo o que era comido nas mesas alemãs era temperado com assassinatos. Pequenas ascensões, grandes reformas, favorecimentos sociais — tudo isso foi comprado através do roubo, da fome e do assassinato de outros.

E isso ainda envolve algo bem diferente: muitos de nós devem sua existência ao fato de que não foram nossas mães, mas outras mulheres, outros homens e outras crianças que tiveram de morrer e perecer de inanição. O que pode haver de errado nesse luto modesto, que consiste em chorar com as vítimas, em vez de combater por elas contra "os" perpetradores – e quais?

Uma última pergunta: o que há de tão perigoso em ver o nacional-socialismo *também* como um movimento guiado por poderes desconhecidos para nós? O que há de tão inconcebível em dizer que também Hitler foi "tomado a serviço" e, portanto, que o mal, a crueldade e a brutalidade também faziam parte de uma realidade desejada? Naturalmente, isso é um desafio. "Tudo desaba, não existe mais nenhum apoio", diz uma amiga minha. Talvez seja isso que intranquilize uns e converta outros em perseguidores. A imagem do mundo como um espartilho se desfaz. Associar o esclarecimento sobre as causas da guerra e sobre o fascismo a uma atitude consciente de que não podemos controlar, determinar, impedir e mudar tudo - essa é uma provocação com que Bert Hellinger nos confronta.

O próprio Hellinger seguiu desde os seus 20 anos um caminho de contemplação e de purificação interior. Ele não aderiu a nenhuma ideologia. Isso pode ser percebido

por qualquer pessoa que realmente se ocupe com o trabalho dele. Talvez tenha sido esse o seu caminho: não se perder num mundo composto de bem e mal. Ele pode não ser simpático a muita gente em nossa época - mas por que levar esse homem ao descrédito?

Hellinger exige de nós um esforço intelectual e espiritual para ver os crimes e as pessoas, vítimas e perpetradores, como seres humanos, sem tirar-lhe a responsabilidade por sua ação. Não é isso uma forma de esclarecimento, uma renúncia a uma concepção mágica de progresso? Talvez se trate aqui, simplesmente, de um pouco de modéstia - da relativização da fantasia de onipotência, segundo a qual é suficiente pesquisar, lutar, saber – naturalmente, do "lado certo" – emancipar-nos e protestar, para que no mundo tudo mude para melhor.

Naturalmente, existem críticas justificadas a Hellinger. Ele é rude e obstinado, imprevisível, implacável, provocador. Ele não se deixa ensinar. Pois bem. *Ele* é o professor - e seus alunos cresceram e tomaram seus próprios caminhos.

Contudo, mesmo para quem se distanciou interna ou externamente desse senhor idoso, algo é claro para quase todos: com suas percepções sobre as profundezas da dinâmica sistêmica, ele trouxe algo de novo ao mundo. Esses *insights* estão hoje incorporados à bagagem terapêutica e ao equipamento do bom conselheiro empresarial. Através da configuração espacial de sistemas, Hellinger encontrou um instrumento de diagnóstico que resiste ã prova da pesquisa científica. Isso não havia antes. O papel que desempenhou a "repressão", no século passado, cabe, neste século, ao "envolvimento". Através de Bert Hellinger, temos um conhecimento maior sobre o que acontece nos sistemas, sobre consciência e culpa, vínculo e solução, alma e ser. A base empírica para isso - também porque ele alargou o espaço terapêutico - tomou-se muito mais ampla do que a de Freud jamais pôde ser. Ela cresce constantemente: através de centenas de bons terapeutas, conselheiros e pedagogos, que com toda a naturalidade trabalham com constelações.

Em notável contraste com o vento áspero que sopra na Alemanha, Hellinger recebe no exterior títulos de doutor e outras honras. Esse alemão que toma amplas as almas - seja quem for que o procure - é apreciado e homenageado.

Ele vai continuar polarizando. Ele não aprecia discursos sem autoridade e, quando perguntado se algumas de suas teses provocariam menos gritaria e irritação se fossem expressas de uma outra maneira, responde com uma outra pergunta: "O que tem mais força?"

Este livro expressa muitas perguntas críticas que pairavam há muito tempo no ar. Bert Hellinger responde-as – como sempre – à sua maneira. O livro percorre etapas de sua vida e informa sobre seus *insights* mais importantes. Assim, surge o retrato de um homem que quer produzir algo - não na política, mas na alma.

Gabriele ten Hövel

"O importante para mim foi sempre o crescimento interno"

Fases da vida

Neste ano de 2005 o senhor completa 80 anos. Tinha sete anos quando Hitler assumiu o poder. Lembra-se disso?

Naturalmente. Certa noite, ao voltar do trabalho, meu pai entrou pela porta a dentro e foi logo dizendo à minha mãe: "Hitler é chanceler". Estava muito abatido, pois pressentia o significado disso. Algum tempo depois, tivemos uma experiência pessoal: morávamos em Colônia e, num domingo, quisemos fazer um passeio nas montanhas. Saímos da igreja após assistir a primeira missa e estávamos esperando o bonde. Então, um homem da polícia nazista aproximou-se de meu pai e fez algum comentário. Meu pai lhe respondeu e o homem berrou com ele e quis prendê-lo. Nesse momento, chegou o bonde. Meus pais e nós, os três filhos, embarcamos rapidamente. O condutor fechou imediatamente a porta, e o bonde partiu. O homem pegou sua bicicleta e veio gritando, ao nosso encalço. O condutor não se deteve nas paradas seguintes até que deixou o perseguidor para trás, no que foi aplaudido pelos passageiros. Isso ainda era possível em Colônia, naquele tempo. Depois cessou.

Aos dez anos de idade o senhor saiu de casa e foi para um internato. Por quê? Uma conhecida de minha mãe tinha ouvido falar desse internato. Ela sabia que eu queria ser padre. Isso já era claro para mim, aos cinco anos de idade. Então, ela falou dessa possibilidade à minha mãe. O internato era dirigido pelos missionários de Mariannhill e estava situado em Lohr, às margens do Rio Meno. Morávamos no internato e frequentávamos o ginásio municipal.

Ter entrado nesse internato foi para mim um grande presente de meus pais, um capítulo importante em minha vida. Eu completara dez anos e, de chofre, entrei num mundo diferente. Com isso tive muitas possibilidades e liberdades. Em casa isso não teria sido possível.

Ambos os pais apoiaram isso, sem reservas?

Minha mãe apoiou plenamente. Meu pai mostrou uma certa reserva, por assim dizer, mas também concordou e pagou as despesas.

O senhor entrou nesse internato católico em 1936. Como se comportaram os padres em face do nacional-socialismo? Alguma coisa lhe chamou a atenção a esse respeito?

Menciono um pequeno episódio. Após a anexação da Áustria à Alemanha, houve eleições gerais. Alguns padres do internato e algumas irmãs que cuidavam da cozinha manifestamente votaram contra. As eleições não foram secretas, as cédulas foram interceptadas. À noite, depois da eleição, as milícias nazistas fizeram uma grande parada com tochas. Vários manifestantes aproximaram-se de nosso

internato e escreveram no muro, com grandes letras: "Aqui moram traidores" e "Nós votamos *não".* Apedrejaram umas duzentas vidraças, e *caíram* pedras também em nosso dormitório. Na manhã seguinte, dois padres foram detidos e fomos mandados para casa, de férias.

Assim, com dez anos o senhor praticamente abandonou o seu lar. Dispunha de modelos no internato para se orientar?

Os padres que dirigiam o internato eram realmente bons. Eles nos proporcionavam toda espécie de coisas: esporte, excursões, aulas de música, apresentações teatrais. Aprendi violino, tocava na orquestra da casa e cantava no coro. Também tínhamos uma grande biblioteca.

Não sentia saudades, estando bem longe de casa?

Não, pois voltava para casa nas férias. O tempo no internato era para mim um tempo muito agradável. Eu me sentia apoiado, sob todos os aspectos. Os padres gostavam de nós e nos incentivavam. Estávamos constantemente ocupados com alguma coisa. Lá não havia tédio.

Quando penso quanta importância o senhor atribui à família em seu trabalho terapêutico e quão pouco gozou do convívio de seus familiares, pergunto: não sentia um pouquinho de tristeza?

No internato eu me sentia como em casa, mas, em 1941, ele foi fechado. Então voltei para casa e, por dois anos, morei com meus pais em Kassel. Eles tinham se mudado de Colônia para lá. Eu tinha 15 anos, nessa ocasião.

Estava, portanto, em plena puberdade. Lembro-me de que, quando passei um longo tempo fora e voltei para casa, recebi os últimos tapas de meu pai, porque já não queria ser mandada. Qual foi a sua experiência, nesse particular?

Veja bem, estávamos já em guerra. Na verdade, não tivemos tempo para essas coisas. Meu pai sempre me dava apoio e incentivo quando eu queria alguma coisa, por exemplo, ir a concertos ou teatros. Não havia limitações. Ele trabalhava dez a doze horas por dia, como engenheiro numa fábrica de armamentos e voltava para casa tarde da noite.

Tínhamos uma vizinhança muito interessante. Ao nosso lado morava a família Würmeling. O pai tornou-se, mais tarde, Ministro da Família, no governo de Konrad Adenauer.

Disso eu me lembro bem. Éramos seis crianças em casa e a passagem de bonde com desconto para famílias numerosas se chamava "Würmeling".

Seu filho mais velho era meu amigo. Em sua casa muitos jesuítas entravam e saíam constantemente. Com meus 15 ou 16 anos, eu me impressionava grandemente com o que lá se falava e discutia. Era um prazer ouvi-los. Tinham uma visão ampla e

aberta para o mundo, bem diferente da visão dos nacional-socialistas.

Aqueles com quem tive contato ali tinham uma formação de alto nível, eram muito espirituais e disciplinados. Irradiavam uma simpatia que me fazia bem.

"Professor, eu nunca quis ser"

Era uma espécie de disciplina espiritual e intelectual, que não tinha nada a ver com a obediência?

Os jesuítas não são obedientes nesse sentido. Cada um é autônomo. Eles manifestavam uma espécie de liberdade de espírito e possibilidades de desenvolvimento que eu não conseguia encontrar em outras partes.

Eu tinha um grande respeito por esses jesuítas. Cheguei a pensar em tornar-me um deles, mas uma coisa me deteve: muitos jesuítas precisam tornar-se professores. Jamais desejei ser um professor. Ensinar alunos por 20 anos numa escola? Para isso eu não precisava ser sacerdote e ingressar numa ordem religiosa - foi o que pensei. Então preferi procurar os missionários de Mariannhill. Apesar disso, vim a tornar-me, mais tarde, professor na África do Sul. Assim é: aquilo de que fugimos nos alcança de repente.

Portanto, o seu desejo era tornar-se missionário e não professor, não ir para a escola, mas sair para o grande mundo?

Exato, algo assim. Naturalmente, eu não fazia nenhuma ideia do que significava ser missionário, num país distante. Idealizei uma imagem, misturada com um certo prazer pela aventura. Desde o internato eu já me movia nesse campo. Desde então, já fazia parte dele.

Assim, depois do internato, frequentei o ginásio em Kassel e filiei-me a um pequeno grupo do movimento católico da juventude. Esse movimento estava proibido, e éramos vigiados abertamente pela Gestapo.

Ao terminar a sétima e penúltima classe do ginásio, todos nós fomos incorporados, inicialmente na prestação de serviços e, depois, no exército.

Bem no início de minha prestação de serviços, um dos chefes do trabalho entrou na sala, aproximou-se de mim e me envolveu numa conversa. Era da Gestapo, mas eu ainda não sabia disso. Ele puxou uma conversa sobre Nietzsche e Hegel. Aos 17 anos, naturalmente eu não sabia muito a respeito, mas não deixava de saber alguma coisa. Ele disse: "Hegel teve uma antevisão do Estado atual". Eu lhe respondi: "Hegel odiava o Estado", e ele imediatamente retorquiu: "*Você* odeia o Estado". De repente, tive a certeza de que estava sendo interrogado.

Um ano depois, quando eu estava no exército e estacionado na França, nossa classe recebeu pelo correio o certificado de conclusão do ginásio. O último ano nos fora abonado, porque todos estávamos servindo no exército. Entretanto, foi exigido um

certificado da prestação de serviços e no meu certificado constou que eu era um "elemento potencialmente nocivo ao povo". Naquela época, isso significava praticamente uma autorização de fuzilamento. Com isso, recusaram-me o diploma.

Quando minha mãe soube disso, procurou o diretor da escola e o interpelou energicamente: "Meu filho está servindo o exército, está arriscando sua vida e vocês lhe recusam o diploma?" O diretor ficou envergonhado e lhe entregou o diploma. Minha mãe lutara por mim como uma leoa.

Eu já conseguira distanciar-me do nacional-socialismo, pois tinha frequentado um internato cristão, e minha família também se movia num campo onde era possível distanciar-se. Minha mãe manteve-se absolutamente imune a qualquer sedução. Somente mais tarde pude perceber que enorme feito foi para ela ter conseguido manter-se fora disso. Para isso ela se valeu também de sua fé.

Também meu pai resistiu até o fim a todas as pressões para tornar-se membro do partido nazista. Nesse particular fui fortalecido por meus pais. Isso eu tenho em alta conta. Não foi uma realização pessoal minha, mas recebi essa força de minha mãe e de meu pai. Essa atitude, de tomar distância do entusiasmo geral e da pressão que ele exerce, continuou mais tarde, sob vários aspectos - inclusive na África do Sul. Isso se mostra também em minha vida atual. Mantenho minha distância e prezo minha liberdade. Com isso, movo-me num campo mais amplo.

Em sua concepção, movemo-nos num campo do qual não podemos escapar. Entretanto, falando de si, o senhor diz agora que existe uma liberdade pessoal – a capacidade de distanciar-se, de não ceder à sedução.

Apenas relatei o fato. Outra questão é a de saber se isso pode ser atribuído a uma liberdade. Vivencio como um presente o fato de que, em minha vida, eu sempre percebi, em determinado momento, que algo acabou, que passou. É uma compreensão. Então eu sentia a força para agir, mas isso não resulta de uma decisão baseada numa reflexão e na busca de um objetivo. Eu sigo um movimento interior. Nessas decisões essenciais não existe liberdade de escolha. Eu não podia agir de outro modo. Em caso contrário, teria desistido de mim.

Portanto, existem encruzilhadas, "decisões" – por exemplo, quando o senhor se separou de sua ordem religiosa e se tornou terapeuta?

É claro. A gente segue a própria destinação – mesmo quando isso exige coragem.

O *senhor afirma que todos nós somos tomados a serviço. Agora diz também que posso decidir-me a seguir o chamado ou a permanecer onde estou. Isso parece contraditório.*

Admito que é uma contradição. O que importa para mim é algo essencial na alma, o ponto onde sentimos a nossa essência, o cerne de nosso ser. Lá nos é prescrito onde existe progresso para nós e onde não existe. Quando sigo esse movimento não posso desviar-me. Nele ganho força e permaneço ligado a esse cerne íntimo.

Essa é uma reflexão filosófica que não pode ser demonstrada.

Isso não importa. Ela produz na alma determinados efeitos - é apenas isso que me interessa. Presumo que esse núcleo essencial é imortal. Meu núcleo essencial não termina com a morte, e meu desvio dele, também não. Algumas experiências com as constelações familiares sugerem essa pressuposição - por exemplo, que os mortos atuam sobre o presente porque não completaram alguma coisa e ainda não se encontraram com a sua essência.

Como o senhor percebe essa "destinação"?

Quando estou em sintonia, nada pode dar errado para mim. Nesse momento apodera-se de nós um movimento criativo que nos carrega. Não sou livre e, não obstante, nada mais quero, porque isso corresponde ao mais íntimo em mim. Esse é o caminho onde ocorrem os *insights* decisivos.

Essa não é uma dimensão mais mística? Jung diz: "Torna-te quem és."

Vai nessa direção. Em todos os tempos falou-se dessa verdade interior. As crianças pequenas, por exemplo, estão desde o início conectadas com ela. Só mais tarde se desviam.

Portanto, é possível estar conectado ao próprio núcleo essencial, apesar dos envolvimentos sistêmicos?

Os envolvimentos são dissolvidos, até certo grau, pela compreensão. Não nos desprendemos do sistema quando nos livramos deles.

Porém?

Depois de algum tempo, dou, com amor, um lugar em meu coração à pessoa com quem eu estava enredado. Então já não estou separado, mas ligado a essa pessoa - não, porém, enredado. Essa ligação me faz crescer.

Quando fala de sua juventude, o senhor fala mais da sua mãe e menos do seu pai?

Tenho percebido, cada vez com maior clareza, que o decisivo para nós começa com a mãe. Naquela época, como é natural, eu não percebi o que minha mãe realmente significou para mim. Só o consegui muitos anos mais tarde, numa terapia. Então tomei consciência de que minha mãe sempre esteve presente. Somente então ficou claro para mim o que significa isso. Ela cozinhava, lavava, costurava, fazia tudo - sem se queixar, com toda a naturalidade. E lutou por mim.

Meu pai era muito severo. Isto pesou, às vezes, em minha infância. Apenas mais tarde pude perceber como ele foi importante para mim, justamente por causa dessa severidade. Tive uma bela experiência a respeito. Contei certa vez em Berkeley, a um conhecido terapeuta, Stanley Keleman, que *nesse* particular eu tive uma juventude difícil. Ele olhou para mim e apenas sorriu. Depois comentou: "Mas você é forte". De

repente, percebi a força que me vinha de meu pai e como ele tinha sido importante para mim com o seu rigor. Sinto-me profundamente ligado a ele.

Isso não foi sempre assim?

Não, foi uma evolução, como em todos os filhos.

"No fundo, cresci sem passar pela juventude"

A guerra

Portanto, aos 17 anos o senhor era visto como "potencialmente nocivo ao povo" e foi incorporado ao exército. Como vivenciou isso? Era uma enorme limitação de sua liberdade. Penso na juventude de hoje que, depois de formar-se, organiza sua vida com viagens ao exterior, estágios, cursos superiores ou um ano de serviço social na América do Sul.

Não tive tempo algum para pensar em grandes coisas sobre minha "realização pessoal", como hoje se diz. No fundo, cresci sem juventude. Não havia isso naquele tempo. Essa fase não aconteceu comigo. Quando voltei da guerra, aos 20 anos, cerca da metade de meus colegas estavam mortos. Também meu irmão não retomou da guerra, e as cidades jaziam em ruínas. Já não é possível sentir hoje o que significou. O sentimento de vida era totalmente diferente, mas dele vem também uma força especial.

Nesse tempo eu fui tomado a serviço, não sei por que forças. Fui utilizado para alguma coisa. Em cada sistema existe uma certa pressão para completar algo inconcluso. Por exemplo, talvez o sistema pressione algum descendente para resolver algo por seus antepassados. O sistema compele alguém, seja numa direção, que chamamos positiva, seja numa direção negativa, sem que o indivíduo possa decidir.

O que é "positivo" e o que é "negativo"?

Positivo é quando alguém faz algo de bom pelos outros, simplesmente a vida ordinária. Alguém se casa, tem filhos, promove-os, eles se tornam autônomos - isso é algo grande. Essa pessoa está sintonizada com um movimento bom, positivo.

Uma outra pessoa, numa outra situação, talvez se torne assassina, e isso de forma inevitável, sem liberdade de decisão. Ela também é tomada a serviço por uma instância superior.

O senhor fala de "positivo" e "negativo". Isso soa como uma avaliação. Isso se entende nesse contexto, pois se falou de um assassino.

Digo isso apenas porque costumamos fazê-lo. Para mim o processo é o mesmo, ambos não são livres, não são livres no bem e não são livres no mal. Nessa medida, não dou preferência a nenhum. É simplesmente do jeito que é. São destinos que

tocam a cada um. É o próprio sistema que compele uma pessoa a isso. Numa escala mais ampla, existem movimentos poderosos que arrebatam as pessoas e as carregam consigo ou que - como o nacional-socialismo ou o comunismo - empolgam nações inteiras.

Naquele tempo o senhor sentiu isso dessa maneira?

Nessa guerra a gente estava fora de si. Fui envolvido em algo de que não podia escapar, com permanente risco de vida. Às vezes me espanta, ainda hoje, como pude sair daquela situação.

"Há um maldito alemão escondido no trem"

A fuga

Como conseguiu isso?

Eu estava com as forças armadas que combatiam na frente ocidental. Muitos companheiros ao meu lado morreram ou foram gravemente feridos. Eu mesmo muitas vezes escapei da morte por um triz - por exemplo, quando, por falta de alternativa, tivemos de atravessar um campo minado. Então, diante de Aachen, fui aprisionado pelos americanos e internado num acampamento em Charleroi, na Bélgica. Éramos 1600 presos e trabalhávamos dez horas por dia num gigantesco acampamento de suprimentos das tropas americanas. Por ordem do General Eisenhower, davam-nos, como castigo, apenas a metade das calorias diárias necessárias ao organismo nesse serviço pesado.

Descarregamos e carregamos um milhão de toneladas de suprimentos de víveres para as forças americanas. Como não recebíamos comida suficiente, procurávamos furtar o que fazia mais falta. Quem era pilhado nesses furtos era severamente punido: 30 dias de prisão especial. À noite se aglomeravam 50 homens num espaço mínimo, onde não se podia sentar nem deitar. Durante o dia trabalhavam 12 horas. A ração consistia em cinco *crackers* pela manhã, quatro ao meio-dia e cinco à noite - apenas nisso.

Quando fui apanhado pela primeira vez me livraram desse regime depois de cinco dias, por razões que desconheço. Nesse castigo ninguém aguentava mais de 30 dias. A maioria desfalecia depois de 10 ou de 14 dias. Eram medidas draconianas.

Certa vez, cinco companheiros tentaram escapar, pulando a cerca. Foram apanhados, simplesmente colocados contra a parede e fuzilados.

Mais tarde fui de novo pilhado furtando víveres. Dessa vez me puseram num barracão sem janelas onde só recebíamos pão e água. Era inverno e não tínhamos cobertores.

Quem fosse apanhado naquela época tinha de cavar um buraco, era açoitado, depois

levado ao barracão e tinha a cabeça raspada. Também tive de fazer uma cova, com um soldado americano rondando em volta, mas não fui açoitado. Puseram-me no barracão, donde me tiraram depois de sete dias, sem me interrogarem. Também não tive a cabeça raspada. Achei isso estranho.

Que explicação o senhor encontrou?

Naquele tempo não encontrei explicação. Mais tarde, um amigo meu, que continuou no acampamento por longo tempo, depois de minha fuga, esclareceu-me a razão daquilo. O "americano", meu vigilante, era na realidade um judeu alemão que naturalmente nos entendia, mas não deixava transparecer isso. Muitos prisioneiros o ridicularizavam, chamando-o de 'bicha' ou outros nomes. Eu lhes dizia: "Vocês não devem dizer isso". Todos pensávamos que ele não entendia. Mas ele entendia tudo e por isso me protegeu mais tarde.

Quando saí do barracão, sem que me raspassem os cabelos, pensei: "Isto é um sinal. Para mim o cativeiro acabou." Cinco dias depois eu estava em liberdade.

O senhor também tentou pular a cerca? Como conseguiu fugir?

Fiz com que me escondessem num trem de abastecimento que estava de partida para a Alemanha. Meus camaradas fizeram um esconderijo para mim num vagão, debaixo das caixas, para que não me achassem facilmente. Os vagões estavam totalmente carregados e naturalmente ninguém iria descarregar todo o trem pela suspeita de que estivesse lá o prisioneiro desaparecido. O trem ainda permaneceu um dia inteiro no acampamento. À noite, soldados americanos caminharam sobre os vagões, à minha procura. Eu os ouvi dizer: *"There is a fucking german somewhere in the train"*, mas não me encontraram. O trem levou seis dias para chegar à Alemanha. Perto de Würzburg abandonei o meu esconderijo e saltei do trem. Assim terminaram para mim a guerra e o cativeiro, onde eu passara um ano.

Situações semelhantes aconteceram outras vezes em minha vida: deixo-me conduzir pelo interior e tomo uma decisão porque sei: agora é o momento de dar esse passo.

Como o senhor percebe isso?

Por uma total segurança interna. Eu sei quando termina um capítulo da minha vida e não hesito nenhum instante.

"Essa decisão não foi livre"

A ordem religiosa

Naquela época o senhor era muito jovem, tinha 19 anos. Teve a mesma segurança na escolha de sua profissão?

Isso foi claro para mim muito cedo, desde os cinco ou seis anos. Eu queria ser sacerdote. Seis semanas depois que voltei da guerra, ingressei numa ordem religiosa.

Não houve ninguém que lhe disse: "Você precisa ser padre"?

Não, mas naturalmente eu vivia num campo religioso. Em retrospecto, vejo que essa decisão também teve a ver com o meu envolvimento familiar. Essa decisão, portanto, não foi livre. Foi predeterminada pelo meu sistema familiar.

Presumo que, olhando para o passado, muitas pessoas percebem que sua vida, tal como a viveram, também teve uma condução. Isso o senhor diz agora, aos 80 anos. Teve consciência disso na própria situação?

Não, a gente não o percebe. Num sistema familiar a percepção é limitada, é determinada através do campo. Quando olho em retrospecto, não deploro isso. Esses caminhos têm a sua importância. Eu não gostaria de ter perdido nada disso. Essas experiências me tornaram aquele que sou.

Portanto, o senhor ingressou na ordem religiosa. Como foi isso? Pouquíssima gente tem uma ideia do que seja o aprendizado de um monge.

Entrando na ordem religiosa, passei um ano no assim chamado noviciado. Esse primeiro ano é uma introdução à vida espiritual. A gente faz apenas meditação, orações em comum, leituras espirituais e ouve palestras. Nessa época eu me ocupei muito com a mística ocidental.

A meditação correspondia à nossa ideia de hoje ou era diferente?

Na meditação cristã a gente se ocupa com passagens bíblicas - sem mantras e sem oração ou, então, com uma parábola, uma história ou o relato da paixão de Jesus. Para mim foi também uma iniciação à história e aos exercícios da espiritualidade.

O que importa aí é a purificação interior. A gente se exercita em dedicar atenção total a alguma coisa. Era uma escola rigorosa.

Depois de algum tempo, abandonamos muitos desses exercícios. Por exemplo, já não fazemos orações. Simplesmente olhamos, tranquila e atentamente, para o vazio. Nisso consiste o recolhimento. Pode ser comparado à atitude básica da percepção fenomenológica.

Como era o seu dia?

Pela manhã havia meia hora de meditação em comum, depois missa, várias vezes ao dia as orações em coro. Nos intervalos meditávamos livremente. Dispus de um ano inteiro para isso, sem outras obrigações. Foi como um longo retiro - minha iniciação à espiritualidade. Passado esse ano, decidi- me pela ordem religiosa e fiz os assim chamados votos temporais, por três anos. São os votos de pobreza, castidade e obediência. Depois de três anos esses votos são renovados para toda vida.

Muda a forma da meditação?

Sim, é claro, a gente faz progressos.

Onde se revelam esses progressos?

No recolhimento. É o que faz o monge por toda a sua vida. Ao mesmo tempo, é uma preparação para conhecimentos mais profundos. Conhecimento profundo exige recolhimento. O método fenomenológico, a contemplação, provêm do recolhimento. Isso significa persistir numa coisa até que algo que estava oculto se desvende diante do olhar interior e mostre a sua essência.

O senhor usa muito essa palavra em suas constelações, quando diz, por exemplo: "Coloque as pessoas, estando totalmente recolhido". Como é que alguém fica "recolhido"?

Esse recolhimento se atinge por meio de uma purificação. No fundo, isso se aplica também à meditação budista - não há diferença. O recolhimento acontece para além da intenção. Nesse sentido ele também nos é presenteado. A purificação começa com a noite dos sentidos. Retiro minha atenção das impressões sensoriais, não me deixando desviar pelos sentidos da visão, da audição, do olfato. Depois disso vem a purificação do espírito.

Fechamos os olhos, trancando o sentido da visão. Entramos no silêncio e não ouvimos mais nada. Mas o que significa purificação do espírito?

Purificação do espírito significa que renuncio ao saber, que renuncio à curiosidade, que renuncio a toda ambição. Essa renúncia nos permite expor-nos a uma situação, sem influências externas - sem a influência dos sentidos e sem a influência do espírito.

O que significa "sem influência do espírito"?

Sem a influência proveniente do medo, de teorias, de ideologias ou da fé. Isso significa a total purificação do espírito. Essa purificação do espírito pode ser praticada por nós até um certo grau. Então, as circunstâncias da vida nos trazem a noite obscura, a noite do abandono por Deus, onde mesmo Deus deixa de ter um papel, onde somos totalmente mergulhados na escuridão - seja o que for que aconteça em nossa vida. A noite obscura é a purificação decisiva.

Esses são os exercícios da vida que não podemos planejar e querer, para os quais não há prévio treinamento. Os ataques a que o senhor se vê exposto aqui na Alemanha são algo assim?

Às vezes eu os vejo por esse lado. Na noite escura, o provisório desmorona.

Eu gostaria de entender mais uma vez. A noite escura nada tem a ver com o abandono por Deus, no sentido da falta de proteção.

Pelo contrário, a gente também se sente desprotegido. Perde a confiança, não tem a esperança habitual. A gente também se purifica das imagens de Deus, da própria esperança em Deus. Com isso chegamos a um caminho totalmente diferente, a um

outro patamar. Nesse caminho da grande purificação dos sentidos, do espírito e também da vontade, alcançamos finalmente a profunda compreensão.

O que descrevo aqui não se reduz, naturalmente, a uma prática cristã. É um bem comum da humanidade. Em todas as religiões existem pessoas que decidem seguir esse caminho e são conduzidas a ele.

No Budismo fala-se muito de "esvaziar-se". Como isso se relaciona ao que o senhor denomina "recolhimento"?

O recolhimento e o vazio estão interligados. O que descrevi é, na verdade, um esvaziar-se. Algo se toma vazio. Mas como se chega a isso? Chega-se ao vazio pelo assentimento a tudo, tal como é. Essa aceitação é um movimento de amor.

Nosso primeiro livro chamou-se "Anerkennen, was ist"- Reconhecer o que é[1]. Agora o senhor diz: "Assentir a tudo, tal como é". Qual é a diferença?

Essa aceitação implica renunciar à diferenciação entre o melhor e o pior. Ela não comporta a lamentação, o ato de deplorar uma culpa, por exemplo. Ela não faz exigências, não tem expectativa, não recrimina. É o assentimento ao mundo, tal qual ele é. Somente assim se conjugam o recolhimento, o vazio e a plenitude. No esvaziamento desaparece algo que me impede de concordar e, inversamente, pelo assentimento eu me esvazio. Nessa atitude de total aceitação e de renúncia a todo desejo, a toda vontade própria, exponho-me totalmente à realidade.

Então a realidade começa a falar por si mesma. Quando quero tirar proveito dela, ela se afasta de mim, mas quando deixo de colocar-me acima dela, ela me revela algo essencial. O termo grego que designa a verdade significa "o que não está oculto"[2]. A verdade está, portanto, do lado de fora, é externa, não está em mim ou em minhas conclusões. Ela vem ao meu encontro. Entretanto, mostra-se apenas aos poucos, jamais por inteiro.

O que o senhor descreve já é a atitude fenomenológica. Isso me soa como algo muito filosófico, pouco concreto, sem referência a uma ação.

O que se manifesta através dessa via de conhecimento está sempre relacionado a uma ação possível. A compreensão obtida através desse caminho permite agir de uma nova maneira. Sem essa aplicação, a compreensão se esvazia e se fecha de novo.

Com referência à constelação familiar, o que isso significa nesse contexto?

A constelação familiar é uma compreensão aplicada. Como um método, ela trouxe à

---

[1] Texto da primeira entrevista realizada com Bert Hellinger por Gabriele ten Hövel, em 1995. Publicado pela Editora Cultrix com o título Constelações familiares. (N.T.)

[2] O termo grego é "*Alétheia",* derivado do verbo *lantháno,* esconder, em composição com o alfa privativo. (N.T.)

luz muitos *insights* decisivos. Por exemplo, o que tantas vezes me censuram, que dou aos perpetradores um lugar na família em vez de condená-los, resultou de um *insight* obtido através do trabalho com as constelações. Quando concordo com tudo da forma como é, sem julgamento, minha atitude com respeito aos perpetradores é apenas uma consequência dessa via de conhecimento.

O senhor tinha 20 anos, voltava da guerra e trilhou esse caminho. Hoje é difícil imaginar isso. Exercício, contemplação, silêncio: isso lhe agradou sempre? Pois é algo muito especial.

Sim, por certo. Perseverei nesse caminho por toda a minha vida, mesmo quando estudei filosofia e teologia. Na comunidade do mosteiro eu meditava todas as manhãs e rezava junto com os demais. Somente depois disso frequentei a universidade.

Suas palavras desmentem um pouco a imagem que muita gente faz de uma ordem religiosa. A gente imagina que os religiosos se matam de estudar e rezam para converter as pessoas, que são formados para proteger e congregar as ovelhas - para me exprimir de modo um pouco vulgar.

As pessoas têm ideias erradas e imagens estranhas sobre isso. As ordens religiosas seguem uma antiga e sólida tradição espiritual que, entretanto, está hoje desaparecendo em algumas ordens. Muitos esquecem as raízes da espiritualidade cristã, que compartilha o essencial com todas as grandes religiões. Para mim essa vida foi muito valiosa. Recordo essa época com gratidão.

"Eu não fazia nenhuma ideia"

Como missionário de Mariannhill na África

Como foi na África? O senhor conservou lá esse modo de vida?

Isso fazia parte dela.

Isso significa que o senhor viveu assim 25 anos – até que aos 45 deixou a ordem religiosa. Naturalmente, é uma escola de vida difícil de imitar.

Também vejo assim. Isso exige uma elevada disciplina.

Quando resolveu entrar na ordem de Mariannhill e não na dos jesuítas, porque de lá o mundo distante lhe acenava, o senhor associou isso ao que se diz dos missionários: "Vou proclamar a doutrina de Cristo e converter os negros pagãos"?

Eu não fazia nenhuma ideia do que realmente me esperava. De qualquer maneira, a prática é diferente do que se pensa. Somente quando cheguei à África do Sul percebi o que realmente significa ser um missionário. O que realizei lá foi principalmente um trabalho cultural.

A ordem dos missionários de Mariannhill nasceu de um mosteiro trapista. Um bispo da África do Sul convidou um abade austríaco, Franz Josef Pfanner, a fundar um mosteiro na África do Sul. Esse abade era trapista, e Mariannhill é o nome do mosteiro que fundou.

Os trapistas apenas oram e trabalham. São uma ordem contemplativa muito estrita. Não desenvolvem trabalho pastoral e cada mosteiro é autárquico. Isso significa que eles fazem tudo por si mesmos. Naquela época, desenvolviam a lavoura e o artesanato. Tinham sua própria usina elétrica, seu próprio abastecimento de água, suas próprias oficinas e sua própria lavoura.

E todos tinham que fazer alguma coisa?

Os trapistas seguem a regra de São Bento. O lema dos beneditinos é *Ora et labora* - reza e trabalha. Entre os trapistas o trabalho tinha uma grande importância, um trabalho pesado, por sinal. Mariannhill cresceu muito rapidamente e tomou-se o maior mosteiro trapista do mundo, com cerca de 300 monges. Eram, em sua maioria, irmãos leigos, sem formação teológica, principalmente artesãos, poucos eram sacerdotes.

Depois de algum tempo, começaram a entrar em contato com os nativos. Ensinaram-lhes a agricultura e fundaram escolas. Assim começou o trabalho missionário. Muitos nativos se batizaram e surgiram comunidades cristãs. Os trapistas não puderam manter na missão suas regras rigorosas, por isso, esse mosteiro trapista transformou-se numa congregação missionária, e suas regras foram adaptadas a esse trabalho.

Somente lá pude perceber o que significa o trabalho missionário: fundar escolas e ensinar as pessoas, por exemplo, a arte da lavoura, pois os zulus, na África do Sul, eram inicialmente nômades e criadores de gado e pouco sabiam de agricultura. O trabalho missionário era, portanto, em primeiro lugar, um trabalho cultural. Em conexão com ele proclamava-se a mensagem cristã. Assim surgiram por toda parte comunidades cristãs.

E para isso precisavam de padres? O senhor foi para lá por essa razão?

Inicialmente enviaram-me à universidade na África do Sul por mais três anos, para me preparar para o magistério em escolas superiores. Em seguida dirigi uma escola por algum tempo, depois fui para uma estação missionária. Uma estação corresponde a uma paróquia entre nós. Essa estação central controlava ao seu redor dez estações subsidiárias, que eram regularmente visitadas. Cada uma delas possuía uma escola.

Então o senhor não trabalhou na lavoura, mas como professor e sacerdote? O que foi bonito e satisfatório nesse trabalho?

Pude colocar algo em movimento. As pessoas ficavam agradecidas, pois aprendiam

e se desenvolviam. A ligação entre os fiéis e os padres era de total confiança, muito bonita. Quando eu voltava à Alemanha, de tempos em tempos, notava uma grande diferença, pois aqui havia poucos pontos de contato, além da missa. Isso eu sentia, às vezes, como decepcionante, em comparação com as experiências que tivera na missão. O trabalho lá nos preenchia.

Lembro-me de pessoas que nas campanhas como "Pão para o mundo" ou "Serviço no Ultramar" estiveram na África como ajudantes do desenvolvimento. No final dos anos 70, entrevistei algumas delas para um programa radiofônico. Elas contaram coisas semelhantes. Seus olhos brilhavam quando falavam de sua vida ali. Depois tinham dificuldade em acostumar-se à vida sóbria das paróquias alemãs.

Na África é muito mais vivo. Éramos dois em minha primeira estação missionária. Visitávamos regularmente nossas missões externas. No início íamos a pé, às vezes a cavalo. Mas tarde ganhei uma motocicleta e ficou mais fácil. O terreno era muito difícil de transitar.

Quando eu chegava a alguma estação periférica, os cristãos se reuniam e celebrávamos a missa em comum. Aquele dia era um feriado para eles. As visitas duravam o dia inteiro e, no dia seguinte, eu partia para a próxima estação. Aos domingos havia a missa na estação principal e depois outra numa das estações periféricas mais próximas. Eu ficava totalmente envolvido.

Mas tarde tornei-me vigário na paróquia da catedral. Quando comecei ali, visitei todas as famílias, no espaço de um ano. Fui visitar cada família e os conheci pessoalmente, era algo belo e vivo. A paróquia tinha mais de dez mil cristãos.

Que impressão o senhor teve dos cristãos ali? Eram diferentes dos demais?

Era fácil distinguir os cristãos dos "pagãos", como se dizia naquele tempo, pois tinham uma fisionomia mais aberta. Muitos não-cristãos eram ansiosos e fechados. Temiam a feitiçaria. Isso tinha algo de opressivo. Os cristãos eram muito mais livres e autônomos e frequentemente lideravam as discussões. Colaboravam no trabalho e no planejamento, na escola e na igreja. As comunidades tinham muita vida.

O senhor não entrou em conflito com os ritos tribais ou com a aderência das pessoas aos seus clãs originais?

Nas regiões onde trabalhei, a maioria dos habitantes já eram cristãos – não apenas católicos, pois também havia muitos missionários evangélicos. De pagão e primitivo, pouca coisa havia. Muitos já tinham se desenvolvido, pois tinham instrução escolar.

O que o senhor conta parece muito sem problemas. O senhor tem agora quase 80 anos e está reconciliado com sua vida. Às vezes é bom ouvir também das pessoas alguma coisa sobre seus erros e perturbações, pois também podemos aprender com isso. Por isso eu me pergunto: quais eram as perturbações na vida do missionário Bert Hellinger?

A África do Sul foi uma experiência tranquila. Eu estava simplesmente dedicado ao trabalho. Mais tarde supervisionei todas as escolas da diocese e treinei seus professores. Perto do fim de minha permanência na África, fui diretor de uma escola de elite para nativos em Mariannhill. Era uma das principais escolas para nativos na África do Sul. Foi para mim uma experiência especial. Naquele tempo conheci também a dinâmica de grupo. Ela me ajudou muito e contribuiu imensamente para o meu desenvolvimento.

Por que o senhor voltou para a Alemanha, se estava tão satisfeito na África?

Naquela época eu me interessei muito pela teologia e acompanhava seus desenvolvimentos mais recentes. Isso se refletia em minhas aulas de religião. Então me acusaram de não estar mais ensinando de acordo com a igreja. Meu bispo deixou-se impressionar por essas críticas. A isso eu respondi, dizendo: "Se não confiam mais em mim, entrego todos os meus cargos".

Teologia moderna, o que isso significava, então?

Minha especialidade era a exegese bíblica. A interpretação moderna colocara muitos pontos sob uma nova luz. Toda a história do Natal, por exemplo, tem pouco valor histórico. O mesmo ocorre com muitas epístolas atribuídas a São Paulo e que não foram escritas por ele. Hoje isso é de domínio público. Do ponto de vista contemporâneo, essas controvérsias parecem inofensivas e superadas. Contudo, naquela ocasião devolvi os meus cargos.

Apesar disso, nomearam-no reitor no seminário alemão de Mariannhill?

Essa foi uma curiosa contradição. Na África do Sul eu era considerado meio herege e na Alemanha devia formar candidatos ao sacerdócio. Dessa maneira, voltei à Alemanha. Durante esse tempo comecei uma formação em psicanálise, para explorar novos territórios e também me ocupei com outras formas de psicoterapia. Minha vida continuou a desenvolver-se organicamente. Isso incluiu, posteriormente, minha saída da ordem religiosa.

Quem o considerou herege, na África do Sul?

Poucas pessoas, mas que tinham influência. Os nativos me apreciavam muito, gostavam de mim. Eu tinha posições bem definidas com respeito ao *apartheid,* e eles percebiam que eu não era um hipócrita. Agia da maneira que considerava correta, não me acomodei nem me insinuei.

Como missionário, eu trabalhava num campo estranho. Embora nada soubesse, na época, a respeito dos "campos", já não me sentia no direito de me intrometer em outros campos...

Como um branco num campo de negros. Como isso pôde acontecer sem envolver uma atitude colonialista ou missionária?

Nós nos encontrávamos e nos respeitávamos mutuamente. Jamais quis, sendo um branco, ser e falar como um negro. Essa atitude, eles apreciaram muito. Ao mesmo tempo, aprendi muito com eles. Eu tinha total respeito e me impressionei com muita coisa.

O que o impressionou?

Primeiramente, o respeito que eles mostram por seus pais. Isso me impressionou muito. Também a segurança com que as mães lidam com seus filhos era impressionante. Dificuldades com filhos é algo que não conhecem. Simplesmente sabem do que as crianças precisam. As mães eram sempre dedicadas. Outra coisa que tomei de lá foi o respeito diante do próximo. Lá cada um pode preservar sua reputação. Impressionou-me também como tomavam suas decisões nas assembleias comunitárias. Trocavam ideias entre si com muita vivacidade, pelo tempo que fosse necessário, até que chegassem a uma solução. Essa forma de convivência também me marcou.

O senhor é um homem que passou 55 anos de sua vida em contemplação, meditação, ensino e terapia. O que foi o mais importante em sua vida?

O importante para mim foi sempre o crescimento interno. Minha experiência na África contribuiu grandemente para isso.

Como o senhor investiu seu interesse teológico na África?

Sempre me interessei pela forma como se transmite uma mensagem. Nesse particular, pude realizar alguma coisa. Preparei muitos materiais para o ensino da religião e outros recursos para tornar a liturgia mais compreensível. Com ajuda de padres nativos compus novos cânticos religiosos na língua zulu, que são cantados ainda hoje.

Estava convencido, naquele tempo, de que o crescimento interno somente é possível através da fé cristã?

Notei rapidamente que outras pessoas também são boas pessoas. Vi que ser bom não depende apenas da fé, mas principalmente da experiência de vida.

Existem aspectos em sua vida onde o senhor diz: aqui me enganei, esse foi um desvio?

A senhora já encontrou alguém que nunca se enganou?

Meus erros dizem respeito à mente, não ao meu caminho de vida. Aliás, eu me pergunto: afinal de contas, é possível existir algum caminho errado? Na África senti que estava no caminho certo e nunca me arrependi dele. Naquele tempo pensei que ficaria lá por toda a vida. Não tinha a menor ambição de voltar à Alemanha. Isso me foi, por assim dizer, imposto pelas circunstâncias.

A despedida foi difícil?

As despedidas nunca foram difíceis para mim. Eu logo me orientei para a frente.

O senhor conheceu a dinâmica de grupo em 1964, na África do Sul. Esse foi o seu primeiro encontro com o mundo da terapia. Esse momento representou uma guinada em sua vida?

Pelo menos, foi um aspecto importante em minha evolução. Sacerdotes anglicanos tinham organizado esses cursos. Esses grupos eram frequentados por negros, brancos, índios, mestiços, católicos e protestantes. Todos aprendiam juntos. Eram grupos ecumênicos, sem separação de raças - algo inédito na época.

Por quê?

Todas as raças e confissões religiosas compareciam juntas. Na terra do *apartheid,* foi para mim uma incrível experiência. A ideia de dividir seres humanos, segundo raças ou religiões, era ali totalmente estranha.

Eu era católico. Ainda não conhecia os anglicanos, não tivera nenhum contato com eles. De repente, chego e vejo como são piedosos - realmente piedosos. Isso me impressionou muito. De repente, percebi que estamos todos no mesmo barco e que as diferenças externas, na cor da pele ou na fé, não têm nenhuma importância.

Eu vivia então numa sociedade católica, hermeticamente fechada. Lembro-me perfeitamente de como era isso quando cheguei à África e lá comecei uma segunda formação superior. Eu vinha de uma universidade como a de Würzburg, onde os teólogos, no final dos anos 50, desempenhavam um papel importante e eram grandemente respeitados. Estava acostumado a isso. Na África do Sul tornei-me, de repente, um indivíduo entre muitos e era tratado sem privilégios. Na época, ainda pensava que só podia ser bom quem tem fé. Então notei que existem professores que absolutamente não crêem e eram excelentes pessoas! Esta foi a primeira guinada, quando subitamente percebi: "Em que idéia eu embarquei?"

Quando conheci a dinâmica de grupo, já estava dirigindo uma grande escola para negros que vinham de toda a África do Sul.

"Pessoas ou ideais? O que você sacrifica pelo quê?"

A dinâmica de grupo

Minha vivência fundamental, logo no primeiro treinamento, foi a pergunta do treinador: *"People or ideals - what do you sacrifice for what? Ideals to people or people to ideals?"*- O que é mais importante para você, as pessoas ou os ideais? O que você sacrifica pelo quê: as pessoas pelos ideais ou os ideais pelas pessoas?" Então ficou claro para mim que, em meu trabalho como missionário, eu tinha frequentemente perdido de vista as pessoas. Esse *insight* foi decisivo e, desde então, isso se inverteu para mim.

Comecei logo a praticar a dinâmica de grupo na escola. Foi a minha transição para a terapia: eu entrara no espaço das experiências da alma.

Como era o seu trabalho antes disso? O senhor estava casado principalmente com os ideais?

Essa é a atitude cristã: proclamar a fé e uma moral, como se fossem válidas para todos. Instar o indivíduo a comportar-se de modo correspondente, para que seja salvo. No encontro com esses treinadores anglicanos, o ser humano voltou a ser o mais importante em meu olhar. Sou muito grato a eles.

Como se mostrava em seu trabalho essa dedicação aos ideais? Pode citar algum exemplo?

Posso dizer-lhe o que mudou em mim, a partir daí. Quando voltei à Alemanha, dirigi em Würzburg um seminário que preparava candidatos ao sacerdócio. Vi que isso não podia continuar dessa forma. Quando se olha para as pessoas, isso não é possível. Aconselhei a todos os estudantes que, além do estudo da teologia, aprendessem uma outra profissão, para terem liberdade em sua escolha profissional. Não quis mais "fazer" padres, mas oferecer aos estudantes uma alternativa, para que pudessem decidir-se de modo realmente livre.

Aliás, algo semelhante vale também para a psicoterapia. Quando uma pessoa é formada como psicoterapeuta, existe, às vezes, o perigo de que ela seja sacrificada ao ideal. Precisa comportar-se de modo a corresponder ao ideal dessa escola terapêutica e não tem o direito de tomar outra direção.

Isso ocorre com todas as profissões, juristas, médicos, professores etc.

Aí costuma ser diferente. Entre os professores, os juristas ou os médicos, trata-se antes de aprender como se faz alguma coisa, sem que alguém tenha que mudar em sua alma. Já nas escolas terapêuticas, a pessoa frequentemente se obriga a uma determinada perspectiva. Novas percepções são excluídas ou mesmo proibidas.

Por esse motivo eu não pertenço a nenhuma escola. Já quis pertencer a uma ou outra mas, graças a Deus, nunca fui bem sucedido nisso. Com isso fiquei livre, em larga escala, da estreiteza de percepção num determinado domínio.

Podemos dizer também que o senhor fundou algo seu - não como uma escola, mas, por seu caminho, contribuiu para que haja uma "escola".

Essas escolas não são minhas, mesmo que talvez ostentem o meu nome. Não fundei nada meu — apenas segui os meus *insights,* comuniquei-os e demonstrei como se aplicam.

O senhor difundiu os seus insights.

Isso é ir longe demais. Apenas os comuniquei.

Em que consiste a diferença?

Difundir envolve um zelo missionário, enquanto que comunicar é apenas compartilhar alguma coisa. Há uma grande diferença. Nesse particular, sou muito preciso.

Quando retornou à Alemanha para ser reitor de um seminário de formação de padres, o senhor já não era apenas missionário e sacerdote, mas também dirigia dinâmica de grupo. O que mudou com isso?

Passei a oferecer cursos de dinâmica de grupo. Naquele tempo, isso ainda era uma novidade na Alemanha, mas eu já tinha muita experiência nesse trabalho, principalmente em sua aplicação prática. Passei logo a pertencer ao cenário da dinâmica de grupo e era muito solicitado para dirigir grupos. Com isso ganhei uma nova base de sustentação e tornei-me independente de minha ordem e da igreja. Já podia, se necessário, ganhar o meu próprio dinheiro. Isso foi para mim algo importante e novo.

Aprender terapia de grupo, sendo um missionário católico e no início dos anos 70- isso deve ter sido como uma ruptura cultural. Hoje já não há nada de especial em frequentar um grupo como esse. Mas naquela época e, ainda mais, na África do Sul, como missionário... O que o senhor aprendeu sobre si mesmo?

Eu fazia parte de um grupo. Dependia dele e, ao mesmo tempo, exercia uma influência sobre ele. Corrigi minhas ideias sobre o eu e a liberdade de decisão pessoal. Este foi um importante processo de crescimento.

Ao formar-se padre, a pessoa assume um papel privilegiado, um papel seleto, pelo menos naquela época. Com isso, facilmente perde a conexão com os outros porque, de certa maneira, está sempre na frente deles. Na dinâmica de grupo é diferente. A pessoa está ali dentro. De repente, ela faz parte de um outro campo onde todos são igualmente importantes. Expor- me a isso e também aplicá-lo em minha atividade diária trouxe um incrível alargamento ao meu horizonte mental e espiritual.

O que o senhor aprendeu ali sobre o trato com as pessoas?

A dinâmica de grupo é um método maravilhoso, mas o sucesso depende muito da atitude interior de quem o conduz.

Em que medida?

O importante é saber se ele se dedica às pessoas com amor, se toma a peito o desenvolvimento delas. Ele foi um marco para mim. Isso ainda se mostra hoje na forma como dirijo grupos. Adquiri uma capacidade, uma nova capacidade.

Como se manifestou isso em sua atividade diária?

Certa vez, os seminaristas me procuraram e perguntaram - mais por brincadeira e

para me testar - se eu aprovaria que recebessem visitas femininas nos quartos. Naturalmente, isto era proibido naquela época - não apenas para candidatos ao sacerdócio mas, principalmente, para eles. Teria sido a violação de um tabu. Eu lhes respondi: - Vou permitir isso de boa vontade, com a condição de que vocês conquistem para esse plano a adesão dos outros moradores do seminário. Assim transferi a eles a responsabilidade, em vez de tomá-la para mim. Eles logo viram que sua intenção não tinha chances de sucesso. Por outro lado, perceberam que não conseguiam atrelar-me ao seu carro.

Um outro exemplo: meus superiores em Roma me passaram, algumas vezes, determinadas instruções que deveriam ser transmitidas aos estudantes. Eu lhes disse: "Vocês serão bem-vindos se quiserem transmitir pessoalmente essas instruções". Nenhum deles apareceu para transmiti-las. Assim reconheci, desde cedo, essas tentativas das pessoas de fugir da própria responsabilidade empurrando-a para outras, e me comportei de modo conveniente. Isto me poupou um monte de trabalho.

"Eu vou sair"

O término do tempo de serviço religioso

Interessa-me saber como prosseguiu sua evolução para ser terapeuta, naquela época.

Logo notei que a dinâmica de grupo não bastava para minha evolução psíquica interna, e que eu precisava fazer algo diferente.

Comecei, então, a fazer uma psicanálise, primeiramente para mim mesmo e depois como formação. Não houve conflito com minha ordem religiosa. Deram-me a permissão, pois eu tinha clareza e independência financeira. Meus superiores perceberam que nesse particular não tinham nenhum poder sobre mim. Comecei então uma formação psicanalítica em Viena, onde também residi.

Isto aconteceu enquanto o senhor ainda pertencia à ordem?

Sim, deram-me liberdade para fazê-lo.

E quem pagou por isso?

Eu mesmo paguei, pois dirigia dinâmicas de grupo e tinha independência financeira - contudo, nessa época, ainda de comum acordo com meus superiores.

Um importante passo ulterior para mim foi o encontro com Ruth Cohn. Num grupo para terapeutas ela mencionou a terapia da *gestalt.* Ninguém sabia, na época, o que era isso. Ela nos ofereceu uma demonstração e perguntou-nos quem gostaria de sentar-se na "cadeira quente".

O que é a cadeira quente?

É a cadeira onde se senta o cliente com quem o terapeuta trabalha. Ela pode realmente ficar fervendo.

Portanto, sentei-me na "cadeira quente", e Ruth Cohn fez comigo um trabalho maravilhoso. Com sua ajuda encarei o meu futuro. Nessa sessão ficou muito claro para mim que eu deixaria o sacerdócio e a ordem e me casaria. Então ela me fez percorrer todo o grupo em volta e dizer a cada um: "Eu vou sair". Isto me emocionou muito. A decisão estava tomada, mas o tempo ainda não estava maduro para sua execução.

Ainda continuei por uns quatro meses na mesma - mesmo sabendo que o meu sacerdócio estava no fim. Então fui a Roma para dar um curso de dinâmica de grupo a religiosos. Lá encontrei um sacerdote americano. Tivemos uma conversa e trocamos nossas experiências. Enquanto ele falava comigo, de repente, como um raio, ficou claro para mim: chegou a hora de agir. Ainda durante minha permanência em Roma iniciei o processo de meu desligamento da ordem, e então tudo aconteceu num abrir e fechar de olhos.

Pouco tempo depois conheci minha mulher e decidimos casar-nos. Continuei minha formação psicanalítica em Viena, bem como meu trabalho com a dinâmica de grupos.

Um ano depois conclui minha formação em psicanálise, com todas as provas pertinentes, e mudei-me com minha mulher para a Alemanha, perto da fronteira da Áustria, diante de Salzburg. Em Salzburg me associei a um círculo de trabalho em psicologia profunda.

Algum tempo antes tinha caído em minhas mãos o livro de Arthur Janov *The primal scream*[3]. Fiquei imediatamente fascinado e experimentei seus métodos em meus grupos de dinâmica. Eu estava muito impressionado e pensei: é incrível o que se pode fazer com isso. Nessa ocasião, eu devia fazer uma palestra no círculo de trabalho de Salzburg e relatei sobre esse livro - simplesmente relatei. Depois disso, o diretor do círculo, Professor Caruso, chamou-me à sua presença e comunicou-me que não poderiam manter-me em seu círculo de trabalho nem reconhecer-me como um analista. Disse-me textualmente: "Como bispo de uma igreja ortodoxa eu não poderia receber alguém do *Jesus people*[4]. Assim me expulsaram.

Isso aconteceu no final dos anos 60 e no princípio dos 70? Naquela época o "povo de Jesus" surgiu como um primeiro movimento cristão de base e impressionou muita gente. A psicanálise cedeu lugar a Wilhelm Reich entre os rebeldes de 1968 e passou a sofrer uma forte concorrência por parte das formas de terapia humanista. Isto soa como se o senhor tivesse saído da chuva para se molhar.

---

[3] Publicado no Brasil pela Editora Artenova, com o título *O Grito Primal.* (N.T.)

[4] Movimento cristão de inspiração *hippie*, que floresceu na costa oeste dos Estados Unidos nos anos 60 e 70. (N.T.)

Assim foi.

Então continuei a procurar. Estava longe de ter clareza sobre o que importava. Cada forma de terapia que eu aprendia era um novo enriquecimento para mim. Viajei então para os Estados Unidos e me apresentei a Janov, para fazer uma formação em terapia primal. Nessa ocasião eu já conhecia a análise transacional através de Fanita English, que nos ensinou a análise do *script.*

O que é exatamente a análise do script?

Foi introduzida por Eric Berne, no contexto da análise transacional. Ele tinha observado que cada pessoa segue em sua vida um roteiro secreto, um *script.* O conteúdo desse roteiro pode vir à luz e ser alterado. O *script* se oculta nas histórias ou nos contos de fadas que mais nos tocam. A gente escolhe, por exemplo, uma história que nos impressionou aos cinco anos de idade e uma outra dos últimos dois anos. Comparando entre si essas histórias, encontramos o elemento comum a elas. Esse é o *script.* Experimentei esse método em meus grupos e obtive com ele um êxito notável. A análise do *script* é visualmente descrita no livro de Eric Berne *What do you say after you say bello?*[5]

Que forma concreta reveste essa análise do script? Pode dar algum exemplo? Uma participante citou, como primeira história que a tocou, a canção *Guten Abend, gute Nacht, mit Rosen bedacht* (Boa tarde, boa noite, você é contemplado com rosas). Como segunda história, citou a novela *Die schwarze Spinne* (A aranha negra). Neste livro se conta a história de alguns adictos que penetram num laboratório, à procura de drogas. Eles esbarram num frasco, uma nuvem de gás venenoso se desprende e extermina toda a vida em redor.

Essa participante provinha de uma família de hemofílicos. Tinha perdido três irmãos por hemorragia, com poucas semanas de vida. *Guten Abend, gute Nacht* era para ela uma cantiga fúnebre por seus irmãos.

Não sabia disso. Eu a cantava também para os meus filhos, mas com um texto diferente. O que diz o texto original?

A última estrofe é assim: "Boa tarde, boa noite, você é velado pelos anjinhos, que no sonho balançam para você a árvore do Jesus Menino. Dorme feliz e docemente, contemple no sonho o paraíso."[6] Isto é realmente um réquiem por uma criança morta. Em associação com a segunda história, o *script* da mulher fica claro. Ela carrega em si uma semente de morte e tem medo de causar a morte de outras pessoas. Ela temia isso porque tinha dois filhos. Dessa forma se manifestou toda a

---

5 Editado em português pela Editora Nobel, com o título "*O que você diz depois de dizer olá?*" (N.T.)

6 *No original.* Guten Abend, gute Nacht, von Englein bewacht, die schütteln im Traum dir Christkindleins Baum. Schlafe selig und süss, schau im Traum's Paradies. (N.T.)

seriedade desse *script* que ela carregava.

Como o senhor lidava com isso quando ainda não tinha conhecimento de constelações familiares?

Perguntei à mulher o que dizia o seu marido sobre sua herança genética. Ela me respondeu: "Ele me ama tal como sou". "E os filhos?", perguntei. "Também eles me amam como sou".

Então ela lhes expressou interiormente sua gratidão por ser amada por eles, apesar da herança que lhes transmitira. Esse foi o grande passo que lhe permitiu abandonar esse *script,* deixando de ter constantemente o veneno diante dos olhos, mas reconhecendo: "Assim é, e aceito o meu destino tal como ele é".

Eric Berne ofereceu frases especiais para liberar a pessoa de seu *script.* Eu também adotei essa prática em meus grupos. Abandonei-a, porém, depois de algum tempo, pois não me sentia bem com isso, embora me ocorressem frases realmente boas. Bem mais tarde, nas constelações familiares, voltei a utilizar frases.

O que o incomodou naquela ocasião?

Eu assumira algo que era grande demais para mim. Por isso abandonei essa prática.

O senhor ofereceu a análise do script por muitos anos. O que tirou disso, além das frases, para o trabalho com as constelações familiares?

Depois de algum tempo, notei que alguns desses *scripts* não são pessoais e não estão associados a experiências pessoais, como no exemplo que mencionei acima. Eric Berne supunha que os *scripts* resultavam das chamadas *injunctions*, isto é, das instruções negativas transmitidas pelos pais na infância. Observei que isso não é verdade. Os *scripts,* em sua maioria, são tomados de outros membros da família, resultam de envolvimentos sistêmicos.

São tomados de outras pessoas além dos pais? Como o senhor notou isso? Um exemplo: tive um participante cujo *script* era Otelo, mas uma criança não tem condição de entender o conteúdo de Otelo. Então lhe perguntei: "Quem, em sua família, matou alguém por ciúme?" Ele respondeu: "Meu avô matou seu rival". Então ficou claro para mim que muitos *scripts* relacionam- se a algo diferente, algo que aconteceu na família. Este foi para mim o primeiro passo na compreensão dos envolvimentos sistêmicos. Nesse sentido, a análise do *script* foi para mim um marco essencial.

O que lhe proporcionou a psicanálise?

Pela psicanálise tenho no sangue, por assim dizer, a forma correta de lidar com resistência e com projeções. Isso eu já faço sem precisar refletir. Durante minha formação psicanalítica, li com grande proveito, durante um ano inteiro, as obras completas de Freud. Do início ao fim. É uma grande obra. Entretanto, a análise do *script,* tão colorida, variada e rica, me levou bem mais longe do que a psicanálise. Os

insights nos destinos de vida que ela me proporcionou foram incomparavelmente mais profundos do que se poderia obter por meio da psicanálise.

"Até os 50 anos eu não me sentia pronto"

Etapas de desenvolvimento

Na dinâmica de grupo, como um indivíduo, o senhor aprendeu o autoconhecimento e a maneira de lidar com grupos. Na psicanálise o senhor voltou à sua história individual. A análise do script lhe abriu os olhos para os envolvimentos familiares. Que importância teve a terapia do grito primal?

Fiquei cinco meses com Arthur Janov em Los Angeles e mais quatro meses com um discípulo dele em Denver. Saboreei a terapia primal do início ao fim e isso foi incrivelmente importante para mim. Não obstante, percebi que ela facilmente leva a um beco sem saída. Existe o perigo de que a pessoa fique estacionada na regressão e pare de crescer. Uma parte desses sentimentos são realmente muito dramáticos, mas carecem de força. Hoje eu os denomino sentimentos secundários. Foi algo que somente percebi mais tarde.

Como transcorria isso concretamente, naquela época? Os clientes faziam a terapia duas horas por semana?

Não, não, eu ia ao centro todos os dias, por várias horas. A gente volta à infância e aos sentimentos da infância. Nesse processo, tem a ajuda de um terapeuta. Sob sua orientação, a gente expressa sentimentos primitivos em alta voz e em gritos veementes. Isto tem um efeito liberador - na medida em que os sentimentos são essenciais. Determinados exercícios, porém, também podem reforçar esses sentimentos, e então, isso tem um efeito contraproducente, estimulando a regressão e impedindo a despedida da infância.

O senhor frequentou essa terapia e gritou por nove meses? Isto é um tempo enorme, 180 dias. Corresponderia hoje a uma terapia de vários anos.

Assim foi. Assumi esse processo em sua totalidade. De repente, notei: ele não me traz mais nada, pode facilmente converter-se num teatro.

Como percebeu isso?

Quando um cliente fazia aniversário, recebia uma torta. Então naturalmente precisava chorar.

Por quê?

Era como uma obrigação, porque o cliente estava recebendo algo que não recebera em sua infância. Certa vez uma colega do grupo, que também era terapeuta, recebeu uma dessas tortas depois da sessão e prorrompeu num choro de cortar o coração. Mais tarde eu a procurei e lhe perguntei: "Você não encenou aquele choro?" Ela

respondeu: “Sim, aqui a gente precisa fazer isso”. Portanto, tratava-se de um certo código de comportamento, que nada tinha a ver com liberdade e crescimento.

Mais tarde eu próprio ofereci terapia primal. Pelas normas então vigentes, essa terapia devia durar nove meses. Comecei reduzindo-a para quatro meses.

Como o senhor trabalhava? Em grupos? Um fim de semana por mês?

Não, não, diariamente, exceto aos sábados e domingos.

Mesmo nisso pode-se ver como os tempos mudaram. Hoje dificilmente uma pessoa entraria nisso. Como reagiram os vizinhos?

Eu tinha em minha casa um porão à prova de som. Mandei expressamente construir a casa de uma forma que me permitisse trabalhar com terapia primal. Todo dia fazíamos sessões de grupo de cerca de três horas, para dez participantes. Minha mulher e eu oferecíamos ainda, cada um, duas sessões individuais. Oferecemos duas vezes a terapia primal por um período de quatro meses. Então pensamos que quatro semanas bastariam e oferecemos a terapia por esse prazo, duas vezes ao ano. O efeito era o mesmo. Mais tarde combinei a terapia primal com a análise do *script.* No final eu dava cursos de *script* por cinco dias, reservando um dia para a terapia primal.

Com o passar do tempo observei que a dor primitiva fundamental resulta da interrupção de um movimento de aproximação, que sempre teve um papel importante na terapia primal. Como terapeutas, ajudamos o cliente a reviver o processo de nascimento. Depois o ajudamos no movimento de encontro com a mãe e com o pai, e nisso se completa o processo.

Mais tarde reparei que os problemas importantes dos clientes são de natureza sistêmica ou remontam a traumas pessoais. Para tratar o aspecto sistêmico, eu oferecia a constelação familiar; para o trauma pessoal, uma sessão de terapia primal.

O *senhor fez terapia por muito tempo. Análise, terapia da gestalt, terapia primal-para que precisou de tudo isso, se sua vida corria tão sem problemas? O senhor procurou para si terapias que envolviam muito autoconhecimento.*

Todas essas terapias eu fiz para mim mesmo e não porque pretendesse transmiti-las. Para mim funcionaram como um outro noviciado e ainda precisei de muito tempo até ter clareza sobre mim mesmo. Até os 50 anos eu não me sentia pronto. Ainda estava em busca. Só então ganhei clareza.

Quais eram suas questões nesse longo processo terapêutico?

Entrei nele sem questões. Simplesmente me expus a ele. Queria aprender, queria fazer experiências pessoais, queria ver o que se passava comigo. Quando algo não era bom para mim eu o interrompia imediatamente.

Se alguém o procura agora como terapeuta e lhe diz: “Quero apenas fazer uma

experiência" o senhor provavelmente faria aquele seu comentário: "Ele tem alguma força?" Não é verdade que o cliente chega ao terapeuta com uma questão?

Para mim era um treinamento pessoal - sem questões claras. As questões claras não são, de qualquer maneira, as verdadeiras questões. Eu percebia imediatamente se algo me atingia. O caso mais patente foi com a análise do *script.* Fiquei eletrizado. Senti: aqui é possível um desenvolvimento, pois na época eu ainda estava imaturo.

Com a terapia primal ocorreu inicialmente algo semelhante. Contudo, num determinado momento, percebi que tinha acabado. Sempre que algo se converte em escola, que as pessoas precisam aprender e dominar um código de procedimentos, algo morre. Então fui adiante.

Por outras palavras, diante da grande oferta de novas formas de terapia e de propostas inovadoras que aconteceram, aos montes, nos anos 70, o senhor escolheu o que era interessante para si?

Justamente. Então eu testava isso e o aprofundava para mim, com outros e em outros. Nisso se baseia a riqueza de minha experiência - sem certificados e sem filiação a associações. Isso nunca me interessou.

Agora chegam alguns "psicólogos críticos" que jamais se submeteram a um processo de autoconhecimento e não entendem nada de terapias humanistas, a não ser desqualificando-as como "esotéricas" e gritam: "Hellinger não tem certificado!" Não deixa de ser cômico.

Assim é.

O senhor também se ocupou com a hipnoterapia segundo Milton Erickson e a programação neolinguística (PNL). O que o fascinou tanto em Milton Erickson?

Impressionaram-me o seu respeito pelo cliente e sua maneira de acompanhar o movimento dele.

Refere-se aos movimentos corporais do cliente?

Sim, aprendi muito com isso. Por exemplo, quando alguém conta alguma coisa e simultaneamente sacode levemente a cabeça, muitas vezes não é verdade o que ele diz. Ou a pessoa faz que sim com a cabeça, mas nega com as palavras o que eu afirmei. Então vejo que acertei. Numa constelação pode acontecer que alguém recue um passo ou olhe por cima de alguém. Então sei que devo introduzir ali uma outra pessoa. Esses pequenos movimentos são, muitas vezes, os mais importantes. E Milton Erickson imediatamente aceitava tudo o que o cliente mostrava. Reparava nos mínimos sinais corporais e lia neles a verdadeira questão do cliente, que muitas vezes é algo totalmente diferente da questão apresentada. Erickson conduzia o cliente por desvios, sem que fosse imediatamente visível aonde o caminho levava, até chegar ao que lhe correspondia de modo mais profundo.

Pode ser mais preciso? O que o senhor quer dizer com desvios?

Por exemplo, Erickson foi procurado por um casal com problemas. Ele não disse nada e mandou-os fazer um passeio nas montanhas. Quando voltaram, perguntou por suas impressões. O homem disse: "Foi maravilhoso: a vista, a paisagem." A mulher disse: "Como você pode dizer isso, foi terrivelmente enfadonho". Erickson não comentou e os mandou para casa. Duas semanas depois estavam separados. É algo típico de Erickson.

Como o senhor lida hoje com a hipnoterapia? Ainda a usa?

Raramente, mas acontece às vezes, sem planejamento. Por exemplo, dei um curso em Xangai numa clínica psiquiátrica. Espontaneamente um homem sentou-se ao meu lado e imediatamente caiu num transe profundo. Depois de um quarto de hora, ele abriu os olhos e agradeceu. Nenhuma palavra fora dita. Costumo falar com uma voz que estimula o recolhimento e utilizo apenas palavras simples. Também isso aprendi com Erickson.

A PNL é, basicamente, uma combinação das melhores práticas de diversos terapeutas. O que o senhor aprendeu com ela, mais precisamente?

Com a PNL a gente aprende a dissolver, através de modificações mínimas, a rigidez de atitudes esclerosadas e as imagens internas que as acompanham. A PNL é principalmente uma hipnoterapia aplicada e ampliada.

Eu mesmo ofereci cursos de PNL e cheguei a escrever um livro inteiro, uma introdução à PNL, principalmente por meio de histórias. Jamais o publiquei. Por meio da hipnoterapia e da PNL aprendi a introduzir histórias terapeuticamente.

Como o senhor inventa histórias terapêuticas? E o que quer dizer quando afirma que as coloca terapeuticamente?

A maioria das histórias terapêuticas me ocorre espontaneamente em determinadas situações. Por exemplo, num curso meu alguém contou que tinha asma. Então lhe contei a seguinte história:

"Alguém mora numa casa pequena. Com o passar dos anos acumulam- se muitos trastes em seus quartos. Muitos hóspedes trouxeram suas coisas e, quando foram embora, deixaram muitas malas. É como se ainda estivessem ali, embora tenham partido e para sempre. Também as coisas que o proprietário acumulou permanecem guardadas em sua casa, como se nada pudesse ser esquecido ou perder-se. As coisas quebradas também prendem a recordação, por isso elas ficam e tomam o espaço de outras melhores. Somente quando o morador está quase asfixiado é que ele começa a limpar o espaço. Começa pelos livros. Deverá passar toda a sua vida contemplando as velhas figuras e compreendendo doutrinas e histórias alheias? O que já foi resolvido há muito tempo ele tira de sua casa, e nos quartos tudo fica leve e claro. Então ele abre as malas alheias e vê se ainda encontra algo que possa utilizar. Nisso,

descobre algumas preciosidades e as põe à parte. O resto ele carrega para fora. Despeja os trastes numa cova profunda, cobre-a cuidadosamente com terra e depois planta grama por cima."

Como foi que, de repente, o senhor passou a contar histórias? E por que gostava de contá-las?

Porque reparei como as histórias são elegantes e eficazes. De início, pensei que gostaria de ter esse poder, mas não tinha. De repente, no meio de um curso, alguém me pediu: "Conte uma história." Então me ocorreu subitamente a história do grande e do pequeno Orfeu. Ela está com o título "Dois tipos de felicidade" em meu livro *Die Mitte fühlt sich leicht an*[7] Então o feitiço se quebrou. A partir daí inventei e contei muitas histórias.

Histórias próprias?

Sim, claro. Elas simplesmente ocorreram assim. Frequentemente eu não as dirijo àquele a quem são destinadas, mas a todos, pois eu mesmo já fiz essa experiência, num grupo em que a terapeuta contava uma metáfora para cada participante. A minha não serviu para mim, mas a de um colega me serviu. Assim, muitas vezes conto histórias sem dizer nada àqueles a quem as dirijo. Elas são para todos.

Antes, quando eu eventualmente me irritava num curso, também contava histórias. Eram histórias para me vingar - uma forma elegante de vingança. Por exemplo, a história do general leproso que foi procurar um curandeiro. Este não lhe deu atenção e só mandou dizer-lhe: "Tome um banho no Jordão". Ele fez isso, depois foi para casa e disse à sua mulher: "Tomei um banho, estou curado, mas nada mais aconteceu". Então todos sorriem.

Ou então a história da ajuda, que contei uma vez: "Jesus disse a alguém: 'Levanta-te, pega o teu leito e vai para casa'. Mas ele respondeu: 'Isso eu não quero'. Então Jesus diz aos seus discípulos: 'Talvez ele dê mais glória a Deus do que eu.'" Essa história mostra como a resistência é importante e como eu a respeito. Não existe ajuda a qualquer preço.

Diz-se que as histórias encontram o caminho para o inconsciente com mais facilidade do que outros recursos. Como atuam essas histórias, mais precisamente? E por que muitas vezes é melhor contar histórias do que dar conselhos?

Por exemplo, às vezes os pais têm problemas porque seus filhos já crescidos urinam na cama. A essas crianças podemos contar histórias em que introduzimos pequenos episódios, como fechar uma torneira ou vedar uma goteira.

Por exemplo, Chapeuzinho Vermelho chega à casa da avó, quer entrar pela porta e repara que uma goteira está pingando. Então diz para si mesma: "Vou consertar isso

[7] Publicado pela Editora Cultrix com o título No centro sentimos leveza.

primeiro". Dirige-se ao barracão, pega um pouco de piche, traz uma escada, sobe nela, veda a goteira para que a entrada não fique molhada, e então entra para visitar a avó.

Ou então, em *Branca de Neve e os sete anões,* de manhã chega um anão e se queixa de que choveu nele de noite e que acordou molhado de manhã. Branca de Neve lhe diz então: "Vou consertar isso logo". Quando os anões saem para trabalhar, ela sobe ao telhado, vê que uma telha se deslocou e a repõe em seu lugar. Quando o anão chega de tarde está tão cansado que se esquece de perguntar sobre o teto. De manhã ele se esquece também, pois tudo está em ordem.

Um homem cuja filhinha molhava a cama contou-lhe à noite essas histórias e elas fizeram um efeito imediato. Na manhã seguinte a cama estava seca. Mas ele teve uma experiência curiosa.

Antes, quando contava à sua filha, à noite, contos de fada, ela sempre cuidava que ele as contasse com as mesmas palavras, sem nada acrescentar ou omitir. Entretanto, contra essas variações ela não protestou, aceitando- as como naturais. Então vemos que a alma ciente da criança faz uma aliança com a história. A alma quer a solução sem que ela seja expressa abertamente. Dessa maneira, com a percepção e o estímulo, a criança pode adotar uma nova atitude.

Naturalmente a criança percebeu o que o pai disse, senão isso teria sido ineficaz. Mas, ao aludir ao problema sem dizer o nome, o pai respeitou a vergonha da criança. Ela sentiu-se respeitada porque ele a tratou com tanto cuidado e pôde reagir.

A criança sabe que urina na cama é algo de que não precisamos falar- lhe. Ela também sabe que não deve fazer isso. Também isso ninguém precisa dizer-lhe. Se lhe damos um conselho ou tocamos em seu problema, ela se sente inferiorizada. Se seguir o conselho, os pais ganham em autoestima e a criança perde. Rejeitando-o, ela se protege contra a perda da autoestima. Justamente porque lhe demos um conselho, ela precisa agir de modo diferente para preservarem a sua dignidade. A dignidade é o que há de mais importante para cada ser humano, inclusive para uma criança. Ela segue de bom grado um conselho apenas quando percebe nele um profundo amor. Assim são as histórias. Elas ajudam as pessoas a preservar a sua dignidade num processo de cura.

Depois disso o senhor se ocupou com terapia familiar e nos Estados Unidos frequentou seminários dirigidos por Les Kadis e Ruth McClendon. Neles foram feitas constelações familiares?

Eventualmente. Na época eu pensei: aqui está o futuro, mas inicialmente continuei o meu trabalho com os grupos. Entretanto, depois de um ano, eles se transformaram numa terapia familiar. Adotei o método da constelação familiar e lhe dei um novo desenvolvimento. De repente tudo se harmonizou.

"Negam-me o direito de cometer erros"

Sobre o trabalho com grandes grupos, o esclarecimento do encargo do cliente e o trato com imigrantes

"Crescimento exige resistência"

Sobre a severidade no processo terapêutico

Às vezes, muita gente julga excessivamente rude seu modo de lidar com os clientes. Como o senhor se explica essas objeções ao seu modo de trabalhar?

Muitos veem o crescimento da alma apenas por um lado: que o crescimento precisa de nutrição. O crescimento exige nutrição e exige resistência. Todo crescimento se impõe contra oposições. O terapeuta que recusa opor-se, pelo desejo de ser bom, é o mais duro. Com aquele que oferece resistência, o cliente pode crescer. Talvez fique com raiva dele - e muitos ficam com raiva de mim, mas alguns deles me escrevem, dois anos depois, agradecendo por isso.

Este exemplo é de um trabalho individual. Refiro-me aos grandes grupos. Antigamente o senhor trabalhava com pequenos grupos, por dois ou três dias, e os clientes tinham a possibilidade de retornar. Por vezes, o senhor trabalhava com alguém no primeiro dia, confrontava-o ou interrompia uma constelação, colocando um processo em movimento. No segundo ou no terceiro dia essa pessoa voltava e então era possível levar o processo ao fim, concluí-lo. Há muito tempo já não é assim. Não há uma enorme diferença entre trabalhar diante de 500pessoas ou apenas com 40?

Quando trabalho em presença de um grande grupo, trabalho de modo mais concentrado e interrompo o trabalho quando vejo que não há progresso, mesmo que não tenha oportunidade de retomá-lo. Isso parece duro, mas é uma chance para o interessado. Se eu não agisse assim perderia minha força e minha credibilidade. Não sacrifico isso a nenhuma crítica, nem mesmo à possibilidade de que alguém se escandalize.

Quando trabalho, esqueço completamente o público. Trabalho aquilo que a alma do cliente exige, nada mais. Como os outros recebem isso é uma outra questão.

Há dois anos, no Congresso Internacional de Würzburg, trabalhei com uma mulher da Eritréia. Então houve uma gritaria. Eu disse a ela que devia voltar para a Eritréia. Alguns disseram: "Como ele pode dizer isso? *É* xenofobia! Essa mulher mora na Alemanha!" Peter Levine, um terapeuta especializado em traumas, estava sentado na primeira fila. Ele comentou depois, com um amigo meu, que no momento em que eu disse aquela frase, ele sentiu o movimento da energia subindo pelo corpo da mulher. Minha intervenção provocara a cura de um trauma. Parece duro dizer: "Você

precisa voltar", mas foi justamente o que fez efeito.

O terapeuta dessa mulher me escreveu mais tarde, dizendo que depois disso ela voltou diversas vezes à Eritréia. Retomou, portanto, o vínculo com a sua pátria.

Não há uma diferença entre dizer: "Você precisa voltar para a Eritréia" e "Retome o contato com a sua pátria"?

Avalie, por si mesma, quanta força tem a primeira frase e quanta força tem a segunda. Não, naturalmente ela precisa voltar. Isso é muito claro. E, quando ela concorda com isso, algo muda em sua alma, então, ela retoma o contato. Mas não precisa fazer literalmente o que digo.

Então sua frase "Você precisa voltar para a Eritréia" foi apenas um grande mal-entendido?

Não foi nenhum mal-entendido, foi exatamente o que eu quis dizer.

O senhor diz num livro seu: "Às vezes, pessoas que deixaram sua pátria só podem curar-se se voltarem e estiverem dispostas a carregar o destino de seu povo". E, mais adiante: "Alguns fogem disso e impõem sua presença a uma outra pátria que não lhes pertence, não precisa deles ou não os deseja". Que experiências o levaram a essas conclusões?

Tive experiências com pessoas que vieram para cá e adoeceram. Observei que sua doença se associava ao fato de terem voltado as costas à sua pátria. No fundo, voltaram as costas à própria mãe. Vejo as coisas sistemicamente. Tenho uma empatia por sua pátria e por sua mãe. Não vejo apenas se essa pessoa, individualmente, está bem, mas tenho também a sua pátria diante dos olhos. Então introduzo na constelação, por exemplo, representantes da Alemanha e da pátria dessa pessoa e observo os movimentos num sentido e no outro. Muitas vezes os imigrantes só se sentem bem em sua pátria. Na constelação fica patente que precisam voltar para lá. Então digo, como àquela mulher da Eritréia: "Você precisa voltar para lá".

Há pouco tempo trabalhei com uma mulher de Kosovo, cujo marido está preso porque é um criminoso. Eu disse a ela: "Você precisa voltar para o Kosovo. Somente lá você e seus filhos estarão seguros. E vocês precisam enfrentar isso". Soube que ela voltou. Essa mulher ganhou força.

"Não afirmo que os imigrantes precisam voltar"

Como o senhor chega a uma conclusão tão unívoca?

Nós, humanos, só podemos desenvolver-nos num determinado campo: naquele a que pertencemos. Naturalmente, existem casos em que alguém precisa emigrar. Também não afirmo que os emigrantes precisam voltar, mas vejo que alguns deles adoecem porque emigraram. Dão-se mal ou não se adaptam.

O mundo é grande e a globalização o abre ainda mais. Isso não é uma parte de nossa

liberdade?

A gente precisa ajudar a carregar o destino do próprio povo, assim como precisa carregar o destino da própria família. Disso não se pode fugir. Quando ajudamos a carregar esse destino crescemos e, naturalmente, a pátria também lucra.

Voltemos ao exemplo anterior. Os espectadores ouviram suas palavras, mas não viram o que viu o terapeuta dos traumas. Nossa percepção também muda conforme nos encontremos, como o senhor, no próprio campo da constelação ou atuemos como representantes ou nos sentemos no círculo imediato, na primeira fila da plateia, no fundo da sala ou se somente assistimos pelo vídeo. A partir de determinado ponto, já não se sente a energia do campo. Muitos não olham, absolutamente. Eles têm uma ideologia, a saber, que precisamos ser amáveis com os estrangeiros, ajudá-los para que possam ficar etc. Mas não veem que estou ajudando a mulher. Meu modo de ser é para eles como um pano vermelho. Não posso levar isso em consideração. Eu quis dizer exatamente o que disse: "Você precisa voltar para a Eritréia". A forma como isso transparece na prática depende das circunstâncias e de inúmeros outros fatores. Contudo, isto se fixa na alma da pessoa: "Preciso voltar para lá". Esta é a intervenção que cura.

Por que o senhor trabalha diante de grupos tão numerosos?

Na primeira vez em que trabalhei com um grande grupo, pretendia oferecer um seminário para 35 pessoas e, de repente, apareceram 350. Simplesmente comecei a trabalhar diante de todos, e o resultado foi bom. É algo que eu jamais faria por iniciativa própria. Às vezes somos compelidos a fazer alguma coisa. Nessa ocasião eu vi que isso era possível. Pelas considerações teóricas, jamais teria funcionado. Assim foi-me mostrado que eu poderia arriscar-me.

Cada contexto é uma oportunidade e impõe limites. Aos que me dizem que não posso trabalhar diante de tanta gente, que isso é uma presunção, respondo com uma pergunta: o que seria do trabalho com as constelações familiares se eu tivesse continuado a trabalhar com pequenos grupos? Seria ele conhecido? Olhando para o conjunto, essa maneira de trabalhar foi uma ruptura decisiva. Que alguns se escandalizem, faz parte do risco. Para mim, não há risco nenhum.

"Eu trabalho com o grupo inteiro"

Pergunto-me: o cliente se encontra num espaço protegido ou num espaço público? O que acontece quando um espaço terapêutico se converte num espaço público? Então intervenções terapêuticas se tornam declarações políticas. Daí surgem comentários como este: "Hellinger diz que os estrangeiros devem voltar para o seu país... "

É uma conclusão ilegítima. Isso aconteceu naquele caso; em outros, é diferente. Eu não generalizo.

Em casos como esse, trabalho com todo o grupo, não particularmente com os indivíduos, como muitos supõem. Trata-se de um mal-entendido. Não quero expor as pessoas. Trabalho com elas em função de todo o grupo. Todos podem, ao mesmo tempo, aprender algo. Também são tocados interiormente e talvez resolvam um problema, sem que precisem fazer uma constelação.

Mesmo quando são 1.500pessoas?

Em Würzburg eram 2.300. Não é um número conveniente, acho que 500 é um número aceitável. Outros casos são exceções.

Voltemos ao tema de "expor" o cliente. Existem situações em que o senhor diz ao público: "Vocês veem o que ele está fazendo?" O senhor comenta algo do cliente com o público. Isso escandaliza muita gente.

Isto é dinâmica de grupo. Envolvo o grupo como um instrumento e isto exerce uma enorme pressão sobre o cliente. É uma medida terapêutica intencional. O grupo fica sabendo que aqui não se brinca.

Quando me imagino sentada diante de todos, como uma cliente, isso me intimidaria terrivelmente. Eu me sentiria, de repente, num espaço público, não mais num espaço terapêutico, pois não me inscrevi para uma sessão de dinâmica de grupo.

Eu não levo o cliente a um grupo. É ele que vem para esse grupo.

Tornou-se quase impossível ter alguma vivência com Bert Hellinger, a não ser em grandes grupos.

Seja como for. Ele vem a mim com esse risco, sabe que é uma sessão pública, pois sou precedido pela fama de que faço isso. E há uma diferença entre o modo como uma cliente reage no momento e que efeito isso faz depois, em sua família. Também isso levo em consideração. Não se pode julgar o trabalho da constelação apenas pelo momento presente, mesmo quando o cliente, talvez, fica zangado.

Às vezes isso também faz aparecer uma expressão autêntica. Algumas pessoas se apresentam como doces ou carentes. Quando as confronto, reagem de repente com agressividade. Eventualmente as exponho, para que isso se tome visível. Se às vezes vou longe demais - bem, isso ocorre algumas vezes - sou eu o único que tem a obrigação de ser perfeito? Isso não é humano. Negam-me o direito de cometer erros.

"Não faço declarações políticas"

Pelo que entendo de suas palavras, para o senhor o espaço terapêutico não é uma questão de número. Na acepção usual, a terapia acontece em sessões individuais ou num grupo de umas 15 a 30 pessoas. O senhor amplia o espaço terapêutico, envolvendo o público. Aí comparecem pessoas, opiniões, ideologias. De repente, já não se pode distinguir entre movimentos de alma e ideologias, entre intervenções possivelmente curadoras e política. Então as pessoas dizem: "Hellinger é xenófobo, pois diz que os

estrangeiros devem voltar para casa "Hellinger é misógino, porque diz que a mulher deve seguir o marido e que a mãe também participa, quando acontece um abuso sexual "Hellinger é tradicionalista, porque diz que os filhos devem honrar os pais"; "Hellinger é antissemita, porque diz que as vítimas estão ligadas aos perpetradores e é nazista, porque afirma que também Hitler foi movido por uma força maior". Essas críticas provêm de pessoas que não querem ou não podem entrar num espaço terapêutico e que o senhor não pode integrar em seu grande grupo. Os parâmetros sistêmicos observados pelo senhor e por outros, tais como ordem, vínculo e compensação, convertem-se em prescrições normativas para os indivíduos. Assim, intervenções terapêuticas tornam-se declarações políticas.

Tais críticas se baseiam em ideologias. Eu não faço declarações políticas. Faço meu trabalho e deixo-me conduzir pelo que vejo nas constelações.

"Não sou um mecânico"

O esclarecimento do encargo

Do campo terapêutico vem esta pergunta crítica: onde fica em Bert Hellinger o esclarecimento do encargo do cliente? Quem lhe confia um encargo quando um cliente o procura? O que ocorre com o esclarecimento do encargo quando o senhor diz, por exemplo, que os clientes não precisam dizer-lhe nada, que o senhor mesmo verá do que se trata?

Se eu fizesse um tal esclarecimento do encargo, estaria procedendo *como* uma prostituta. Alguém chega e diz: eu exijo isso e pago por isso. Que tipo de imagem de terapeuta é essa? De sua dignidade? De sua competência?

Vou dar um exemplo: numa pausa, durante uma palestra minha, um casal veio falar comigo e me perguntou se eu podia trabalhar com eles. Olhei para a mulher e disse: "Está claro que ela quer abandonar a relação". Foi algo que eu vi. Ela concordou e o homem, também. Estiveram casados e foram felizes por muito tempo. Então, a mãe dele necessitou de cuidados, e o filho a trouxe para sua casa. A partir daí a relação do casal deteriorou-se. Perguntei a ela o que houve em sua família de origem. Ela revelou que teve um irmão deficiente que morreu cedo. Perguntei-lhes se queriam trabalhar comigo, e ela subiu ao palco. Que tipo de encargo eu tenho agora? Tinham eles condição de dizer que incumbência me davam, qual era a questão? Não tinham.

Mas nessa ocasião o senhor perguntou e o problema se revelou, de modo que o senhor fez uma constelação. Mas é diferente quando o senhor diz: "Não preciso perguntar, já sei do que se trata".

Um cliente vem a mim porque me acha competente. Não sou simplesmente um executor, não sou um mecânico que conserta automóveis. O cliente espera de mim uma competência diferente, por exemplo, que eu veja coisas que ele não vê.

Porém relacionadas à questão dele?

A questão! Todo mundo sabe que a questão apresentada não é a verdadeira questão. Assim, se entro no que diz o cliente, não penetro no que está por trás. Então começa, muitas vezes, entre o cliente e o terapeuta, um jogo fadado ao fracasso, porque não se trata do verdadeiro problema. A principal competência de um terapeuta é perceber esse jogo. Quando ele o percebe e diz ao cliente, e este não quer ver, pode ser que o cliente vá embora, mas muitos ficam e são gratos porque o que estava por trás foi esclarecido.

A pergunta é: posso confiar em minha percepção ou devo deixar que alguém pense que pode me trazer no cabresto? Muitos me procuram e eu vejo que absolutamente não estão dispostos a fazer nada. Então eu digo: "Com você não posso trabalhar."

Tive um exemplo assim na Holanda. Uma mulher veio a mim e disse que seu filho era esquizofrênico. Eu disse a ela: "Isso não tem a ver com seu filho, é você que está esquizofrênica". Ela se irritou, e eu interrompi o trabalho. Algumas horas depois, ela voltou a falar-me e estava mudada. Então trabalhei com ela.

Frequentemente percebo, num relance, se alguém está empurrando seu problema para outro, se realmente o assume ou quer usar-me para livrar-se dele. Pergunto: ele tem o direito de desencaminhar-me? Devo entrar em sua definição, aceitar a sua questão? Com isso estaria confirmando a sua incumbência ou tenho o direito de perceber o seu jogo e recusar-me?

Alguém chega com um encargo, e o senhor percebe isso. Não obstante, essa pessoa veio, seja como for. Quem sabe se as pessoas estão sempre conscientes do que fazem?

Existe apenas uma solução: que eu permaneça na minha percepção, na minha responsabilidade e às vezes, naturalmente, também no meu erro. Não há outro caminho para mim. Quando alguém é operado, existe só uma pessoa que segura o bisturi e conduz a operação. Por isso, todas essas cogitações, sobre como se poderia agir de outro modo estão só aparentemente a serviço do cliente. Na verdade, têm um efeito nocivo. Nesse domínio só existe uma solução: eu respeito o outro, naquilo que ele faz, e também me respeito no que faço.

Entretanto, com sua maneira frequentemente dogmática, o senhor assusta muitas pessoas.

Se para contentar essas pessoas eu me colocar a seu serviço, não serei mais quem sou. Todas essas pretensões exigem de mim que eu contrarie minhas percepções mais profundas para agradar a alguém. A isso não me disponho.

O que faria o senhor se alguém o procurasse e lhe dissesse: "Quero fazer minha constelação familiar, apenas isso"?

Eu diria: "Por enquanto não vou fazê-la", pois ele estaria me utilizando. O terapeuta

se move num nível superior ao de uma prestação de serviços.

No contexto terapêutico eu procuro alguém e pago pela prestação de um serviço.

Portanto, se eu lhe pago, você é obrigado a ouvir-me de bom grado por uma hora? Isto falsifica tudo. Quem paga assume o controle e diz: agora faça como eu quero. Então já não existe terapia, nem respeito.

O terapeuta tem outra coisa diante dos olhos - por exemplo, a família do cliente. Com isso, tudo muda imediatamente.

Por isso ele o procura, porque sabe que o senhor trabalha assim?

Muitos me procuram porque querem que eu confirme o seu problema e também sua ideia de que ele é insolúvel. Muitos doentes de câncer, por exemplo, têm essa atitude em sua alma. Quem se deixa levar por esse desejo secreto não está agindo com amor.

"Não trabalho contra resistências"

A interrupção

O fato de que o cliente simplesmente assiste a sua própria constelação contribui muitas vezes para diminuir suas resistências contra mudanças.

Na constelação se manifesta algo que não tinha sido encarado. Com isso, algo importante é mostrado ao cliente. Somente então se manifesta se ele tem resistências ou não. Quando ele tem resistências, interrompo o trabalho, pois não preciso ir contra a sua resistência. Quando o cliente vê a situação, porém interiormente não chegou ainda ao ponto de agir ou não recebeu internamente de seu sistema a permissão para isso, respeito o fato e não prossigo.

Por conseguinte, a interrupção não é uma punição para o cliente, mas uma intervenção?

Justamente.

Às *vezes o efeito é outro.*

Essa não é a minha intenção.

Uma cliente em Berlim comentou, ao terminar sua constelação: "Essa não era a minha questão". E o senhor lhe respondeu: "Em face de uma constelação como essa - como isso é banal!"

Eu revi pelo vídeo essa intervenção. Foi totalmente correto o que fiz. A cliente queria conduzir-me a um desvio. Tratava-se de uma grande constelação, envolvendo russos e alemães. Dizendo que a sua questão não era essa, ela quis vingar-se por algo que eu tinha trazido à luz. Isso fazia parte de seu jogo.

Também poderíamos dizer que o senhor foi além do encargo da cliente, além do ponto

em que ela podia acompanhá-lo. Que sentido tem para uma cliente quando ela não pode mais seguir uma constelação?

Em Berlim, tratava-se do suicídio do pai dessa mulher. Ele desposara a viúva de um amigo dele que morrera na guerra e agora tinha seguido esse amigo na morte. A situação envolvia perpetradores. A constelação mostrou que essa cliente foi levada a defrontar-se com coisas muito profundas, por exemplo, que ela só pôde ter o seu pai em decorrência da morte desse amigo. Mas então ela comentou: "Ah, mas não era essa a minha questão", embora a constelação lhe tivesse mostrado algo extremamente importante.

A gente também poderia dizer que ela não pôde ou não quis compreender isso. A mensagem não chegou a ela, apesar de sua profundidade.

Naquela constelação eu fizera algo muito emocionante para todo o grupo e para o sistema dela. Ela referiu tudo a si mesma e perguntou: "Mas onde fico eu, em tudo isso?"

Nessa ocasião o papel da cliente foi apenas dar-lhe a palavra indutora?

Assim foi.

Quando me imagino como uma cliente que o procurasse com uma questão e, no final, percebesse que não tinha sido considerada, eu me sentiria muito mal, me sentiria usada.

Eu trabalho com o grupo inteiro. Ela queria ter tudo somente para si, sem levar o grupo em consideração. Isto não pode ser - pode-se perceber isso por vários ângulos. Mas quem, entre aqueles que me criticam, é capaz de ater-se - e exclusivamente - à demanda do cliente?

"Esses *insights* salvam vidas"

O senhor é muito crítico com respeito à psicoterapia. Há dez anos o senhor já dizia que se via principalmente como um professor. Não obstante, tem trabalhado terapeuticamente. Agora o senhor se denomina um ajudante a serviço da vida. O que mudou, nesse particular?

No fundo, o que faço é também uma espécie de cura de almas, ou melhor, um cuidado pela vida. A psicoterapia define o cliente como doente. Quando uma pessoa me procura e eu lhe ofereço algo, a título de ajuda para a vida, não estou tratando dela. A partir do que ela me comunica, digo-lhe algo sobre a vida. Nessa medida comporto-me antes como um professor, transmitindo-lhe algo que sei. Os que me ouvem não são, muitas vezes, pessoas doentes, que precisem de uma psicoterapia.

Eles recebem uma orientação e podem usá-la como desejarem. Não são introduzidos num processo em que trabalho longo tempo com eles. Também por esse lado esse "esclarecimento do encargo" é algo estranho para mim. Às vezes, meu trabalho dura

apenas cinco minutos. Para isso não preciso de um encargo. Atrás desse termo existe um padrão que limita.

Eu gostaria de transmitir às pessoas o que as faz felizes nas famílias e nos relacionamentos, demonstro o que são os enredamentos e como eles atuam. Com isso alivio a situação de muitas pessoas.

Recebo inúmeras comunicações de pais de como mudaram as situações. Cartas como esta: "Em 1996 você salvou minha vida e a de meu filho". Eu os tornei felizes. Pergunto-me, às vezes: entre os que me atacam, há alguém que tornou felizes tantas pessoas?

Admiro-me de que o senhor coloque essa pergunta.

Quero colocar isso no seu contexto. Isto não se refere especialmente à minha pessoa. Esse trabalho e esses *insights* salvam vidas, eles tiraram muitas pessoas de seus enredamentos e as devolveram à vida.

O que o senhor faz hoje é ainda uma psicoterapia?

Não. No princípio, a constelação familiar era uma forma de psicoterapia. Eu a oferecia também a pessoas que procuravam uma psicoterapia - muitas vezes, pessoas que estavam doentes de corpo e alma. A constelação familiar ajudou-as. Nossa atitude era esta: aqui está um cliente, um necessitado, aqui está um terapeuta - foi assim que fomos treinados. Fiz constelações, percebi muita coisa sobre ordens e relacionamentos em sistemas e procurei soluções. Isto trouxe muitas bênçãos.

Entrementes, percebi que os representantes são muito mais importantes do que pensávamos no início. Eles estão em conexão com um campo maior. Uma outra força assume aqui a condução. Isto é o movimento da alma.

O que significa isso para a sua relação com os clientes?

Um exemplo: um cliente se queixa de seus pais ou de experiências infelizes em sua infância. No princípio, sentíamos pena da pessoa, queríamos ajudá-la. Hoje sei que nada existe de mau, pois atrás de tudo atua uma força criadora. Portanto, olho filosoficamente para essa situação e também exijo do cliente que ele mude sua forma de olhar e diga: "Seja o que for que tenha acontecido, eu agradeço e assumo isso como uma força". Nisso não me comporto como um terapeuta, mas como um filósofo. Sem lástima, mas com plena concordância com tudo, tal como é ou como foi. Com isso as forças ficam liberadas. Esta atitude vai muito além da psicoterapia.

Os cinco círculos do amor

Sobre pais, puberdade, relação conjugal e a arte de tomar[8]

O senhor deu um seminário sobre os "círculos do amor". Quais são esses círculos?

Primeiro círculo: Os pais

O primeiro círculo do amor começa com o amor recíproco de nossos pais, como um casal. Foi desse amor que nascemos. Eles nos geraram e nos acolheram como seus filhos. Eles nos nutriram, abrigaram e protegeram por muitos anos. Tomar deles amorosamente esse amor é o primeiro círculo do amor. Ele é a condição para todas as outras formas de amor. Como poderá alguém, mais tarde, amar outras pessoas, se não experimentou esse amor? Faz parte desse amor que amemos também os antepassados de nossos pais. Eles também foram crianças e receberam de seus pais e avós o que depois transmitiram a nós. Também eles, através de seus pais e avós, vincularam- se a um destino especial, assim como nós nos vinculamos ao seu destino. A esse destino nós também assentimos com amor. Então olhamos para nossos pais e nossos antepassados e dizemos amorosamente a eles: "Obrigado". Este é o primeiro círculo do amor.

Meditação sobre o primeiro círculo do amor

Fecho os olhos e volto à minha infância. Contemplo o início de minha vida. O início foi o amor de meus pais, como homem e mulher. Eles foram atraídos um pelo outro por um forte instinto, por algo poderoso que atuou por trás deles. Contemplo essa força que os uniu e me curvo diante dela. Contemplo como meus pais se uniram e como resultei de sua união, com gratidão e amor.

Depois meus pais me aguardaram, com esperança e também com receio, esperando que tudo corresse bem. Minha mãe me deu à luz, com dores. Meus pais se contemplaram e se admiraram: "É essa a nossa criança?" Então disseram: "Sim, você é a nossa criança, e nós somos seus pais". Eles me deram um nome, deram-me seu sobrenome e disseram por toda parte: "Este é o nosso filho". Desde então pertenço a essa família. Eu tomo minha vida como membro dessa família.

A despeito de todas as dificuldades que ocorreram, sobretudo em minha infância, a vida em si não sofreu dano. Essas dificuldades podem exigir muito de mim. Quando, porém, contemplo tudo o que pesou - por exemplo, ter sido entregue a outras pessoas ou não ter conhecido o meu pai - eu digo sim a isso, da maneira como aconteceu, e com isso recebo uma força especial. Então encaro meus pais e digo: "O

[8] Na terminologia de Hellinger, "tomar" (nehmen) significa não receber passivamente, mas aceitar, assumir e incorporar o que se recebe. Nesse sentido, a criança "toma" os pais e o que deles recebe. (N.T.)

essencial eu recebi de vocês. Eu reconheço tudo o mais que vocês fizeram, seja o que for, mesmo que tenha envolvido alguma culpa. Eu reconheço que isso também pertence à minha vida e concordo com isso".

Sinto, em meu interior, que sou os meus pais, que os conheço por dentro. Posso me imaginar, por exemplo: onde em mim eu sinto a minha, mãe? Onde em mim eu sinto o meu pai? Dos dois, quem está mais em evidência e quem está mais escondido? Permito que ambos fiquem em evidência, encontrem-se e se juntem em mim, como meu pai e minha mãe. Em mim eles permanecerão sempre juntos. Posso alegrar-me com isso. Eu os tenho realmente em mim.

Seja o que for que tenha acontecido em minha infância, digo sim a isso. Afinal, tudo se ajeitou. Isso me fez crescer. Além de meus pais, muitas pessoas me ajudaram. Quando meus pais não estavam disponíveis, de repente havia um professor ou uma tia em seu lugar. Ou então alguém na rua me perguntou: "O que há com você, criança?" Essa pessoa cuidou de mim, levou-me talvez de volta para casa. Eu tomo todas essas pessoas, junto com meus pais, em meu coração e em minha alma. De repente, sinto em mim uma grande plenitude. Quando tomo tudo isso com amor, sinto-me inteiro e em harmonia. Esse amor está em mim e se desenvolve em mim.

O segundo círculo do amor:

Infância e puberdade

O segundo círculo do amor é a infância. Tudo que os pais me deram, os cuidados que tiveram por mim, dia e noite, perguntando-se: "De que a criança está precisando?", tudo isso eu recebo deles com amor. Pois é incrível quanto de bom os pais dão a seus filhos. Os pais sabem o que isso lhes custou e o que significa para eles. Eu reconheço isso. Tudo o que aconteceu em minha infância eu aceito agora - inclusive que meus pais não tenham visto alguma coisa, que tenham cometido erros ou que algo de insano tenha acontecido. Tudo isso faz parte. Na medida em que me defronto com esse monte de desafios e também com o sofrimento, a dor e a necessidade de me afirmar, na medida em que aceito e assumo isso, eu cresço.

A criança procura evitar, às vezes, tomar e agradecer, tornando-se ela própria uma doadora. Porém, muitas vezes, ela dá algo errado ou dá em excesso: por exemplo, quando pretende assumir por seus pais algo que não lhe compete como criança.

A criança tem, às vezes, dificuldade em receber, porque o que vem dos pais é tão grande que a criança não pode retribuir na mesma medida. Então ela prefere tomar menos, para que não tenha de retribuir tanto.

De onde o senhor tirou esse conhecimento?

Observei isso em centenas de constelações, em muitas variações. Os filhos não podem suportar o desnível que sentem em relação aos seus pais, principalmente

quando não sabem que a verdadeira compensação do que receberam dos pais consiste em transmitir isso a outros - especialmente, mais tarde, aos próprios filhos. A sensação de não poderem retribuir é um dos motivos que impelem os filhos a deixar a casa de seus pais.

Muitas vezes, os adolescentes recorrem a recriminações para adquirirem o direito de separar-se dos pais. Esse é um recurso barato para escapar da necessidade de retribuir. Contudo, ele ajuda os filhos a se separarem dos pais. Porém, quando os filhos percebem que é possível compensar, transmitindo a outros o que receberam e que é imperiosa a necessidade de compensar dessa maneira, eles conseguem separar-se dos pais sem necessidade de críticas. Aprendem como lidar com o que receberam e aprendem o que podem fazer com isso. A vantagem dessa atitude é que não precisam negar nada do que receberam dos pais. Podem tomar tudo, porque sabem que o repassarão.

Dessa perspectiva eu ainda não tinha encarado a puberdade. At fica imediatamente claro que as críticas e acusações fazem parte do "jogo de compensação" da consciência. Mas a puberdade também é um processo hormonal. O senhor disse que esse recurso é "barato". O que quer dizer com isso?

A senhora encara o processo da puberdade a partir de nossa cultura, onde é usual que as crianças comecem a criticar seus pais. Existem culturas onde isso absolutamente não ocorre, onde a separação não é comprada com recriminações. Essa é uma atitude diferente. A outra é "barata" no sentido de que, se eu tomo pouco, também preciso dar pouco. Tomando pouco, fazendo recriminações, rejeitando o amor dos pais, viabilizo a separação, mas ela acontece de uma forma que empobrece a todos. É tomando que cresço como filho.

De um lado, isso é esclarecedor. Mas, de outro lado, parece envolver uma exortação moral: "Adolescentes, sejam bem comportados, não critiquem os seus pais. " E quando o senhor fala em "barato", isso também soa com uma depreciação, pois existem razões que impedem os adolescentes de conseguir isso.

Tome a palavra "barato" em seu sentido literal: algo que custa pouco. É pouco o que é tomado e é pouco o que fica disponível mais tarde. Quando eu tomo muito, isso me custa muito, porque não posso conservá-lo. Então, também sinto a necessidade de passar adiante, e isso é "caro", porque custa mais. Aí também existe mais. No filho que se recusa a tomar, pouca coisa existe, mas a senhora tem o direito de sentir-se incomodada com o "barato".

Sinto isso de uma forma um pouco mais complexa. Não é uma tarefa dos pais evitar que as crianças se esquivem dessa maneira "barata"? Observei em mim mesma que o natural mutismo dos filhos adolescentes não me preocupa muito. As mães se perguntam, muitas vezes: "O que aconteceu com o meu menininho carinhoso ou a minha menininha carinhosa? Eles receberam algo e agora, de repente, partem vazios.

'' Aí os pais assumem uma atitude adolescente, fechando a cara para os filhos que não cuidam mais deles, não os ouvem e têm ideias diferentes sobre a ordem. Em outras palavras, a puberdade dos filhos me confronta com minha "criancice". Se não me aceitam mais sem reservas, interpreto isso como falta de cuidado por mim. Os filhos nos mostram onde é que ainda não somos adultos. A crítica dos filhos aos pais põe o dedo justamente nessa ferida, pois as crianças têm o olhar penetrante. Elas se preocupam com o próprio crescimento e, muitas vezes, os pais não têm condições de mostrar-lhes seus limites - assim, no momento em que reagem infantilmente, eles recusam o "dar" que lhes compete como pais.

Meu filho, por exemplo, passa o dia todo sem falar comigo, só Deus sabe por quê. Às *vezes, tomo essa atitude como dirigida a mim, sinto-me desconsiderada - portanto, sentimentos infantis. À noite ele chega e pergunta: "Mamãe, você me faz uma massagem nos pés?" Eu poderia - como uma adolescente — pensar: "É justamente o que faltava, que eu o sirva enquanto ele me trata dessa maneira." Mas, com uma atitude mais madura, penso: "Excelente, assim consigo contato com meu filho. Isso é o que posso dar-lhe agora, e o que ele pode receber. " Os pais também são levados nas águas da adolescência. A "puberdade" não acontece numa troca reciproca?*

Eles se separam, os pais e os filhos. Muitos não sabem que existe uma forma de compensar que atravessa gerações. Quando alguém percebe que não precisa retribuir tanto aos pais, mas pode mais tarde repassar isso a outros, fica aliviado em sua alma. Então os filhos podem dizer aos pais: "Vocês podem me dar, eu tomo tudo".

Somente quando percorri totalmente esse segundo círculo do amor é que estou pronto para uma relação conjugal confiável. Dificuldades e problemas nos relacionamentos ulteriores resultam, em sua maioria, de não terem sido completados os dois primeiros círculos do amor. Então precisamos retomar e resgatar o que faltou.

Meditação sobre o segundo círculo do amor

Fecho os olhos e me recolho. Passo a passo, como se desce os degraus de uma escada, retorno à minha infância. Passo a passo. Talvez eu encontre situações onde sinto uma dor ou fico intranquilo. Espero nesse ponto, até que surja uma imagem do que aconteceu nessa época. Muitos traumas da primeira infância estão associados a situações em que fomos deixados sós ou não conseguimos chegar aonde queríamos ou precisávamos.

Agora imagino essa criança, que sou eu mesmo, e olho para minha mãe. Sinto meu amor por ela e o impulso de aproximar-me dela. Olho em seus olhos e lhe digo simplesmente: "Eu lhe peço!". Algo se movimenta na fantasia interior, tanto na mãe quanto em mim mesmo. Talvez ela dê um passo em minha direção, e eu ouse dar um passo para perto dela. Entro nessa vivência, até que interiormente chego a meu objetivo e relaxo nos braços de minha mãe. Então olho para ela e digo: "Agradeço!"

Isto e um processo interno, porém não se deve fazer muito de uma só vez. Já na primeira vez algo se solta na alma. No dia seguinte posso repetir o processo. De novo desço as escadas, de volta à infância, e chego talvez a uma situação ainda mais antiga. Experimento, talvez, de novo o movimento em direção à minha mãe.

Depois de alguns dias, repito o processo - até que, por assim dizer, esteja totalmente com minha mãe.

Geralmente as pessoas lamentam tudo o que não fizeram e o que não receberam, quando eram crianças. Chegam a ficar amarguradas. Que consequências tem isso?

Tudo aquilo que deploro eu excluo. Tudo aquilo que recrimino eu excluo. Toda pessoa de quem tenho raiva eu excluo. Toda situação em que me sinto culpado eu excluo. Assim vou me tornando cada vez mais pobre.

O caminho oposto seria o seguinte:

Tudo aquilo que lamento, eu encaro e digo: sim, assim foi, e coloco isso dentro de mim, com todo o desafio que me faz. Eu lhe digo: "Agora vou fazer algo com você. Vou tomar você como meu amigo ou como minha amiga" - seja o que for.

Tudo aquilo que me levou a acusar alguém, eu encaro e digo: "Sim. Olho-me para ver como posso receber de outra forma o que ficou perdido para mim. Vejo que força eu tenho para fazer isso sozinho, sem pedir ajuda a outro. Então tomo essa situação para dentro de mim, e ela se torna uma força. O mesmo vale para culpas pessoais, que são aquilo que mais queremos excluir e rejeitar. Olho para elas e digo: "Sim." A culpa tem consequências. Eu as aceito e faço algo com elas. Assim, a culpa se torna uma força, e eu também cresço.

Por outras palavras, o movimento básico é sempre o mesmo: em vez de excluir, incluir.

Justamente, e incluir como uma força. Existe, a respeito disso, uma observação muito curiosa. Quando tomo para mim o que rejeitei, o que me causou dor, fez-me sentir culpado ou injustiçado, seja o que for, nem tudo entra em mim. Algo permanece fora. Eu digo sim a tudo, mas o que entra em mim é somente a força. O resto fica simplesmente fora, não me infecciona: pelo contrário, desinfeta-me e purifica. A escória permanece fora, a brasa entra no coração.

O que se opõe ao tomar?

Não suportar o que pesa nos pais; querer ajudá-los, intrometendo-me e colocando-me acima deles. Nesse particular, convém fazer o mesmo exercício. Contemplo os meus pais com o peso de seus destinos, seus enredamentos, suas deficiências, seus vícios, suas doenças. Vejo o que tudo isso significa para eles, em termos de força, quando o assumem. Da mesma forma como fiz comigo, tomando algo para mim, eu vejo: "O que aconteceria se meus pais tomassem para si o que lhes pesa? E o que se passa quando quero fazer isso no lugar deles?"

Assim posso imaginar que meus pais dizem sim ao que lhes pesa. Isso pertence a eles, inclusive seus enredamentos, que encaro de uma certa distância, de uma posição inferior - como uma criança. Deixo que meus pais permaneçam completamente como meus pais. Não preciso assumir por eles nada que lhes pertença exclusivamente. Tudo isso permanece fora de mim, porque pode ficar com eles.

O que ocorre com o "filhinho da mamãe" e com a "filhinha do papai"?

Eles se intrometem entre a mãe e o pai. A solução para eles é simples: a filha deve dizer ao pai: "Para isso sou pequena demais" e o filho deve dizer à mãe: "Para isso sou pequeno demais". Em seguida, devem imaginar que se retiram. Então o pai e a mãe precisam olhar-se diretamente e talvez se encontrem de uma outra maneira, porque ninguém mais se interpõe entre eles.

Portanto, este também é um exercício que se pode fazer. Quem percebe que é uma filhinha do papai, olha para o seu pai e lhe diz, piscando o olho: "Sou apenas a sua filha. Para outro papel, sou pequena demais". A mesma coisa faz o filhinho da mamãe com sua mãe. Olha para ela e lhe diz: "Sou apenas o seu filho. Para outro papel, sou pequeno demais". Curiosamente, isso é um alívio para todos, inclusive para os pais.

Terceiro círculo: Dar e tomar

Então chegamos ao terceiro círculo. Aí vale, em primeiro lugar: dar e tomar. Não dar para receber, simplesmente dar e tomar.

O adulto consegue igualmente dar e tomar.

Por que ele consegue, ao contrário da "criança adulta"?

E mais fácil dar do que tomar, porque dando eu me sinto superior. Quando tomo para mim, reconheço-me dependente, como uma pessoa entre outras.

Existem pessoas que apenas tomam.

Isso depende da maneira de tomar. O verdadeiro tomar não comporta exigência. Quando tomo o que o outro me dá, confesso-me carente.

Na Bíblia se diz que "é mais feliz dar do que receber". Uma das razões disso é que quem dá sente-se superior e grande.

Então o senhor não toma esse dito como um conselho moral, mas como um insight sobre o que se esconde por trás do ato de dar? Então estamos há muitas gerações num enorme mal-entendido.

Tomar o amor, como uma pessoa entre outras, tem grandeza. Quando posso tomar dessa forma, também posso dar. O dar começa com o correto tomar.

Nas relações adultas é importante que cada pessoa possa, de algum modo, tomar da

outra. Essa é a compensação mais importante. Não é preciso que ambas deem na mesma medida, mas que tomem para si na mesma medida. O ato de tomar reciprocamente é o mais difícil. Ele une mais profundamente, pois ambos estão na posição de quem necessita. Isso une.

Poder tomar tem muito a ver com doação, e doação só funciona sem controle. Porém existem pessoas que constantemente doam, porque querem receber alguma coisa. Elas dão para receber. Estão constantemente dando, mas não conseguem realmente tomar.

Elas dão na expectativa de receber e, sobretudo, eles tem pouco respeito pelas outras pessoas, pois se consideram melhores e permanecem numa posição de superioridade.

Existem também os que sempre têm algo a reclamar quando recebem alguma coisa. Os presentes nunca são suficientemente bons. Isso acontece frequentemente entre homens e mulheres.

Isto mostra que tomar é uma arte elevada. Trata-se de tomar, valorizando o que se toma. Essa é a arte.

Portanto, em termos práticos do dia-a-dia, isso significa que devo tomar tudo o que recebo, mesmo quando não corresponde ao que eu imaginava? Creio que se poderia escrever um livro com sátiras sobre essas situações penosas, amargas e decepcionantes em que as pessoas se presenteiam e os presentes não são adequados, porque não são suficientemente bons ou se desejava receber outra coisa. Sinto vergonha em lembrar como recusei, troquei, passei adiante ou devolvi presentes de meu marido.

Tudo tem algum valor. Quando alguém me dá alguma coisa, ele me deseja algo de bom. Eu o tomo assim, porque me é dado por ele. Nesse momento tudo o que ele dá se toma valioso. Aquilo se transforma e, de repente, eu percebo: “Ah, isso também tem para mim algo de belo”. É nisso que consiste o tomar.

Como pessoas adultas, devemos dar sem esperar receber do outro algo que ele não pode dar-nos. Essa atitude nos dá força para nos tornarmos pais ou mães. Nela, o tomar se completa e começa a transmissão, o intercâmbio entre as gerações. Este é o terceiro círculo.

Quando ambos, o homem e a mulher, tomaram totalmente seus pais e se tornaram um casal, eles deixam fluir aquilo que veio de seus pais. Então se dão reciprocamente, a partir dessa plenitude, mas a experiência mostra que isso nem sempre se consegue.

Meditação sobre o terceiro círculo do amor

Coloco-me diante de meu parceiro e olho primeiro para a direita, para os meus pais. Vivencio, mais uma vez, o processo de tomar o amor de meus pais. Meu parceiro está diante de mim. Por sua vez, ele também olha primeiro para a direita, para seus pais, c vivência de novo o processo de tomar o amor de seus pais. Depois de olhar para

meus pais e também para meus ancestrais, olho para os pais do parceiro e para os seus ancestrais. Vejo tudo o que eles lhe deram, e como ele se enriqueceu com isso. De repente, algo muda em nossa relação, pois meu parceiro me aparece de uma outra maneira, e o amor de seus pais também se manifesta nele.

Ao mesmo tempo, vejo também o lado difícil que lhe pesou, o que lhe aconteceu. Vejo isso como algo que ele toma para si, como uma força, e o que parecia tão pesado permanece fora. O mesmo faço com o que é pesado para mim. Então nos olhamos de novo nos olhos. Eu lhe digo: sim. E ele me diz: sim. Ambos nos dizemos mutuamente que agora estamos prontos um para o outro.

Segunda meditação sobre o terceiro círculo do amor

Mais tarde o casal recebe uma criança. A mulher recebe a criança do marido, e o marido recebe a criança da mulher. Ambos dizem: "Nossa criança". Eles se veem nela como partes de um todo maior. Eles são sempre apenas uma parte da criança e se exercitam para ver em tudo também o parceiro, e para aceitá-lo em tudo.

Olho para essa criança, a nossa criança. Atrás dela vejo meu parceiro c tudo o que há de especial na família dele. Vejo tudo o que nela é diferente de minha família e o tomo, como igualmente válido, em meu coração. Nesse momento a criança tem o mesmo valor para ambos e pode unir-se da mesma forma a ambos os pais. Cada parceiro diz ao outro: "Esta é a nossa criança: tem a sua parte, como pai (mãe), e a minha parte como mãe (pai). Assim se enriquece a criança e a relação.

O que acontece quando um casal se separou e tem filhos?

Separações acontecem, via de regra, quando um parceiro se retira para sua família de origem. Ele retoma por não ter tomado alguma coisa ou, talvez, por ter-se intrometido, não deixando com os seus pais o destino que lhes toca.

Muitas separações advêm porque um dos parceiros se decepciona. As expectativas que tenho em relação ao meu parceiro são frequentemente as mesmas que, em criança, eu tinha em relação aos meus pais. Agora espero que o meu parceiro as satisfaça, mas ele não as satisfaz e também não pode satisfazê-las. Então me decepciono com ele e separo-me, por causa disso. Esse é um dos padrões de separação. Nesse particular é útil exercitar-me primeiro em realmente tomar os meus pais. Então, já não preciso esperar isso do meu parceiro. Nossa relação fica mais sóbria.

Há, contudo, mais alguma coisa que pode levar a separações. Existe um crescimento pessoal, um destino pessoal. Talvez um dos parceiros esteja vivendo uma evolução importante para ele, e o outro parceiro sinta que o seu próprio caminho não é o mesmo. Então cada um concorda com o caminho do parceiro e com o seu próprio caminho e ambos se permitem segui- lo. Algumas vezes isso também pode ser um motivo de separação, mas essa é uma separação com amor. Os parceiros podem se

dizer reciprocamente: "Eu amo você e amo o que me conduz e o que conduz você". Esta é uma frase profunda. A separação, quando ocorre, é mais fácil para ambos. Muitas vezes, porém, somente um dos parceiros a diz, e o outro se opõe. Então um diz ao outro: "Meu crescimento pede isso de você".

De você e dos filhos?

Dos filhos, não. Aos filhos a gente diz: "Ficarei sempre com vocês." Um crescimento separado dos filhos não pode ser um verdadeiro crescimento. Isso só ocorre em casos muito excepcionais. A gente pode dizer a eles: "Peço que aceitem minha separação de sua mãe - ou de seu pai -, mas ambos estaremos sempre presentes para vocês". Isso é difícil para os filhos, mas é uma possibilidade de crescimento para todos, se é feito dessa maneira. E todos permanecem unidos.

Quarto e quinto círculos do amor:

Concordar com todos os seres humanos e com o mundo

Os três primeiros círculos têm a ver com a consciência e a necessidade de compensar. O *que acontece no quarto círculo com a capacidade de dar e de tomar?*

O quarto círculo ultrapassa os limites da consciência. Nele eu concordo com todas as pessoas de minha família como elas são, inclusive os excluídos e os difamados. Aqui se trata da plenitude interna, isto é, todos os que pertencem à minha família ganham um lugar em minha alma, inclusive os que foram rejeitados, desprezados e esquecidos. Sem eles eu me sentia incompleto, no corpo e na alma. Somente quando os incluo em minha alma e em meu amor é que me sinto pleno e inteiro.

O mesmo movimento em que incluo em meu amor o que até agora foi excluído ou temido, eu estendo, em seguida, a todos os outros seres humanos. Este é o quinto círculo do amor.

O quinto círculo do amor se dirige à humanidade, ao mundo, enquanto tal. Aqui se trata de concordar com o mundo como ele é. Isso diz respeito à capacidade de reconciliação entre os povos, por exemplo. Este é o amor universal, que sabe que somos movidos por poderes superiores.

Que imagem do ser humano está por trás desses círculos do amor?

Para mim, todos os seres humanos são bons. Cada um é apenas da maneira como pode ser. Ninguém pode ser diferente do que é, em sua situação. Por isso, trato a todos com o mesmo respeito. Essa atitude, esse modo de proceder é uma realização da própria alma. Ninguém pode dispensar o outro dessa realização. Muitos que buscam ajuda querem tê-la sem realização pessoal, mas quando sentem quanta alegria essa realização lhes proporciona, essa compreensão lhes abre novas possibilidades de se moverem na vida. Isso sempre passa por uma compreensão. A emoção do amor tem pouca compreensão. Quando fico estacionado nessa emoção,

pouca coisa acontece, fico amarrado. No quarto e no quinto círculos do amor ultrapasso essa estreiteza e atinjo um nível espiritual.

"Quem se alegra com a própria mãe, ganha"

Sobre felicidade e alegria

Isso nos torna felizes?

A felicidade é uma dádiva. Ela vem sempre de uma relação. Como devemos nos relacionar para sermos felizes? - Somos felizes quando nos alegramos com uma relação. Nenhuma relação posterior tem êxito enquanto a relação primária não for bem sucedida. Todo relacionamento começa com a mãe. A maioria dos problemas surgem quando algo nessa relação não se realizou em plenitude. A alegria começa com a mãe. A felicidade mais profunda da criança consiste em estar com a mãe - essa é a felicidade original. Mais tarde, naturalmente, ela precisará também buscar outras pessoas. Mas isso não importa, pois ela já leva consigo a felicidade original. Mais tarde há uma distância maior, mas o fundamental consistiu em olhar a mãe nos olhos e dizer-lhe: "Sim, eu me alegro porque você é minha mãe. Esta é para mim a coisa mais bela que existe: que você é minha mãe".

E o pai?

O pai também conta, naturalmente, mas a felicidade começa com a mãe. Nesse particular o pai e a mãe não estão no mesmo nível. Existe um desnível. O pai sabe disso, mas não precisa ficar com ciúme, porque o mesmo aconteceu com ele em relação à sua mãe. Quem pode alegrar-se com sua mãe, ganha.

Essa é a sua introdução à felicidade?

Pode ser, se assim o preferir. É assim que nos chega a plenitude da vida e da felicidade. Esta é a base para toda felicidade ulterior. *É* também a base para o amor à natureza que é, por assim dizer, a grande mãe.

A criança pequena toma tudo em sua alma. Aí não existe, ainda, nenhuma resistência. Esta só aparece mais tarde.

Por experiência pessoal, fiz uma importante observação sobre a felicidade. Quando tomo totalmente em mim minha mãe ou meu pai - sem nenhuma restrição - "Você é minha mãe, assim eu tomo você", "Você é meu pai, assim eu tomo você", toda a plenitude de meus pais vem para a minha alma. Nisso não tomo algo de meus pais em mim, tomo os meus pais em mim, com tudo o que isso envolve e tudo aquilo que eu não considerava bom fica fora de mim - curiosamente. Junto com essa pessoa só recebo o seu lado bom - nada mais.

Em minha formação como terapeuta corporal fizemos um exercício de que me lembro especialmente. Devíamos imaginar primeiro nossos pais como crianças, dançando de

mãos dadas conosco. Depois, imaginá-los como adultos, quando se encontraram. Em seguida, devíamos receber os pais em nossos próprios corpos, imaginando como eles atravessavam nossas entranhas e chegavam ao nosso coração. Em nossos corações devíamos, então, preparar um lugar para os pais, onde eles se amam e nos geram. Isso pode servir como uma imagem do que o senhor tem em mente?

É uma bela imagem.

Quem é que devo acolher exatamente? A mãe que me abandonou? O pai que espanca a mãe? Estou imaginando uma alcoólatra desamparada, que nunca cuidou de sua filha. Quem tomo então? A mãe ideal, como ela poderia ser? Uma parte da mãe que experimentei como boa e nutriente?

Eu tomo a mãe e o pai como pessoas - esta é uma distinção importante - não o que me deram ou o que me recusaram. Isso não importa aqui. O que eu tomo é a pessoa e na medida em que a tomo, possuo-a em plenitude.

Isso não é uma enorme idealização do materno e do paterno? Com isso eles recebem uma responsabilidade quase sobre-humana.

Posso assegurar que a ligação com a mãe está perturbada em oitenta por cento das pessoas que procuram terapia. A verdadeira terapia termina conectando a pessoa com sua mãe.

O *que acontece quando não se consegue esse contato com a mãe?*

Essa pessoa está perdida e não pode entrar em nenhum relacionamento.

Isso soa de modo terrível. "Perdida", "nenhum relacionamento"- é questão de tudo ou nada. Onde é que fica o pai?

Muitos problemas das crianças também nascem por não terem acesso ao pai. Somente a mãe pode abrir o caminho para o pai, com isso, ela tem um poder incrível. Ninguém mais pode abrir o caminho para o pai.

Não consigo entender isso. O que o senhor está querendo dizer?

Que a mãe ame na criança o pai, como ela fez no início. Sua frase seria então: "Eu me alegro se você se tornar igual a ele". Então a criança sabe: "Ela se alegra se eu me aproximo do pai." Isso abre o caminho para a criança, e ela ganha uma força especial. Antes de tudo, ama a sua mãe muito mais do que antes.

Isso significa que a chave de tudo é a relação entre o filho e a mãe e, para além dela - mesmo quando os pais estão separados - a ligação afetuosa de ambos com o pai, pois existem muitas mulheres que, depois de um divórcio, dizem a seus filhos ou pelo menos pensam, em tom de desprezo: "Meu Deus, você é igualzinho ao pai". Isso significa, mais uma vez, que nós, mulheres, podemos errar mais.

Eu diria isso de outra maneira. As mulheres têm as maiores possibilidades.

"O pai não precisa lutar mais"

Sobre a alienação dos filhos

O senhor soube da sentença recente do Tribunal da Constituição Federal que o marido que duvida de sua paternidade não tem o direito de pedir um teste genético sem o conhecimento da mulher? O que o senhor acha disso?

A ideia de que com isso se protege a família é bem estranha.

Afirma-se que essa medida protege o direito de personalidade da criança.

E o direito de personalidade da mulher contra a realidade. Essa é uma profunda injustiça contra todos. É uma ideia insensata e, ainda por cima, foi convertida em lei! Eu me pergunto: como é que a criança ficará mais tarde?

Como filha de outro pai?

Principalmente quando souber que aquele que paga por ela não é o seu verdadeiro pai. Como se sentirá ela, como se sentirão seus filhos? Não se pensa absolutamente nas consequências. O teste é o único recurso do pai para confirmar sua paternidade. Às vezes é preciso brigar. Seria o último recurso para se obter justiça.

Como pode encontrar paz um homem que foi assim enganado?

Ele deve dizer à criança: "É por você que faço isso". Então fica em paz, é livre e preserva sua dignidade.

Seria um grande feito.

Certamente, mas seria a solução.

Por outro lado, existem muitos pais que são enganados sobre sua paternidade. Às vezes são também mães que perdem os seus filhos. Um dos genitores toma os filhos e os aliena do outro, conscientemente ou não. Isso chega a um ponto em que a criança não quer mais ver o outro genitor - e aquele que conserva as crianças apoia isso, às vezes também o aplaude.

A criança sempre se decide da forma que convém àquele que tem o poder sobre ela. Ela não pode proceder de outra maneira, senão estaria em perigo, mas ela fica mal e guarda raiva por muito tempo contra a mãe ou contra o pai, se foi ele o responsável por sua alienação. Quem aliena a criança não ganha nada com isso, mas muitas vezes isso ainda não passou pelo sofrimento. Há coisas que só podem mudar depois que foram bastante sofridas.

Os *pais que lutam contra isso ficam, às vezes, muito desesperados. O que o senhor diz a eles?*

Que digam à criança: "Estou sempre presente para você - isso você precisa saber -

mesmo que eu não possa ver você agora. Continuo sendo seu pai e estou aqui para você. Você pode confiar em mim." A criança se tranquiliza, e o pai já não precisa lutar, apenas aguardar. Ao mesmo tempo, ele diz à criança: "Eu concordo com a sua mãe e concordo com o destino que ela é para você. Ela continua sendo a mãe certa para você e eu a respeitarei sempre. Você pode ficar com sua mãe enquanto ela precisar e enquanto você precisar dela." Então a criança fica aliviada.

Mas o senhor mesmo diz que isso é difícil para a criança. Ela carrega um grande peso. Isso exige que se lute, para poupar-lhe coisas más.

A luta não leva a nada. Para a criança é difícil, não resta dúvida, mas ela cresce com isso. Não se pode lamentá-la. Quando alguém de fora vem e diz: "Pobre criança!" isso é mau para ela. A criança não é pobre, pois ela tem esses pais e, aconteça o que acontecer, ambos pertencem ao seu destino, ao seu desafio, mesmo ao peso que ela carrega - até que ela aceite isso e então cresça nisso e para além disso.

Isso é muito difícil para a maioria dos pais homens. Soa para muitos de modo fatalista. Eles perguntam: "Devo simplesmente assistir a como se rouba a infância de meu filho?". E eles lutam.

A luta os coloca no mesmo nível da mulher. A criança fica esmagada no meio disso. "A criança me pertence!"? - Não, mas "Você não pertence a mim, você pertence *a si mesma,* mas eu sou o seu pai. Não reivindico você, mas você pode me ter. Para mim você é meu filho e eu sou o seu pai." Essa é uma solução maravilhosa e simples, boa para todos.

E quando é muito difícil para os pais ficarem contentes com esta solução?

Então ainda podem dizer à criança: "Tenho ainda algo importante a lhe dizer: eu amei muito a sua mãe."

O senhor exige muito das pessoas.

Isso é amor, o amor verdadeiro.

"Eu honro as mães por uma compreensão filosófica"

Sobre o que realizam as mães e os pais

Por que o senhor honra as mães dessa maneira? Isso faz parte de seu passado católico?

Honro as mães a partir de uma compreensão filosófica. Contemplo o que significa ser mãe. Todas as mães realizaram o decisivo de uma forma perfeita. Não existe nenhuma mulher que se tenha tomado mãe e não o tenha realizado plenamente. Caso contrário, não se teria tomado mãe. Portanto, no que é decisivo, todas elas são perfeitas. Aquilo que vem depois tem um papel secundário.

Isso é por si evidente, não necessita grandes pensamentos. Basta voltar o olhar para

isso. O maior bem que existe é, naturalmente, a vida. Na prática terapêutica, frequentemente se esquece o que isso significa. Às vezes, a criança levou um tapa, ela recorda o fato - e se trabalha sobre isso, mas ela recebeu da mãe a vida em sua totalidade, e isso é esquecido. Nenhuma mãe pode subtrair de seu filho algo da vida que lhe deu, e nenhuma pode acrescentar algo a essa vida. Nenhuma mãe foi melhor ou pior do que outra. Como mães, todas foram perfeitas. Esse é um belo pensamento.

Naturalmente, mas a vida escreve outras histórias.

O senhor exige, portanto, uma atitude quase religiosa em relação à mãe e ao pai - quase como nos dez mandamentos: "Honrarás teu pai e tua mãe", mas os modernos desaprenderam isso e resistem, porque têm diante dos olhos as características concretas da maternidade e da paternidade e, dotados de consciência crítica, autonomia de pensamento e capacidade de julgamento, fixam-se nos "tapas" - que, aliás, podem ser bem dramáticos.

É a verdade.

Uma janela da verdade?

Eu tornei a abrir essa janela para muita gente. Muita coisa de que se ocupa a psicoterapia parece muito secundária em comparação com essa compreensão fundamental, de que a vida, tal como foi integralmente transmitida por nossos pais, é o bem mais elevado. Não existe maior sintonia com a força criadora primitiva do que o ato de gerar.

Seguir o próprio instinto qualquer pessoa pode, não é nada de especial. O que nos interessa é a realização individual - não o que todo mundo pode fazer. Como meu filho progride, se ele é instruído, belo, inteligente e vivo - é isso o que vale, principalmente como realização individual.

Gerar é algo que qualquer pessoa pode - justamente. Não é uma coisa especial, não obstante, é a maior de todas. As consequências exigem uma grande realização, naturalmente, mas o nascimento, por si só, é uma incrível realização - não consigo imaginar nada maior. Se bem que não estou autorizado a opinar a respeito, porque é uma experiência que não me foi concedida. Pela simples reflexão, é a maior coisa que existe e nada traz uma alegria maior do que uma criança que acabou de nascer.

"Como um dedo numa poderosa mão"

A ligação entre perpetradores[9] e vítimas

Quando assisti, pela primeira vez, suas constelações familiares, ao trabalhar com

[9] O termo alemão Täter designa aquele que faz um malefício a alguém. Designa, conforme o caso, autores de agressão, abuso, roubo, crime ou outras ofensas graves. Em consonância com

perpetradores nazistas o senhor ainda os mandava embora. Eram literalmente colocados porta afora. Naquela época o senhor dizia que os perpetradores tinham perdido seu direito de pertencer.

Sim, um perpetrador que fosse assassino eu mandava embora; outros, não.

Portanto, ainda não havia, no trabalho das constelações, a ideia de que, no nível anímico, perpetradores e vítimas pertencem à família.

A experiência inicial era esta: o perpetrador sente-se atraído por sua vítima, ele vai ao encontro dela na medida em que sai da família. Nessa medida, o procedimento era adequado. Mais tarde ficou patente que a vítima, seja quem for, pertence à família do perpetrador. Assim, em vez de o perpetrador ir até a vítima, esta passou a ser trazida.

Em outras palavras, quando se excluía o perpetrador, a vítima também era excluída, porque o senhor pensava que ela não pertencia ao sistema familiar? Procedi assim por algum tempo. Então percebi que não é assim.

Como reconheceu isso?

A primeira vez em que isso ficou claro para mim foi num curso em Berna. Um homem constelou sua família. Ao terminar, disse: "Devo acrescentar que sou judeu, mas ninguém de minha família foi assassinado, pois morávamos na Suíça." Entretanto, sua mãe tinha se suicidado e também ele estava em risco de suicidar-se. Percebia-se que sua mãe e ele estavam em sua alma profundamente ligados às vítimas judias.

Então, coloquei simplesmente sete pessoas como representantes dos judeus assassinados e, atrás deles, a uns dois metros de distância, sete representantes de seus assassinos. Em seguida pedi aos representantes das vítimas que se virassem para os perpetradores, e não interferi mais. Surgiu então um movimento entre os perpetradores e as vítimas. Os perpetradores foram dominados por uma imensa dor. Quando as vítimas viram isso, es- tenderam-lhes as mãos e os abraçaram. Um dos perpetradores disse: "Aqui está apenas um, mas existem centenas com quem ainda preciso defrontar- me". De repente, pudemos ver como os perpetradores e as vítimas estavam intimamente unidos, ligados por um profundo amor. Como isso foi possível? Perpetradores e vítimas puderam perceber que todos estavam entregues a um poder superior por trás deles. Um dos perpetradores disse: "Senti-me como um dedo numa poderosa mão, na mão de um poder ao qual estou totalmente entregue".

Essa foi a primeira experiência nesse sentido. A partir daí, não pude mais colocar-me contra os perpetradores, como se eles fossem diferentes, como se fossem

---

a prática adotada nas traduções de língua inglesa e espanhola, optamos sempre pela tradução perpetrador, exceto quando se fala explicitamente de assassinos (Morder) . O termo vítima recebe, por correspondência, a mesma amplitude. (N.T.)

monstros e como se não fossem também impelidos por um outro poder por trás deles.

"Acolho em meu coração todos os excluídos"

Justamente neste tema "perpetradores e vítimas", a gritaria contra o seu trabalho é muito grande. As pessoas o criticam, dizendo que o seu coração bate mais pelos perpetradores do que pelas vítimas.

É verdade.

Fala a sério?

Sim, falo a sério, pois são eles, no mais das vezes, os excluídos. Quando devo fazer algo pelo sistema, preciso primeiro acolher em meu coração os mais excluídos. Sempre que uma pessoa fala de um perpetrador em sua família e diz: "Ele destruiu tantas coisas...", eu imediatamente dou a ele um lugar em meu coração. Os separados são imediatamente unidos em minha alma e, justamente por isso, porque eu incluo os difamados antes de começar o trabalho, a constelação pode ser bem sucedida. De outra forma eu não poderia trabalhar. Isso também vale quando os pais são rejeitados. Nem é preciso procurar por assassinos — todos os rejeitados têm imediatamente um lugar em meu coração. Com isso, coloco-me sistemicamente numa posição em que posso realmente ajudar a todos.

Na moral convencional, é uma atitude politicamente correta sentir simpatia e compaixão pelas vítimas, pelos fracos e oprimidos, mas o que interessa ao senhor não é o nível político, mas a alma. Isso é frequentemente confundido ou intencionalmente mal entendido.

A gritaria é grande. Quem grita? - Aquele que nega *em si* os perpetradores, este grita. O estranho é que, na medida em que as pessoas gritam, elas se tomam perpetradoras e absolutamente não se dão conta disso.

O senhor é sempre citado por ter dito que Hitler fez grandes coisas. Muitos pensam: "Como ele pode dizer algo assim!"

Isto soa como se fosse uma invenção minha. Contudo, todo mundo pode ver o que se passou. Qualquer um pode ver que algo grande foi feito, algo que continua produzindo efeitos.

Isso soa como uma avaliação positiva?

Eu não avalio isso, mas virou tudo de pernas para o ar! A partir daí, tudo mudou.

O que o senhor quer dizer com isso? Que "algo grande foi feito" é algo que se pode afirmar sobre toda a história da humanidade. Mas Hitler mandou matar milhões de pessoas.

A dificuldade consiste em que julgamos um efeito do ponto de vista moral, mas aqui

estão em jogo poderes totalmente diferentes. Esses poderes que movem o mundo são totalmente amorais. Nós os reduzimos ao tamanho de nossas concepções morais. O que vale aí uma vida? Absolutamente nada. Essa autorreferência não leva nada mais em consideração!

As grandes catástrofes, as grandes guerras produziram no mundo um desenvolvimento da consciência. Não importa absolutamente que isso nos agrade ou não, que o consideremos bom ou mau. Esses grandes movimentos não podem ser desencadeados por um indivíduo. Como pode alguém entusiasmar uma nação inteira, se não estiver por trás dele um movimento que recebe a sua força de um outro lugar?

Isso soa como o ponto de vista de um místico, para quem não existe moral e não existem os contrários.

É uma reflexão filosófica, que contempla os fenômenos e olha para os resultados e vê que tais movimentos não podem ser desencadeados por um indivíduo.

Apenas um exemplo: conta-se que Hitler, quando se apresentava como orador, arrebatava a todos mas, depois, desmoronava. Vejo isso assim: ele saía de um campo, já não estava no mesmo campo em que estivera durante o discurso. Se assim não fosse, não poderia desmoronar em seguida. De onde vem esse campo? De algum outro lugar. Usar aqui a palavra "Deus" escandaliza, porque soa como se Hitler fosse um profeta. Quando uso esse conceito, quero designar poderes que não compreendemos, que de um modo ou de outro necessariamente atuam por trás de nós.

Quando o senhor fala assim, eu o ouço com ouvidos morais: "O grande é bom, fez um efeito, o pequeno é mau, fracassou. "

Esse modo de pensar me é totalmente estranho.

Que em seu nível filosófico desapareçam distinções como "bom" e "mau" é uma coisa. Afirmar publicamente na Alemanha que Hitler foi um enviado de Deus é algo diferente. É um convite para um mal-entendido em relação ao senhor.

Todos esses grandes movimentos só podem ser compreendidos como movimentos divinos - para além de toda moral.

"As vítimas têm o direito de cidadania em nosso coração"

Que lugar ocupam as vítimas nessa filosofia? De qualquer maneira, o senhor diz isso na Alemanha, como um alemão. Isso é uma provocação.

Vou citar um exemplo para mostrar em que nível abordo essa questão. Em companhia de Zenon, um amigo polonês, viajei de trem de Breslau a Cracóvia. Meu amigo me contou que em Cracóvia havia um grande bairro judeu. Quase todos os judeus que ali moravam morreram. Também a Galícia está completamente vazia -

era habitada em larga escala por judeus. Esses judeus não têm hoje um lugar no coração de muitos na Polônia. Ao que disse meu amigo, muitos comentam que os judeus mereceram isso. Portanto, o antissemitismo ainda é forte na Polônia.

Eu imaginei essa cidade e me perguntei como se sentiam as pessoas ali. Então vi em volta da cidade, com meu olhar interior, um grande círculo de pessoas querendo entrar nela, sem conseguir. São os judeus que moravam lá e também os que moravam na Galícia. Eles estão fora, diante da cidade. No último dia de minha permanência em Cracóvia fui visitar o antigo bairro judeu. As casas ali estão todas intactas, pois Cracóvia não foi destruída. A sinagoga ainda está lá, na porta das lojas ainda constam os antigos nomes em hebraico. Eu me entreguei à minha percepção. De repente, vi os antigos moradores olhando pelas janelas, com os olhos desgastados pelas lágrimas.

Foi essa a sua imagem interna?

Essa foi a minha imagem. Eu realmente vi e senti isso e me entreguei à minha percepção.

Nesse mesmo dia fomos a Kattowitz para uma palestra noturna. O evento foi realizado no grande teatro da Filarmônica. Muita gente não conseguiu entrar. O salão estava superlotado, eram mais de mil pessoas. Eu lhes contei a minha vivência e lhes disse o que faltava na alma de muitos poloneses. Disse- lhes que precisavam trazer de volta todos os judeus que moravam na Polônia e dar-lhes um lugar em seu coração. Isso abriria inacreditavelmente suas almas.

Viajei também através da Silésia. Lá existe muita terra inculta. Na região industrial da Alta Silésia, muitas fábricas estão fechadas. A terra está abandonada. Os silesianos estão fazendo falta, simplesmente estão faltando. Sua ausência é uma tremenda perda para essa paisagem. Nesse assunto não dou importância à política. Nada precisa mudar na política, mas os silesianos ainda pertencem à Polônia.

Em que sentido pertencem à Polônia?

No nível da alma. Todos os que ali moram deveriam dar em sua alma um direito de cidadania a esses silesianos que emigraram ou foram desterrados. Isso traria à Polônia um incrível e imediato acréscimo de força. As pessoas presentes nas minhas palestras mostraram-se muito receptivas a essa idéia.

Com isso já respondi algo sobre a forma como me posiciono em relação às vítimas.

A mesma coisa vale para a Alemanha? Os judeus precisam ter um lugar aqui?

Naturalmente.

Onde? Estou pensando em Berlim, com o enorme e muito contestado memorial de Peter Eisenman, recentemente inaugurado.

Os judeus precisam ter o direito de cidadania em nosso coração. Aqueles que me atacam não dão realmente um lugar aos judeus. Eles fogem dessa confrontação, dessa contemplação, olhando apenas para os perpetradores. Na medida em que não dão aos judeus um lugar em sua alma, com amor e respeito, tomam-se exatamente iguais aos perpetradores que condenam.

"Eu me distancio dos perpetradores"

Por onde o senhor sabe que os seus críticos não dão um lugar aos judeus?

Quero dizer dar-lhes um lugar em seu coração. Não é o mesmo que fazer discursos ou exigir monumentos.

Quando estive na Polônia e me entreguei às minhas percepções, olhei também, naturalmente, para os perpetradores - de ambos os lados - que fizeram tudo isso: os alemães, os russos, os próprios poloneses - todos, porém, eu não me ocupei deles. Somente as vítimas possuem esse direito.

Como o senhor entende isso?

Exatamente como o digo. Eu me distancio dos perpetradores. Honro as vítimas como as únicas pessoas que têm o direito de defrontar-se com os perpetradores, e também elas não ficarão em paz enquanto não se defrontarem com esses perpetradores e não se reconciliarem com eles, e isso diante de Deus - seja o que for que entendamos sob esse nome. Todos os que vieram depois, que se abraçam e pretendem lutar pelas vítimas, estão realmente ao lado delas? Estão realmente honrando-as?

O senhor diz isso em termos políticos? Ou num nível anímico?

Cada mudança nessa área se realiza no nível da alma e do espírito. Somente quando se reconhece isso é que a política pode agir.

Suas palavras se referem, portanto, a um contexto anímico, espiritual.

Por um lado, sim, mas isso também tem, naturalmente, consequências políticas. Quando reconhecerem que nesse particular acontecem movimentos mais poderosos, os alemães, por exemplo, poderão dizer que também foram arrebatados por esse poderoso movimento. Então cessarão de julgar e, de repente, se sentirão no mesmo nível dos perpetradores.

Isso é realmente uma declaração política ou uma declaração mística?

Tudo começa pela compreensão interior.

"Vejo Hitler como um ser humano, sem desculpar nada"

Também Goebbels afirmou: "Muito além de nossa capacidade de compreensão, o homem opera como instrumento da história, e não importa absolutamente se ele está ou não consciente disso. "

Sim, está certo.

Eu temia que o senhor iria concordar com isso. Que diferença existe entre a sua compreensão e a de um Joseph Goebbels?

Isso mostra mais uma vez que Goebbels não se sentia como um perpetrador individual, mas como parte de um movimento pelo qual foi arrebatado. Mas não apenas Goebbels, todo o povo alemão foi também arrebatado. Quem é que seduziu quem? Foi o *Führer* que seduziu o povo ou foi talvez o povo que também o seduziu?

Por que essa pergunta é importante para o senhor?

Quando simplesmente nos confrontamos com essa pergunta ficamos num nível mais modesto. Em *Strange meeting,* um poema de Wilfried Owen, um homem, que na véspera apunhalara um inimigo de guerra, morre por sua vez e chega ao reino dos mortos. Os dois adversários se olham nos olhos e se perguntam: "O que foi tudo isso e para quê?" A frase final do poema diz: *Let us sleep now* - Vamos dormir agora. Então tudo passou. Essa atitude, de sentir-nos envolvidos em algo muito diferente do que habitualmente pensamos, torna-nos modestos, então cessa a arrogância. Nessa visão, perpetradores e vítimas, nazistas ou não, deixam de desempenhar papéis pessoais. Nesse movimento da história, todos eles se encontram num mesmo barco. Reconhecer isso, em última análise, é uma realização em termos religiosos.

Os ataques contra o senhor estão frequentemente num nível político-ideológico. Suas afirmações o convertem, para muitos olhos, num "Hellinger marrom", até mesmo num antissemita.

Eu tentei desarmar isso, mas aqui se evidencia o que certa vez condensei num dito: "Um touro é cegado pelo seu próprio pano vermelho." Quando as pessoas ouvem "enviado de Deus", é o fim. Elas investem contra isso, sem se darem o trabalho de investigar ou de ler o que está por trás disso.

Por isso eu pergunto mais uma vez pelo contexto. As pessoas que foram longamente afetadas pelas consequências e pelas questões que a época nazista deixou nas almas leem o seu texto sobre Hitler com olhos diferentes daquelas que se engajaram politicamente pelas vítimas. Por que o senhor lança essas frases no espaço público de uma universidade, onde não há lugar para processos anímicos e ensaios filosóficos? Isso é provocador.

Quem precisa, então, desses *insights?*

Quem segura o pano vermelho não pode vê-los.

À medida que digo algo a respeito, algo se põe em movimento, mesmo que não se chegue a uma solução, mas a tranquilidade com que alguns se recostam e dizem: "Mas eu sou tão bom" fica um tanto perturbada.

Como o senhor chegou a essa conclusão? Eu presumo que eles se sentem antes

fortalecidos e se tornam inquisidores. Fica fácil para eles.

Fico pensando: o que se passa em quem combate isso? Deve ter ido de encontro a alguma coisa em sua alma, senão não o mobilizaria tanto. Nesse momento ele esbarrou num problema pessoal do qual tenta fugir. Por princípio, não me preocupo com o que ele faz com minhas palavras, pois com isso perderia a minha liberdade e também a minha capacidade de percepção. Por que devo constantemente estar fazendo sinais a alguém, se receio que ele os interprete erradamente?

Também não digo essas coisas a título pessoal, mas no contexto de um movimento. Digo isso como parte de um conflito que deve ser carregado e não recuo.

O *senhor é um desmistificador? Em relação à sua própria pessoa, gostaria de perguntar-lhe: que efeito o senhor produz com isso?*

Ainda não está claro qual é o efeito que isso faz, está em aberto. Não o sabemos.

Contudo, existem efeitos. Nas escolas públicas de ensino superior da Baviera foram proibidas as constelações familiares. Coisa semelhante acontece em Hamburgo. Na Suíça o seu nome foi incluído na mesma lista que a seita do reverendo Moon. O método das constelações familiares foi colocado em disponibilidade, pessoas cancelam suas inscrições em seminários porque têm medo. Isso não são efeitos?

Isto é uma parte do conflito. Qual será o efeito definitivo, só se verá em vinte anos, e eu não me deixo dissuadir por esses argumentos mais aparentes.

Eu disse isso antes do filme *Der Untergang*[10]. Esse filme reacendeu a discussão, numa base mais ampla, e é espantoso ver em que medida os alemães ainda estão fascinados por Hitler e quão pouco, no fundo, isso foi superado. Eu dou esta contribuição, de modo geral, para colocar esse campo em movimento e mostrar soluções.

O senhor assistiu a "Der Untergang"?

Não. Para mim esse capítulo está encerrado. Posso encarar Hitler como um ser humano, sem desculpá-lo de nada. No que ele fez, eu o vejo como alguém tomado a serviço. Um ponto chama a atenção, e o filme parece confirmar isso: ninguém conseguia esquivar-se de Hitler, não é incrível? Até o fim ninguém conseguiu esquivar-se dele. Speer ainda o visitou no *bunker*; ninguém ousava contradizê-lo - parecia realmente que estava em ação uma força poderosa, à qual todos estavam entregues. O fato de que Hitler sobreviveu aos inúmeros atentados, de que todos eles fracassaram, é também um sinal de que esse movimento precisava chegar até o seu inapelável fim. Nisso atuaram outras forças, mas não preciso ver o filme por causa disso.

O que atesta, em sua opinião, o fato de que tantas pessoas tenham visto esse filme?

---

[10] Exibido no Brasil com o título *"A Queda - Os últimos dias de Hitler".* (N. T.)

A fascinação e, sobretudo, o fato de que a situação ainda não foi resolvida. Essas pessoas querem ver Hitler de um modo humano. Disso elas esperam alguma coisa, nisso reside a fascinação.

O que exatamente o senhor pretende dizer com isso?

Aí existe algo não resolvido. Isso explica para mim essa afluência, mostra também a fragilidade dos outros argumentos nas almas dos alemães, dessas desesperadas tentativas de recusar ver Hitler como um ser humano. Isso não tem força diante desse enorme interesse. Aí existe algo não resolvido. Dou minha contribuição para que isso seja visto dessa maneira, não preciso esconder-me.

Isso lhe custou a perda de muitas simpatias e deixou as pessoas muito inseguras.

Faz parte do processo. Os inseguros também são forçados a confrontar-se com isso. Não vou dispensá-los disso.

Muitas pessoas, inclusive de seu círculo mais próximo, teriam gostado que o senhor respondesse aos ataques contundentes e difamantes.

Sim, é claro, mas decidi não me manifestar a respeito. Não consinto em ser puxado ao nível dos agressores. Isto é tudo o que digo a respeito.

Qual é o seu lugar quando o senhor fala disso? O senhor o diz como um indivíduo ou como parte de um movimento?

Os *insights* que tenho, eu os vivencio como dádivas. Os efeitos que a técnica das constelações já produziu não decorrem de minha iniciativa. Também não exijo absolutamente nada, não faço publicidade. Isso se desenvolve do interior, a partir de uma força própria. Essa força não é minha, e quando escrevo esse texto sobre Hitler, como no livro *Gottesgedanken*[11] (Pensamentos de Deus), ele também resulta de uma compreensão.

Então os cristãos crucificaram os judeus”

Sobre antissemitismo, judeus e cristãos

Então o senhor também vê o antissemitismo como um poderoso movimento? De fato foi assim - e não só na Alemanha.

O antissemitismo não é algo pessoal, é um campo. Mais precisamente, ele se compõe de dois campos: do campo dos judeus, que são as vítimas, e do campo dos cristãos, os perpetradores. Esses dois campos não se harmonizam, porque os judeus, dentro de seu campo, movem-se como vítimas, e os cristãos, dentro do seu campo, movem-se como perpetradores.

[11] Publicado pela Editora Atman com o título *Pensamentos sobre Deus.*

Em ambos os lados existe uma negação: entre os judeus, muitos não olham para as vítimas com amor e respeito.

Os judeus não olham para as vítimas? Mas são eles as vítimas!

Um exemplo: alguns judeus vieram de Israel a Cracóvia, com suas bandeiras azuis e coisas assim. Não quiseram relacionar-se com os poloneses, foram para o seu hotel e quebraram tudo. Pelo que me foi contado, isso aconteceu outras vezes. Não tiveram nenhuma compaixão pelas vítimas, absolutamente nenhuma. Foram lá para combater os outros. Ficam cegos para os judeus assassinados que choram nas janelas, não fizeram luto com eles.

Como é que deveriam olhar para as vítimas? Temos absolutamente o direito de fazer essa pergunta?

No sentido de acolher as vítimas no coração, mas muitos olham para as vítimas de uma forma diferente. Eles dizem: "Nós somos vítimas" e olham para os perpetradores como maus. Dentro desse campo, não conseguem proceder de outra maneira, a não ser recordando constantemente o que aconteceu, mas sem amor pelas vítimas. É também difícil relacionar-se com essas pessoas porque elas não se ligam às vítimas com amor, em seu próprio campo. Esta é a imagem que faço.

E o que acontece com os cristãos?

Com os cristãos acontece a mesma coisa, só que ao inverso. Eles não olham para os perpetradores. Não veem o mal que os cristãos fizeram aos judeus, da pior maneira, nos últimos dois mil anos. Não se ligam aos perpetradores, no sentido de dizer: "Nós também fazemos parte disso. Estamos no mesmo barco, no mesmo campo. Tivemos pelos judeus a mesma aversão que vocês." De modo semelhante os judeus, em seu campo, também não olham para as vítimas, no sentido de dizer: "Nós estamos juntos neste campo." Se conseguissem isso ganhariam, a partir de sua conexão com as vítimas, a força de abandonar, de certo modo, essa atitude de vítimas. O mesmo ocorre do lado dos cristãos. Eles não olham para os perpetradores do seu lado, não reconhecem que, de muitas maneiras, ainda se movem no mesmo campo.

Existem, contudo, muitas pesquisas, livros, publicações- todo um processo de elaboração crítica do antissemitismo. Hoje é politicamente correto combater fortemente toda espécie de ideologia dos perpetradores. Como o senhor pode dizer que os cristãos não olham para os perpetradores? Eles se confrontaram com isso. O dito de Brecht: "O ventre continua fecundo..." incorporou-se ao nosso pensamento e à nossa cultura.

Eles não encaram os perpetradores, no sentido de admitirem que estão no mesmo barco e que têm os mesmos sentimentos. No antissemitismo isso se mostra abertamente até hoje, mas não apenas nele.

Ainda não entendo completamente, pois justamente esse antissemitismo é fortemente

combatido para que as pessoas não venham a ter os mesmos sentimentos! O que o senhor deseja, com vistas a uma solução?

Que os judeus, em seu campo, unam-se às vítimas, e que os cristãos, em seu campo, unam-se aos perpetradores. Que os olhem como pessoas, sem distinção moral. Que reconheçam: "Nós, neste campo, somos perpetradores" - ou: "Nós, neste campo, somos vítimas." Quando ambos, judeus e cristãos, tiverem dado esse passo em seus campos, eles poderão entrar em relação mútua e encontrar uma solução - mas somente então, quando se nivelarem aos seus iguais, em seus campos.

Portanto, um outro tipo de diálogo entre judeus e cristãos?

Os diálogos costumeiros permanecem superficiais, não atingem essa profundidade. Esses diálogos pretendem trazer algum alívio para os cristãos, sem que precisem admitir que são antissemitas.

Por onde vou reconhecer que sou antissemita? Por onde o senhor reconhece isso em si? Onde começa o antissemitismo?

Onde começa o antissemitismo? Com Jesus e Caifás, o sumo sacerdote. Ali existe um evento-chave. Jesus clama na cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" O que significa isso? Significa também que Deus justificou os judeus.

Portanto, Jesus se sente abandonado. O que tem isso a ver com antissemitismo?

Jesus quis dizer que estava com a razão, inclusive no que fizera aos judeus. Ele os questionou e colocou-se do lado de Deus. Quando ele reconhece que Deus o abandonou, isso significa que Deus estava do lado dos judeus. Então ele deveria ir até Caifás e dizer: "Você tinha razão." E deveria beijá-lo.

Caifás era o sumo sacerdote que encaminhou a crucificação de Jesus.

Aí está a raiz de todo antissemitismo. Somente quando os cristãos fizerem com Jesus esse caminho até Caifás e reconhecerem que Deus também estava do lado dos judeus, somente quando juntos realizarmos isso interiormente, esse conflito poderá ser dissolvido. Ninguém pode dizer que Deus está do seu lado e não do outro - nisso reside toda a contenda entre judeus e cristãos.

Que tenho eu, que nasci posteriormente, a ver com isso? Não conheço judeus, meus pais não foram nazistas; de fato, fui educada como cristã, mas abandonei a igreja e também não a frequento - e contudo o senhor diz que também faço parte disso?

Naturalmente que faz parte disso.

E o senhor diz que enquanto eu não realizar internamente esse processo de me colocar conscientemente do lado dos perpetradores...

... não, não colocar-se do lado dos perpetradores, apenas reconhecer que também está no mesmo campo. Ninguém pode reivindicar Deus para si: nem Jesus, como

vítima, nem os judeus, como perpetradores, podem reivindicá-lo para si. Quando alguém faz isso, Deus também toma o partido do outro.

Ainda não compreendi inteiramente.

Jesus se sentia como o enviado de Deus. Ele atacou os judeus, por exemplo, quando entrou no templo e derrubou as mesas dos cambistas. Ele se colocou à parte. Presumia que estava do lado de Deus. Reivindicava Deus para si. Julgava-se melhor.

Mas aquilo que ele disse emocionou os homens. Ele era um rebelde contra a perda da fé.

O que ele disse é maravilhoso, para mim é extraordinário, mas aqui se trata do nível extremo, onde ninguém pode dizer: "Deus está do meu lado" ou: "Tenho o direito de esperar que ele ficará do meu lado." Esta é a última consequência: Deus não está do lado das vítimas nem do lado dos perpetradores. Ele não abandonou os perpetradores nem as vítimas. Trata- se de um nível totalmente diverso, um nível espiritual.

De quem pode partir a reconciliação?

O movimento que corta as raízes do antissemitismo deveria vir dos cristãos. Que eles reconheçam, em face dos judeus: "Vocês também estão com a razão. Deus não está do nosso lado, ele está em ambos os lados." A reconciliação num nível religioso acontece, então, diante de Deus. Somente aí os cristãos poderão ver o que fizeram aos judeus, pois a situação se inverteu, os cristãos crucificaram os judeus.

Qual o bom efeito disso?

Cristãos e judeus poderão olhar juntos para o horror que aconteceu entre eles, e dizer: "Ah, meu Deus - o que fizemos!" Ambos os lados poderão ver a insensatez, a dor e o sangue desses dois mil anos. Então poderão ver juntos Jesus e Caifás, juntos de um lado e de outro. Finalmente, tudo terá passado.

"No amor estou vinculado e sou livre"

Sobre a autonomia e a imaturidade dos adultos

O que o senhor diz é e continua sendo para muitos um desafio. O senhor afirma que nossa percepção é vinculada aos campos onde nos movemos; que somos "tomados a serviço"; que nossos movimentos são dirigidos por poderes superiores e, até mesmo, que nossa consciência moral não é autônoma, mas depende de nossa família de origem e do grupo a que pertencemos. Onde ficam a autonomia e a liberdade? Em que medida somos determinados? Que espaço livre temos para nossas ações? Isso está sempre em questão quando se discute a filosofia de Bert Hellinger. As pessoas lhe objetam que sua imagem do ser humano é fatalista, até mesmo totalitária. Elas julgam que hoje é plenamente possível planejar a própria vida conscientemente e deforma cooperativa,

e que os terapeutas estão aí para ajudar os clientes e eliminar o que os impede nesse propósito.

Que autonomia tem o sujeito no mundo moderno? Que contribuição presta a essa autonomia a sua filosofia e o trabalho com as constelações?

Do ponto de vista filosófico, a ideia de autonomia é ridícula. Somos constantemente dependentes uns dos outros. Temos a marca de nossos pais e do campo onde nos movemos. Os antepassados estão presentes, os mortos estão presentes, nossas ações estão presentes, tudo está presente. É nisso que nos movemos. Quando imagino que posso decidir livremente as coisas em minha vida, tomo-me pequeno aos meus próprios olhos - pequeno e insignificante. Estou envolvido nesses grandes movimentos, na fila dos ancestrais, na família, e esse envolvimento não depende de minha livre vontade. Simplesmente estou dentro disso e também coloco algo em movimento. Em que medida posso atribuir isso a mim, parece-me irrelevante.

A ideia de sujeito tem duas faces: sujeição e autodeterminação. O senhor acentua o vínculo, portanto a sujeição, e ridiculariza a autodeterminação. Entretanto, todo o movimento terapêutico dos anos 70 visava também a essa liberdade individual. Eric Berne formulou isso, certa vez, com muita sutileza: "Se eu te amo, o que isso tem a ver contigo?" Terá havido uma acentuação excessiva da liberdade individual nos últimos 40 anos e aqui na Alemanha, talvez, também como reação a uma sociedade totalitária?

Sobre autonomia e liberdade não tenho opiniões, apenas relato observações. Nestes 15 anos de trabalho com constelações familiares não tenho visto outra coisa além do que relato. Outras pessoas também podem observar e comprovar quanta liberdade existe no sistema familiar. Um belo exemplo é uma adoção. O que houve nela de autônomo, o que é livre? Nada foi autônomo, nada foi livre. Cada constelação mostra que estamos vinculados a um sistema.

A ideia da autonomia foi revolucionária. O indivíduo moderno é impensável sem ela. Isso implica, entre outras coisas, desmentir o nosso provérbio: "Canto a canção de quem me dá o pão"12. Isso envolve livre-pensamento, liberdade de religião e tudo o mais.

A ideia da autonomia pretende justificar uma separação; portanto, está a serviço de um determinado fim. Ela é, por assim dizer, um *slogan* político, utilizado numa discussão cujo objetivo é livrar-se de uma tutela que está ultrapassada. Nessa medida, a ideia da autonomia serve ao propósito de afrouxar uma amarra. Sob esse aspecto, naturalmente, ela tem o seu lugar. Contudo, a generalização leva a distorções. Nenhuma criança é autônoma em relação aos seus pais. Nenhum ser humano é autônomo em relação aos seus antepassados - outras culturas sabem disso em relação à vida ou em relação à morte. Isso não existe.

Autonomia e liberdade têm validade num determinado âmbito. Quando estão a

---

[12] *No original:* Wes 'Brot ich ess, dess' Lied ich sing. - (N.T.)

serviço de uma boa finalidade, podemos e devemos apoiá-las. Nesse sentido, também eu me comporto, muitas vezes, de uma forma autônoma, mesmo quando isso não agrada a outros. Isso é legítimo, apenas isso. Independentes, porém, não somos. Autonomia e liberdade, só posso ter quando em algum outro lugar não sou autônomo, mas faço parte, sou tomado a serviço por esse lugar e concordo com isso.

Está claro que nos sistemas não nos movemos apenas por nossa vontade. Talvez o senhor tenha visto esse belo filme, "Balance". Cinco ou seis figuras estão de pé sobre um disco cujo centro repousa sobre uma coluna. No centro do disco existe uma caixa. Os homens se espalham, dois mais perto do centro e dois perto da borda, para manter o disco em equilíbrio. Então um dos homens começa a mover-se em direção à caixa e, imediatamente, os outros também precisam mover-se para que não escorreguem para fora do disco, que começa a inclinar-se. Então um segundo homem se move e de novo todos precisam mover-se, para que o disco se mantenha em equilíbrio.

Trata-se de um filme didático sobre a forma como se movem os sistemas sociais. O senhor mesmo descreveu estas três dinâmicas básicas: ordem, vínculo e compensação. São propriedades sistêmicas. Onde quer que seres humanos vivam ou trabalhem em conjunto, elas atuam e levam ao bom êxito do convívio ou ao envolvimento - para resumir um pouco. Muitas vezes, isso é entendido como se essas propriedades fossem uma invenção sua, como se o senhor quisesse exercer uma pressão sobre o indivíduo, impor-lhe alguma coisa. Nesse filme essas propriedades do sistema se esclarecem. Todos dependem de todos; a questão não está no indivíduo, mas em todos. Nesse sentido sistêmico, entendo quando o senhor ressalta os limites de nossa autonomia.

Outra questão é saber se, por causa disso, todos somos tomados a serviço por poderes superiores. O senhor afirma isso com seus quase 80 anos. Meus filhos de 20 anos estão mais interessados em sua liberdade e em sua autonomia.

É claro. Quando vemos os jovens, é maravilhoso contemplar suas fisionomias, ver como eles encaram a vida, com todas as suas expectativas. Naturalmente isso irá mudar, mas é simplesmente belo contemplá-los nessa fé. Isto tem seu lugar. E, por isso, não tenho nenhuma ideia sobre o verdadeiro e o falso. A linha reta não é criativa.

No entanto, existe uma diferença entre dizer: "Todos estamos vinculados" e dizer: "Eu sou autônomo e independente". Também isto é essencial, pelo menos em determinadas etapas do desenvolvimento.

Isto é a cenoura que se põe adiante do burro, para que ele siga em frente.

Mas quando eles ficam adultos e continuam dizendo: "Sou autônomo e livre", qual é a diferença?

Quando dizem: "Sou autônomo e livre", que idade mental eles têm? Que experiência de vida possuem? Isto é coisa de adolescente, nada mais. Convém a eles mas não tem

validade universal.

Observei que, em seus pensamentos e ações, as pessoas estão vinculadas a um campo. Ele determina o que percebemos e o que fazemos. Dentro dele temos, naturalmente, uma certa liberdade de ação, mas julgar que alguém possa, por livre decisão, abandonar o campo é uma ilusão pela qual muitos pagam.

Como assim?

Quando alguém diz: "Quero ser livre", o que ele está fazendo? Está fazendo algum mal a alguém. Apelar para a liberdade significa geralmente reivindicar o direito de separar-se de alguém ou de recusar alguma obrigação - por exemplo, quando alguém abandona seus filhos. Essa liberdade significa, basicamente: "Eu me evado de algum vínculo". Nesse momento, ele age exclusivamente em função de si mesmo.

O que lhe acontece nessa liberdade? Nada. Com essa liberdade, não pode fazer absolutamente nada, é uma liberdade totalmente vazia. O que faz ele então, depois de algum tempo? Entra em alguma relação, pois não suporta por muito tempo esse tipo de liberdade. Liberdade significa estar sem os outros, mas ninguém consegue isso.

Assim, essa pessoa entra num vínculo, e essa liberdade acaba. Logo que alguém entra num vínculo, cessa a liberdade - esse tipo de liberdade. De modo especial, quando alguém tem filhos, ele absolutamente não é livre, mas está preenchido. No interior desse vínculo ele é livre, pode fazer diversas coisas: pode escolher sua dieta, sua atividade profissional, os amigos que frequenta. Assim, dentro desses limites existe liberdade - uma liberdade que favorece a todos.

Quando alguém diz: "Não, para mim escolho a liberdade", ele está evitando os vínculos. Entretanto, no amor eu sou simultaneamente vinculado e livre. Essa espécie de liberdade, ao contrário da outra, contém uma referência a outras pessoas.

Portanto, a autonomia dá relevo ao individual, fora de uma relação, enquanto a liberdade que o senhor menciona realça o lado sistêmico, o vínculo, mas também ela precisa de limitação, não é verdade?

Sim, naturalmente, mas aí nos encontramos num outro nível. Isso diz respeito à maneira como se constrói a relação e não compromete o vínculo.

"O entusiasmo tem algo de delirante"

Sobre o entusiasmo e o recolhimento

O que significa essa limitação, no nível social? Já falamos dos campos aos quais, em seu modo de ver, estamos vinculados. Segundo que padrão o senhor julga os movimentos sociais?

Eu os considero a partir de seus efeitos e vejo o que se passa nas almas. Todas as

pessoas possuídas pelo entusiasmo - entre os sandinistas, por exemplo - estão fora da realidade. Estive há pouco na Nicarágua. Aquele movimento entusiasta não produziu absolutamente nada. Todos dizem agora: "Finalmente acabou, agora podemos recomeçar". Os adeptos de tais movimentos têm sempre a mesma constituição psíquica: a do fanatismo e do entusiasmo.

O senhor quer dizer que Fidel Castro, Mao Tse-Tung, Stalin, Hitler não foram fanáticos?

Não, eles foram estratégicos, não fanáticos. Eram possuídos, de uma certa forma, mas não no sentido desse fanatismo. Os fanáticos não têm força. Os outros têm força, colocam algo em movimento.

Mesmo quando são possuídos? Pelas suas palavras, parece que uns são melhores do que outros.

Não são eles, pessoalmente, que produzem isso, mas são carregados por um movimento. Esses grandes movimentos privam as pessoas de liberdade. O movimento nacional-socialista privou de liberdade todo o povo alemão. Quase ninguém pode alegar que não quis isso. Quase todos se entusiasmaram, também com as vitórias, com pouquíssimas exceções. Esse movimento turvou completamente a percepção - inclusive entre muitos intelectuais e igreja. Esse grande movimento era poderoso demais, arrebatou quase todos. Apenas muito poucos que tinham em algum outro lugar um porto seguro, mantiveram alguma distância, mas foram bem poucos.

O *senhor fala de constituição psíquica e de inserção em algo grande. O que me leva a perceber que estou sendo arrastada?*

Quando alguém está sendo arrastado, perde o recolhimento. Retirar-se, centrar-se, ganhar distância outra vez, é uma grande realização.

Nesse contexto o senhor também afirma que esses movimentos têm algo de delirante. Isto soa como diagnóstico de patologia.

Delírio é para mim possessão. Quando sou possuído por alguma ideia, por alguma emoção, muitas vezes com grande entusiasmo, perco o contato com a realidade. Isso não é patológico, é humano. Em termos de higiene psíquica, seria um grande feito distanciar-se e perguntar-se: "O que realmente estou imaginando, que ideal é esse? Ele é viável, é real? Tem conexão com a realidade?" O movimento pela paz também teve seus lados delirantes - por exemplo, a pretensão de conseguir a paz através de manifestações. A paz veio por outros meios.

Veja o exemplo de uma partida de futebol. Imagine-se no meio de uma torcida. Se você se reserva e apenas olha com distanciamento, o que acontece? O que lhe acontece em seguida?

Não é bom.

Você é olhada com desconfiança, talvez mesmo agredida. Os torcedores percebem imediatamente que você não faz parte deles. Este é um exemplo simples que nos mostra como nos movemos nos campos e como vale pouco a autonomia nesses conflitos reais.

Para voltar ao tema do delírio: quando é que algo se torna delirante?

É o entusiasmo. Todo entusiasmo tem algo de delirante.

Mas é pena. É bonito quando estamos entusiasmados.

Precisamos curtir isso de vez em quando, abandonar a sobriedade. Isso tem seu lugar em certas ocasiões - por exemplo, no Carnaval ou no Ano Novo. A sobriedade aí não é ideal, seria ridícula.

O entusiasmo liga muito as pessoas: por exemplo, numa comemoração, numa grande festa ou quanto existem objetivos comuns. Não deixa de ser uma energia imensamente mobilizante. Suas palavras significam, no fundo, que onde quer que massas humanas se ponham em movimento, onde quer que o entusiasmo e o sentimento de comunidade celebrem o seu ressurgimento, o delírio já está próximo.

Não está próximo, já está ali dentro.

O que dizer então da energia mobilizante do entusiasmo? Ela tem força e move os seres humanos.

Naturalmente. Contudo, o entusiasmo também despersonaliza. A pessoa já não está em si, é impelida por uma outra força e já não percebe o que não vai na mesma direção. Por isto o entusiasmo é tão perigoso.

No entusiasmo acontece, muitas vezes, que a pessoa se exalta e se sente grande, sem ter feito coisa alguma - exatamente como num jogo de futebol, onde todos os torcedores triunfam, embora não tenham tocado na bola. Eles têm esse orgulho da vitória, identificam-se com ela. Com isso a gente fica fora de si nesses campos. Isto nos deixa entregues - precisamos saber disso.

"Ninguém apela para a sua consciência quando faz algo de bom"

Sobre o infantilismo da "boa consciência"

O senhor investigou a fundo a consciência[13]*. Ela é o cerne de seus insights. Isso tem consequências muito amplas, pois moral e culpa estão associadas à consciência. O que o levou a questionar a função da consciência? Foi o desejo de investigar por que razão*

[13] As considerações de Hellinger se referem à consciência moral *(Gewissen),* que não deve ser confundida com a consciência psicológica *(Bewusstsein).*

seus clientes têm tantos sentimentos de culpa?

Observei que a culpa é vivenciada de maneiras muito diversas. Falamos muito de culpa, mas seus conteúdos são totalmente diversos. Por exemplo, o sentimento de estar devendo algo a alguém14 é diferente de quando me sinto condenado ou de quando sinto a consciência pesada. Existem maneiras totalmente distintas de sentir a culpa. A pior experiência de culpa, pelo que constatei, é a da exclusão, assim como o sentimento mais intenso de inocência é o de pertencer. Nossa aspiração mais profunda é a de estar ligado, de fazer parte.

Exclusão de quê? Exclusão por quem? O senhor está falando da família ou, de um modo geral, do pertencimento a um grupo?

A consciência moral é sempre uma consciência de grupo, não uma consciência pessoal. Meus sentimentos pessoais são determinados pelo grupo. Nesse particular, a culpa é sentida da maneira mais profunda e mais ameaçadora. A consciência está sempre a serviço do vínculo. Ela é um órgão de percepção que nos faz sentir de imediato, a qualquer tempo, se fazemos parte ou não, se nossas ações colocam ou não em risco nosso pertencimento à família, por exemplo, ou a um grupo de companheiros. Esse foi o principal *insight.* Subitamente ficou claro para mim que a consciência é um instinto, exatamente como o sentido do equilíbrio. É um órgão de percepção e serve principalmente como instrumento da vinculação àquele grupo que é importante para minha sobrevivência - portanto, principalmente à família.

Isso vale, talvez, para uma criança que precisa de seus pais para sobreviver. Mas, quanto ao resto? Ninguém nos mata se abandonamos um grupo. Temos, por conseguinte, diversas consciências? A consciência à qual apelo quando quero exprimir intenções nobres, absolutamente não existe?

Não. As consciências são diferentes porque os grupos são diferentes. Tenho uma consciência em presença de meu pai e uma outra, diferente, em presença de minha mãe; tenho uma outra na profissão, outra na igreja e outra na mesa do bar. São consciências bem diferentes, de acordo com minhas vinculações. Nossa consciência sabe imediatamente o que é preciso fazer para pertencer a este ou àquele grupo.

Quer dizer que aquilo que chamamos de "moral" é o elemento aglutinador entre os membros do grupo?

É apenas uma declaração sobre o que devo fazer para pertencer ao grupo. Aqui devemos fazer uma distinção entre a família e os outros grupos. Quando me comporto de maneiras diferentes, diante de meu pai e diante de minha mãe, isso ainda não envolve a moral. Simplesmente percebo como devo me comportar para que eles gostem de mim. A moral começa quando um grande grupo adere a uma ideia

14 O termo *Schuld* tem em alemão, simultaneamente, os sentidos de *culpa* e *dívida.* (N.T)

ou a uma fé, e quem se desvia disso é excluído.

Então existe realmente uma diferença. De um lado está a moral. Ela seria aquilo que traça os limites, que nos dá a perceber que estamos do mesmo lado da fronteira e ocupamos o mesmo lugar. Do outro lado está a má consciência. Seria a moral uma espécie de mecanismo de coordenação social, não individual, mas variável conforme o espírito dos tempos? Assim, a consciência me diz como devo me comportar diante de meu pai ou diante de minha mãe e a moral faz com que eu tenha uma "boa consciência"?

Pode ser assim. Quando uma mãe ou um pai punem uma criança, eles não o fazem por estarem olhando para a criança. Eles olham para algo que está acima, porque dizem: "Precisamos educar a criança, dobrar sua vontade. Ela precisa obedecer, cumprimentar, comportar-se bem, aprender..." Isso é a moral. Os pais punem seus filhos com boa consciência.

Veja também o que acontece com os militares e como são tratados os desertores. Invoca-se a lei. Numa guerra o desertor é castigado, degolado, fuzilado. Quem faz isso sente-se em harmonia com a lei moral. Não precisa apelar para a sua consciência, apela para a moral vigente, mas é a consciência que o informa sobre a moral.

A consciência é um órgão de percepção, nada mais. A moral entra em jogo quando me coloco acima de outros. Em primeiro lugar, um grupo se coloca acima de outro, especialmente do grupo por quem se sente ameaçado. Esse sentimento de superioridade é acionado pela consciência. Ela mobiliza também as agressões necessárias para defender-se contra os grupos. A moral está sempre acoplada a uma vontade de extermínio, isto nós vemos nas guerras. O mesmo ocorre nas contendas políticas: "Somos o melhor partido" - aí também se trata frequentemente de exterminar o outro. Nega-se ao outro o direito de estar no mesmo nível que eu.

Portanto, "boa consciência" não significa para o senhor algo valioso e nobre, mas simplesmente algo útil para a minha sobrevivência como um ser social. Justamente, e isso pode ser algo condenável, em termos humanos. Trata-se única e exclusivamente desta pergunta: "O que devo fazer para pertencer?"

O que há de pioneiro nisso é, por um lado, que o senhor esclarece, em função dos sistemas, os sentimentos de culpa que sempre foram considerados como individuais. Por outro lado, o senhor despoja a consciência da aura de santidade que ela ostentava em nossa cultura, encarando-a como uma espécie de instância biológica. Isto é uma provocação, pois o senhor prescinde totalmente dos conteúdos da consciência.

Ninguém alega a sua consciência para se justificar, quando faz algo de bom. Só apela para ela quando diz a alguém que precisa impor-lhe limites, puni-lo, açoitá-lo, aprisioná-lo, matá-lo... seja lá o que for. A lista seria interminável. Quando se apela para a consciência, o próximo está sendo lesado.

Isso não está muito claro para mim. Tomemos um exemplo do dia-a-dia. Quando defendo alguém que está sendo agredido, eu ajo assim porque teria um peso na consciência se me afastasse ou simplesmente assistisse...

... e com isso comprometeria a vinculação ao seu grupo, que considera como um valor proteger e defender outras pessoas.

A quem estou prejudicando, quando defendo um agredido com minha boa consciência? Estou fazendo um mal ao agressor? Não entendo isso.

Ao agredir o perpetrador, em sua boa consciência, está naturalmente agredindo o perpetrador.

Isso é mau, nesse caso?

A senhora agride o perpetrador. Fica com raiva dele, deseja que algo lhe aconteça. Dizer que isso é "mau" seria fazer um juízo moral.

Não, eu quero apenas proteger a vítima.

O sentimento real é o seguinte: a senhora toma o partido da vítima contra o outro. Com isso deseja ao outro algo de mau.

Não, não necessariamente. Pode ser simplesmente a vontade de lhe dar um tapa para que deixe o outro em paz. O que importa aqui não é machucar o agressor, mas proteger a vítima.

Nesse caso não houve uma decisão da consciência. A senhora agiu por um impulso de solidariedade humana. Quando uma criança cai na água, a gente a puxa para fora. Isso não envolve a consciência moral. Ajudar, nesse caso, é um impulso humano universal. A gente ajuda alguém numa emergência.

Gostaria de perguntar mais uma vez. Isso não é um impulso humano universal? Muitas pessoas são agredidas sem que ninguém se importe ao redor. Estrangeiros são chutados e perseguidos por skinheads e toda a vizinhança se limita a assistir. Sentimos o impulso de perguntar: "Você não tem consciência?" E aqueles que simplesmente olham ou desviam o olhar? O senhor diria que o grupo dos que desviam o olhar tem uma outra "moral", que permite que estrangeiros sejam impunemente agredidos?

Exatamente. Eles se consideram superiores aos estrangeiros e com boa consciência, mas, voltando ao seu exemplo da ajuda, quando alguém diz: "Minha consciência me manda agir", ele refletiu antes. Esta não é uma ação impulsiva. Aí está a diferença. Quando apelo para a minha consciência, para justificar minha ação, é sempre para prejudicar outros, para limitá-los - foi isso que observei até o momento.

E as pessoas que esconderam judeus?

Esta é uma objeção válida. Penso que este caso é semelhante ao socorro numa emergência - uma reação imediata. Presumo que essas pessoas não consultaram a

sua consciência. Fizeram isso instintivamente, por um impulso de solidariedade. O processo interno é diferente quando se apela antes para a consciência.

Portanto, a consciência vale apenas dentro de um estreito domínio. Na família ela tem sua importância. Lá ela é boa, mas, tão logo é generalizada como válida para toda a humanidade, começa a presunção. Então tenta-se afirmar que também Deus segue a moral - a nossa moral - e tudo se toma absurdo.

"Participação consciente no sofrimento"

Sobre a inevitabilidade da culpa

Por conseguinte, a consciência, como sentido do equilíbrio, tem utilidade nos grupos menores, mas é destrutiva nos grandes, na medida em que ela exclui?

Distingo na consciência dois domínios: o primeiro é o do pertencimento e do vínculo - já falamos a esse respeito; o outro é o da compensação, para que haja um equilíbrio entre o dar e o tomar. A necessidade de compensação também obedece a essa instância que vivenciamos como consciência. São dois domínios diferentes, que não devemos confundir.

O mais fundamental é a consciência do vínculo?

Sim, pois é aí que se sente mais profundamente a culpa.

O senhor fala muito de "bom" e de "mau". O que considera como uma "boa consciência"?

Quem quer fazer algo bom deve agir, muitas vezes, além da consciência. Quando alguém apela para sua consciência, quem fala é a criança, porém, se ele diz: "Estou vendo o que está acontecendo lá" e, aparentemente, participa do "jogo" e dentro dele intervém em algum ponto, para reparar algo, age estrategicamente, sem depender da consciência. Orienta-se apenas pelo discernimento entre o que é possível e o que não é. Ele pode, por exemplo, colaborar com a espionagem - muitos combatentes da resistência fizeram isso. Colaboravam estrategicamente, aguardando o momento oportuno. Podemos dizer que, de certa maneira, eles não dependiam de sua consciência. Não se sentiam obrigados por ela a agir em prejuízo próprio. Esse é um nível que vai mais além, esse é o adulto que descortina todo o jogo. Em vez de deixar-se prender para sentir-se internamente bom - permanecendo criança - ele age estrategicamente.

Posso, portanto, evadir-me da forma de pertencimento a que minha consciência está atrelada?

Desse ponto de vista, sim. Pense em Adenauer[15]. Ele se limitou a esperar. Há também o exemplo de um soldado alemão que, designado para um pelotão de fuzilamento,

[15] Konrad Adenauer, chanceler da Republica Federal da Alemanha de 1949 a 1963. (N.T.)

passou para o lado dos guerrilheiros sérvios. Foi insensato.

O senhor diz que ele foi insensato? Eu diria que se sacrificou, porque não pôde conciliar o fuzilamento de outros com sua própria consciência.

Agindo assim, ele se sente inocente e também se sente grande. Na inocência os seres humanos sentem-se grandes e melhores, mas os guerrilheiros não o queriam no lado deles e os sérvios também não quiseram dedicar-lhe um monumento. Isto é trágico.

Ele também poderia ter atirado para o ar.

Quando imagino a situação, sinto um grande respeito por alguém que se sacrifica para não se tornar culpado pela morte de outros. Fico indignada quando o ouço dizer que ele poderia ter atirado para o ar.

O que quero dizer é que esse homem estava ligado a uma ideia. Isto é honroso, naturalmente, mas ele também imaginou que os outros o acolheriam, que poderia simplesmente abandonar o seu grupo. Isto não é possível, pois ele não tinha nada em comum com os outros. No final, ficou sozinho entre as duas frentes. Isto é trágico. Um soldado na guerra precisa atirar, não pode simplesmente ficar lá e nada fazer. Está vinculado à culpa e à inocência do seu grupo. À medida que aceita essa vinculação, ele dá um passo além dessa consciência estreita. O consentimento possibilita isso. Ele se sujeita ao inevitável e isso o toma humilde. Ele ganha uma dignidade para além de toda arrogância moral.

Isto me soa paradoxal. Pelo fato de assumir plenamente o meu pertencimento eu saio? Dou um passo para o lado? Portanto, para o senhor, colaborar por entusiasmo é diferente de colaborar a partir da compreensão de que não posso escapar da culpa.

Exatamente. Então aceitamos a culpa.

Uma coisa é uma colaboração cega, e a outra é...

...uma colaboração consciente e sofrida. Ela nos torna humildes.

E vira tragédia para quem pula fora e não pode pertencer a lugar algum.

Sim, ele permanece uma criança. Um adulto sabe que a culpa é inevitável e a aceita. Sabe que, faça o que fizer, não poderá escapar da culpa. Dessa maneira ele faz o que, dentro das circunstâncias, é o possível e o melhor.

Então somos todos crianças? De que me vale a percepção de que alguém é uma criança? Isso é logo objeto de avaliação, e as pessoas dizem: "Ah, ele ainda não se tornou adulto". Isto irrita.

Não se trata de uma avaliação. É uma constatação de que alguém não ultrapassou a fronteira. Ele permanece criança e, como criança, permanece preso e não consegue atuar. Apesar de seus bons sentimentos, não coloca nada em movimento.

O que o senhor tem em mente, ao dizer que eles não põem nada em movimento? Será que as pessoas precisam estar sempre produzindo alguma coisa com suas ações?

Não. Só quero dizer que quem quer produzir alguma coisa precisa saber que a culpa é inevitável. Os políticos não permanecem inocentes, eles sempre incorrem em culpa. Sem culpa isso não é possível. No nível mais amplo, a culpa é inevitável. Quem consente nela e pondera o que é o melhor, dentro de cada situação, age bem - mas sem boa consciência. Ele sabe que isso é mau, e aquilo, também. Ele pondera, mas, faça o que fizer, torna-se culpado.

Lembro-me de um discurso de Helmut Schmidt no Congresso, depois do assassinato de Hanns-Martin Schleyer[16]. Naquela época ele disse algo semelhante. Defrontou-se com a alternativa de ceder ao não ao terrorismo. Sabia que estava sacrificando Schleyer, mas, fosse qual fosse a sua decisão, ele se tornaria culpado. Numa outra entrevista, disse que tinha sempre Hanns- Martin Schleyer diante de seus olhos, que isso permanecia com ele. Em outras palavras, a decisão é sempre, também, um risco de se tornar culpado?

Na situação da decisão nunca se podem prever as consequências. Quando me decido e penso que isso levará a algo de bom, talvez eu verifique, mais tarde, que produziu algo de mau - e inversamente. Muitos que julgam estar seguindo uma boa causa despertam de repente, ao notar o que resultou disso. Não podemos, em absoluto, estar seguros do resultado de nossa ação. Em que consiste uma posição humana? A gente aceita isso, dizendo: "Assim é, não posso tomar a decisão 'certa', não sei de antemão o que advirá. Mas assumo as consequências."

Nisso consiste, portanto, a responsabilidade pessoal: em não empurrar para outros as consequências de minhas ações.

O senhor diz que ignoramos as consequências de nossas decisões. Isso é diferente de dizer: "No momento em que eu salto para fora da consciência e estou pronto a assumir culpa, sou adulto e estou agindo bem. "

Não se pode associar uma coisa à outra. O que me importa aqui é que as pessoas reconheçam sua limitação humana. Isto eu considero "bom".

"Esse é o ponto final da individualização"

Sobre a consciência arcaica e o campo

O senhor se refere constantemente aos "campos". O que eles têm a ver com a

[16] Empresário e alto dirigente de entidades patronais na República Federal da Alemanha, assassinado em outubro de 1977, depois que o governo alemão, chefiado pelo chanceler Helmut Schmidt, recusou-se a ceder às exigências de seus sequestradores, no sentido da libertação de líderes terroristas. (N.T.)

consciência?

Temos uma consciência moral, ela regula o que preciso fazer para pertencer. Disso não somos plenamente conscientes, mas não deixamos de ter algum conhecimento. Podemos experimentar a consciência moral como "má" ou como "boa", conforme nos sentimos culpados ou inocentes. Rupert Sheldrake[17] fala aqui de "campos mentais". São apenas, naturalmente, conceitos auxiliares, mas observei que existe uma outra consciência. Denomino-a "consciência arcaica". Ela não se manifesta através de sentimentos de culpa ou de inocência. É muito mais antiga que a consciência moral, é mesmo arcaica.

Tem algo a ver com o vínculo e com as ordens que o senhor descobriu?

Talvez. Sempre me perguntam como se chega a reconhecer as ordens que observei nos sistemas familiares e como é possível, por exemplo, que alguém represente uma pessoa que foi excluída numa geração anterior tenha um sentimento que não lhe pertence ou se sinta atraído pela morte.

Refleti sobre isso e tentei imaginar como eram as relações nas hordas humanas primitivas. Nessa era arcaica não havia exclusão. Todos pertenciam ao grupo. Em grupos que precisam permanecer coesos, para sobreviver, ninguém pode ser excluído. Até hoje, por exemplo, entre os massai, exclusão é algo que não ocorre.

Li, certa vez, que foram necessários centenas de milhares de anos para que a horda se desenvolvesse até que os humanos pudessem sobreviver e preservar sua espécie. O *aprendizado não acontecia através dos instintos, como nos animais. Como os homens tinham menos força e menos acuidade sensorial do que os animais, aprenderam por meio de estruturas. A ação coletiva era tão elementar que, com o passar do tempo, passou a atuar como um instinto para garantir a sobrevivência. É esse "instinto" que o senhor descreve como consciência arcaica? Qual é a importância dessa reflexão?*

A consciência arcaica não tolera nenhuma exclusão. Essa lei sistêmica atua na alma até hoje. Isso nós vemos nas constelações familiares. Quando alguém foi excluído no sistema, a pressão de uma outra "instância" faz com que ele seja mais tarde representado por uma outra pessoa na família. Portanto, considerando o processo em seu conjunto, a exclusão é impossível. Esta é a maneira de atuar da consciência arcaica, ela não tolera exclusões.

O que tem isso a ver com o "campo"?

Ninguém pode deixar o campo. A imagem do campo está estreitamente associada à consciência arcaica. O excluído permanece no campo, continua em ressonância com todos os que pertencem a ele e se manifesta no campo.

---

[17] Biólogo inglês, criador da teoria do campo mórfico ou morfogenético, para explicar fenômenos de comunicação telepática entre animais e seres humanos. (N.T.)

A consciência moral é, portanto, mais jovem do que a arcaica e exclui "com boa consciência". Como interagem essas duas consciências?

Elas atuam em sentidos contrários, pois a moral imagina que podemos livrar-nos de alguma coisa - por exemplo, de um problema, de uma doença, de uma pessoa. No campo, porém, nada se perde. A moral exige que alguém seja excluído, porém, o excluído permanece no campo, por exigência da consciência arcaica. Por isso ele vem a ser representado no campo. Isso se manifesta na constelação, na medida em que outro membro da família tem os mesmos sentimentos do excluído ou chega mesmo a repetir o destino dele. Esse é o "enredamento", que aparece quando se faz a constelação. Aí se manifesta o poder do campo e a impotência da moral.

Pode-se dizer que o sentido de equilíbrio, que chamamos de "consciência moral", exclui sem saber que existe uma consciência arcaica, um campo, que "proíbe" a exclusão?

Exatamente. A consciência arcaica segue ainda outra lei. Na horda primitiva cada um ocupa uma posição de acordo com a idade e se eleva na hierarquia, no decorrer da vida. Essa ordem é vital para que o grupo permaneça coeso, isto é, para que sobreviva. Quando alguém se opõe a isso, ameaça a sobrevivência de todos. Nas tragédias, o representante de uma geração mais nova transgride "com boa consciência" essa hierarquia arcaica e morre. Isto ocorre nas tragédias gregas, em Shakespeare e nas famílias. As pessoas fracassam, morrem ou adoecem quando infringem essa hierarquia.

Isso soa como uma lei de bronze, como as tábuas de Moisés.

É preciso reconhecer isso.

A "moral" representou um progresso - digo isso quando penso, por exemplo, na saga de Orestes, cujo corpo sua irmã queria sepultar. As tragédias marcariam uma linha divisória entre a consciência moral e a consciência arcaica?

Nas tragédias também vivenciamos que, quem infringe a hierarquia, individualiza-se contra o grupo. Essa individualização é, certamente, muito importante no sentido de progresso e a consciência moral, que sentimos como culpa ou inocência, está a serviço dessa individualização. Portanto, esses conflitos foram programados previamente, através da individualização. Isso tem um alto preço e um alto ganho. A questão é se existe um equilíbrio entre a consciência arcaica e a consciência moral. A constelação familiar está a serviço desse equilíbrio.

Falamos anteriormente da liberdade, da autonomia. "Sou livre, sou desvinculado". Essa perspectiva é enfraquecida pelas experiências com as constelações. Há uma espécie de compensação que consiste em compreender que estou vinculado e em aceitar isso. Este é o ponto final da individualização. Então, as duas consciências já

não se opõem e há um enorme alargamento da consciência[18]. Através dos séculos essa luta das consciências custou sangue e lágrimas. Se agora vemos e respeitamos sua interação, obtemos o ganho, sem pagar o preço.

Isto significa que nas constelações nós nos defrontamos com a consciência arcaica? Soa como uma regressão: regredir à ordem tribal, afastar-se da liberdade.

Pelo contrário. Pelos efeitos das constelações podemos ver como a cegueira da consciência moral é a causa dos enredamentos. A "regressão" à consciência arcaica é um reconhecimento. Tornamo-nos conscientes de algo que foi reprimido, a saber, de que ninguém pode ser excluído. Somente isso permite o progresso para a paz, e o reconhecimento de que ninguém perde a liberdade pelo fato de ser vinculado.

"Sou um alemão – sem orgulho"

Sobre reconciliação e patriotismo

Voltemos outra vez ao "campo". É possível abandonar o nosso campo?

Rupert Sheldrake observou que esses campos mentais ou mórficos, repetem sempre o mesmo. No interior de um desses campos não são possíveis novas percepções. Nas constelações os enredamentos tomam-se visíveis e são resolvidos. Isso muda algo no campo, por exemplo, na família ou para o indivíduo, sem que com isso se abandone o campo.

Não entendo isso. Talvez, um exemplo. O senhor diz que todos os alemães, com muito poucas exceções, estiveram no campo do nacional-socialismo, como os russos no campo do stalinismo. Depois da guerra houve na Alemanha uma discussão sobre a tese da culpa coletiva, que afirma que todos os alemães são culpados. O senhor pensa, quando fala de "campo", que ao nível da alma essa culpa coletiva alcança mais longe do que aqueles que estavam fisicamente presentes ou viveram naquela época?

Sim, evidentemente. Na discussão sobre a culpa coletiva tratava-se de saber se os indivíduos podiam ser processados. Isto, naturalmente, não tem cabimento, é insensato, mas faz sentido que todos batam no peito e digam: "Eu também fiz parte disso", e não se separem dos perpetradores, dizendo: "Foram vocês, não eu".

Que atitude de alma o senhor sugere?

Que a gente se coloque ao lado deles e diga: "Eu reconheço, também tenho parte nisso". Que não se olhe apenas para os condenados, mas para aquilo que foi cometido de ambos os lados. Que se olhe para os judeus mortos, para os ciganos, para tudo o que aconteceu nos países, para os soldados mortos e para nossas próprias vítimas, as vítimas dos bombardeios - sem recriminação, simplesmente assim. Que nos

[18] Da consciência psicológica, *Bewusstsein.* Ver nota anterior sobre a distinção entre consciência moral e consciência psicológica. (N.T.)

entreguemos a um luto profundo, que nos liga a todos. Isto tem um efeito tranquilizador, liberador. Então, o passado pode ficar para trás.

"Os alemães não assumem que são alemães" - é o que se repete com espanto em outros países. Com razão, porque não admitiram que estavam envolvidos nisso. Se o fizessem, poderiam dizer: "Eu sou um alemão", mas não com orgulho, simplesmente assim: "Eu sou um alemão." Este é um nível bem diferente. Esses debates sobre patriotismo se perdem totalmente no vazio. Enquanto não nos defrontarmos juntos com tudo isso, não poderemos coletivamente encarar os outros, nem eles poderão encarar-nos. *É* nesse nível profundo que a reconciliação começa.

Se eu agora digo: "Bem, também sou alemã, faço parte disso e carrego também essa culpa", isto me soa estranho. Eu não me envergonho. Em que diferem o sentimento de culpa dos originalmente envolvidos e o daqueles que, como os meus filhos, por exemplo, não participaram de nada disso, mas também pertencem ao campo?

O conceito de "culpa" não cabe aqui. Culpa significa: sou responsável. Ninguém é responsável. Tudo foi guiado por uma força maior. Então a pessoa deveria dizer: "Sou uma parte do movimento. Não me excluo disso." Basta que ela reconheça que também faz parte disso e carrega as consequências, mas sem culpa. Isso nada tem a ver com culpa. A gente não precisa envergonhar-se. Este é um profundo processo de conexão, algo profundamente humano que me abre para outros e tira também do outro a resistência para se encontrar comigo.

Em outras palavras, o campo não ficará em paz enquanto existirem pessoas que se excluam e digam: "Eu não faço parte disso — meu pai era comunista." Ou então: "Não vivi naquela época, hoje sou antifascista..."

"... e, por não fazer parte disso, sou melhor do que você." Essas pessoas empurram os outros para dentro do campo e os apontam com o dedo, mas elas próprias não pisam no campo. Isto é hipocrisia. A gente vê isso pelos efeitos. Os discursos se repetem indefinidamente, as palavras são sempre as mesmas. Interminavelmente.

Se houvesse essa forma de "movimento de paz" na alma, o campo mudaria, se dissolveria?

Talvez mudasse, porém, as forças contrárias também são grandes, não tenho ilusões a respeito. Se isso levar alguns a encontrar paz consigo mesmos e com o passado, algo de belo terá acontecido e isso, para mim, é absolutamente suficiente. Um pequeno exemplo do contexto histórico: quando se pensa no entusiasmo dos soldados quando entraram na primeira guerra mundial - esse também era um campo - vemos que hoje isso já não poderia ocorrer, mudou e todos se sentem melhor.

"Olhar os mortos com amor, em vez de apelar para a consciência dos vivos"

Sobre recordação e repressão

Encarar o passado para ganhar o futuro é uma forma de lidar conscientemente com a história. O pensamento é este: "Assim nos tornamos o que somos - é o que aprendemos do passado." Foi uma conquista da psicanálise ter substituído a repressão pela percepção consciente. Cada povo tem uma memória coletiva e dela necessita, mas o senhor está dizendo que também temos o direito de esquecer as coisas terríveis. Quando é que a lembrança se torna destrutiva? Por que é que o olhar para trás não representa para o senhor uma possibilidade de olhar para a frente?

Pela psicanálise sabemos que o reprimido tem uma ação limitadora. Ao tomar consciência dessa imagem inconsciente, posso lidar com ela. Posso integrá-la e, com isso, ela passa. Porque a recordei, posso esquecê-la. Isto é saudável. Em muitas psicoterapias, eventos dramáticos reprimidos são trazidos ã luz para que sejam concluídos. Esses eventos são como um movimento que se congelou, como sucede num trauma. No caso de um trauma, o movimento é retomado até que se esgote e possa ser esquecido. É lembrado para que possa passar.

O *senhor concorda com essa forma de recordação? O que o incomoda, então, na forma de recordar que os alemães cultivam?*

Na recordação, facilmente nos prendemos ao passado. Com isso, o futuro se perde.

Consideremos, como exemplo, eventos terríveis como o bombardeio aéreo a Dresden, durante a guerra ou a bomba atômica em Hiroshima. Muitos perderam ali a vida, de uma forma cruel e trágica. Como devo recordá-los? Dando-lhes um lugar em minha alma. Então fico em paz com eles e posso também deixar para trás o que aconteceu, pois eles já não estão separados de mim. Na medida em que os acolho em mim, carrego-os comigo para o meu futuro, e eles também colaboram com ele. Esta é forma saudável de recordação que simultaneamente deixa para trás o que passou.

Os ingleses usam uma palavra bem usual: "re-member". Na medida em que dermos aos mortos um espaço em nossa alma, não serão eles e não os eventos que nos acompanharão para o futuro?

Exatamente. Há, contudo, uma forma de lembrança que soa como uma eterna recriminação: "Lembrem-se dos crimes que vocês encobriram, lembrem- se de como vocês foram maus." Tomemos o exemplo da Alemanha, depois do Tratado de Versalhes. A palavra de ordem era esta: "O tratado foi injusto. É preciso lembrar, jamais esquecer-nos disso." Essa "recordação" ajudou a desencadear a segunda guerra mundial. As recordações de eventos funestos são frequentemente utilizadas

para reavivar um conflito, para justificar o seu prosseguimento. Nessa forma de lembrança há sempre bons e maus.

Ao reavivar essa recordação, tomamos os outros ainda piores e mais perversos. Com isso se prepara o solo para o próximo conflito. Esses apóstolos da recordação não olham os mortos com amor.

O senhor está falando de um processo na alma, enquanto os profissionais da recordação estão falando de política.

A boa política e a má política começam na alma. É assim.

Então, qual é o efeito dos monumentos?

Os monumentos de guerra são, muitas vezes, monumentos de paz. Em Berchtesgaden contei recentemente os mortos da primeira e da segunda guerra - eram 170. Isto é uma boa recordação. Eu abro o meu coração para esses soldados, vejo-os em minha frente e isso faz um bom efeito em mim. Mas que efeito causa nas almas um monumento gigantesco como o de Berlim? Para sabê-lo, basta fazer uma pesquisa - em segredo, naturalmente. E que efeito o monumento produz nas almas dos judeus na Alemanha?

Para mim está muito claro que isso não ajuda à reconciliação. Se assim não fosse, o projeto não precisaria ter superado tantas oposições. Pode-se interpretá-lo como um sinal de que se restitui aos judeus assassinados e deportados um lugar no meio de nós, no coração de nossa capital.

Uma recordação forçada não é boa. Inversamente, no grande monumento às vítimas do holocausto em Jerusalém, os mortos são encarados sem recriminações. O mesmo ocorre em Hiroshima, no monumento aos mortos da bomba atômica. Esta é uma espécie de recordação que ajuda o futuro.

Não é digno de nota que, entre os inumeráveis monumentos de guerra na Alemanha, haja tão poucos dedicados aos judeus? Onde é que são recordados na Alemanha os crimes cometidos contra os judeus?

Por exemplo, na simples presença dos antigos campos de concentração. Alguém me contou que esteve há pouco em Mauthausen. Disse que caminhou por ali, sentindo uma profunda paz. De repente deparou com um monumento que clama pela recordação. Aí sua paz acabou.

Portanto, o que lhe importa não é a recordação em si, mas a maneira como se pensa nos mortos e nos assassinados. Esquecer o que houve, deixar o passado para trás não significa defender a repressão.

Justamente. Aquele que pode esquecer o que houve, sem reprimi-lo, não usa o passado para fazer exigências para o futuro - sobretudo, se dirigidas a outros.

"O passado deve poder ser esquecido no coração"

Sobre vingança e indignação como formas de compensação

Entretanto, ao tratar das relações familiares, o senhor sempre fala da necessidade de compensação entre o que se dá e o que se toma — a exigência básica de equilíbrio no sistema.

A reparação e a necessidade de compensação são coisas necessárias e justificadas em nossas relações pessoais, para que não se rompam. Tais exigências, contudo, não podem ser transportadas da mesma forma para as relações entre povos, pois a exigência de compensação por injustiças sofridas é uma força propulsora de muitas guerras.

Existe uma outra forma de recordação, que é bem diferente dessa. Imagine que a senhora morre e é recordada, inclusive com biografias sobre sua vida. Como se sente então?

Pergunto-me, às vezes, como se sentem os mortos quando lhes erigimos um monumento. Na Argentina fiz uma constelação para mães da Praça de Maio e seus filhos desaparecidos. O representante de um dos filhos mortos disse, nessa ocasião: "O pior para mim é ver o meu nome escrito nesta praça. Enquanto ele estiver aí, não terei paz." Sentia-se usado para uma reivindicação. Há recordações que se utilizam dos mortos para tirar disso - se posso recorrer a esta expressão extrema - a justificação para uma guerra. Pense no conflito de Kosovo e na batalha de Amselfeld.[19]

A primeira batalha de Kosovo aconteceu em 28 de junho de 1389, há mais de 600 anos, entre os otomanos, que eram muçulmanos, e os sérvios, que eram cristãos. Os sérvios mataram um sultão. Em revide, um sultão matou Lázaro, um príncipe sérvio. Então os cristãos, isto é, os sérvios, fizeram do príncipe Lázaro um santo e os otomanos ficaram ressentidos contra eles.

Quinhentos anos depois, em 28 de junho de 1914, quando o herdeiro do trono austríaco se dirigia para Sarajevo, os sérvios o assassinaram. Assim começou a primeira guerra mundial.

Depois veio Milosevic, em 1989, de novo num 28 de junho. Ele inumou os ossos de São Lázaro num monumento no Kosovo. Lá ficou gravado: "*Junho de 1389-Junho de 1889. Não deixaremos que os muçulmanos reinem sobre os sérvios.*" Então começaram os assassinatos - começou a guerra do Kosovo. Esta é uma recordação que atravessa gerações...

---

[19] Batalha travada no Kosovo em 1389, que acarretou, por quase cinco séculos, uma dominação dos turcos muçulmanos sobre os sérvios cristãos. (N.T.)

... onde a necessidade de compensação assume o controle e mobiliza sentimentos de vingança?

Exatamente. Esse tipo de recordação tem efeitos dramáticos. Algo semelhante acontece ainda hoje, na América do Sul, ou entre os índios do Canadá. Quando relembramos constantemente fatos terríveis, os mortos nos puxam para fora do presente. Isto tem efeitos funestos. As pessoas têm o direito de esquecer o passado em seu coração. Então, podem caminhar para um futuro diferente...

... e não precisam repetir nada. Portanto, há um tipo de recordação que acende, mantém e reaviva a indignação. Foi o que fizeram os nazistas, em relação ao tratado de Versalhes.

Essa forma de recordar só aviva emoções e o desejo de retribuir. É preciso vingar-se outra vez, indefinidamente. Isto é funesto. Em Castañeda existe o conselho de esquecer a própria história.[20] Isso tem um efeito prodigioso. Quando um povo "esquece" dessa maneira essas coisas terríveis e acolhe no coração, com compaixão, os mortos daquela época, já não é necessário recordá-los. Eles nos acompanham, de certo modo, para o futuro.

Muitos dizem: "Precisamos recordar, para que não volte a acontecer. " Existe o medo de que o esquecimento leve à repetição dessas coisas funestas. A frase já desgastada de Brecht: "... o *ventre continua fecundo... "exprime esse medo do esquecimento.*

Uma das causas de novas guerras são os relatos da história...

... que mantêm viva a decepção e acendem a indignação?

Quem se indigna contra ações funestas coloca-se aparentemente do lado do bem e contra o mal. Pretende mediar entre os perpetradores e as vítimas, para evitar outros males.

O que há de censurável nisso?

Um indignado comporta como se ele próprio fosse uma vítima, mas não é. Arroga-se o direito de exigir reparação dos perpetradores, embora nenhuma injustiça tenha sido cometida contra ele.

Ele se faz de advogado das vítimas porque elas já não são capazes disso. Por que não devemos reverenciar essa atitude?

Por acaso os mortos lhe transferiram esse direito? O que faz o indignado? Ele se arroga o direito de fazer mal aos perpetradores e isto prolonga o conflito. Os indignados geralmente não se dão por satisfeitos até que os perpetradores sejam

---

20 Ensinamento atribuído pelo antropólogo Carlos Castañeda ao xamã mexicano Don Juan Matus, em aventura narrada no livro *Viagem a Ixtlan.* (N.T.)

aniquilados e humilhados - mesmo que isso agrave o sofrimento das vítimas.

"A indignação desconhece a compaixão"

Sobre a paz e a boa consciência

A indignação é, de fato, um motivo para movimentos políticos que se apoiam basicamente na moral. O senhor, ao contrário, pede amor pelas vítimas, em vez de uma compensação. Isto é um movimento da alma. Que restrição faz à moral?

A moral geralmente se ocupa em fazer reivindicações. O indignado se sente e se apresenta como se fosse um justiceiro. Ao contrário de uma pessoa que ama, ele não conhece compaixão nem medida.

Há um outro aspecto a considerar. Quando condenamos qualquer pessoa, recebemos a sua energia. Isso tanto vale para os filhos e filhas que tudo fazem para evitar que se tomem iguais a seus pais, quanto para os indignados que combatem, de todas as formas, os perpetradores.

Desde que o trabalho com as constelações encontrou ressonância mundial, o senhor fez constelações políticas em muitos países. Em que experiências se baseou e o que descobriu com elas?

Um *insight* importante para as constelações políticas foi que as vítimas e os perpetradores se atraem reciprocamente. Foi isso que me permitiu fazer um trabalho pela paz.

Fui convidado por três vezes a dar cursos em Israel e lá fiz exatamente a mesma coisa: um confronto entre as vítimas e os perpetradores. Nisso também pude ver como ambas as partes sentem a compulsão de aproximar- se: disso não conseguem escapar. Por exemplo, uma mulher revelou que seu pai fora assassinado por um árabe. Então fiz uma constelação colocando, frente a frente, um representante do pai da mulher e um representante do assassino. O assassino manifestava medo. De repente, o pai estendeu- lhe a mão. Ambos se aproximaram e se abraçaram. Então o pai desabou no chão como um morto, e o assassino deitou-se junto dele. Na morte eles estavam reconciliados.

Uma das grandes experiências que fiz nessas constelações foi a de que os mortos, tanto as vítimas quanto os perpetradores, querem e podem reunir-se, exceto quando os descendentes tomam o partido deles e querem repetir todo o drama. Agindo assim, eles barram o caminho da reconciliação.

O mesmo experimentei na Turquia, no conflito entre turcos e armênios e também no Japão. Quando abrimos espaço aos movimentos da alma, sentimos e percebemos que a alma, no fundo, deseja a reconciliação. Ela quer juntar o que estava separado.

O que se opõe a isso?

Principalmente, a boa consciência. Todos os grandes conflitos tiram sua força da boa consciência, pois todos esses crimes terríveis contra outros, todos esses ataques vêm de pessoas que se julgam em boa consciência e inocentes. Em sua boa consciência, sentem-se no direito de atacar e mesmo de aniquilar outros. A agressão contra outros é alimentada pela boa consciência. Os partidos têm consciências diferentes, mas cada um deles tem a consciência tranquila.

Na Espanha, numa constelação sobre o conflito entre bascos e espanhóis, aconteceu o mesmo movimento. Um basco, que fez a sua constelação e estava totalmente aberto a essa reconciliação, recebeu no dia seguinte um aviso anônimo, com uma advertência e uma ameaça de morte. Por quê? Porque amava e queria superar a separação.

"Se o passado pode ser esquecido, existe um futuro"

Constelações políticas

O senhor mencionou também a América do Sul e o Canadá. Que conflitos foram trabalhados ali?

Na Flórida uma mulher veio a um curso, uma inca do Peru. Disse que se sentia como se sua cabeça tivesse sido cortada. Lembrando-me que um rei inca tinha sido decapitado durante a conquista pelos espanhóis, vislumbrei imediatamente uma conexão.

Na constelação fiz com que alguns representantes dos incas assassinados se deitassem de costas no chão e introduzi um representante daquele rei inca. Este se ajoelhou, fechou os olhos e inclinou a cabeça para as vítimas incas - mas estava totalmente impassível. Também ele parecia morto. Ao seu lado se postavam três representantes dos conquistadores espanhóis. Também eles não se moveram.

Então, introduzi a mulher inca na constelação. Ela se aproximou do representante do rei e quis reanimá-lo. Tentou levantá-lo, colocá-lo de pé, mas ele não se moveu, não mostrou nenhum impulso e simplesmente desabou. A mulher nada pôde fazer. Era evidente que todos esses incas estavam mortos. Para eles o passado já não existia.

Então a mulher se defrontou com os espanhóis. Fitou-os um por um, tomando-os pela mão. Aí os espanhóis olharam para os incas mortos e choraram. Foi um movimento de reconciliação. A mulher olhou outra vez para ambos os lados e permaneceu junto dos espanhóis. Nesse momento interrompi a constelação.

Perguntei, então, à mulher: "O que sente agora?" Ela respondeu: "Minha cabeça e meu coração se juntaram de novo". No dia seguinte ela me escreveu uma carta. Contou-me que era uma descendente direta do último rei inca, que no século XIX liderou uma revolta com os espanhóis e foi esquartejado em Cuzco.

Essa mulher começou movendo-se no passado, no campo de seus antepassados e durante a constelação passou para o campo do presente. Com isso pôde deixar para trás o passado.

Este exemplo mostra como as constelações podem fazer com que pessoas passem lentamente de um campo do passado para um novo campo?

Na Venezuela, a terra dos índios foi tomada pelas companhias petrolíferas.

Elas estão fazendo perfurações para encontrar petróleo. Isto mobiliza resistências, naturalmente, não só entre os índios, mas também em muitas outras pessoas. Essa resistência tem futuro? Nas circunstâncias atuais, será possível salvar o passado desses índios? Não. Somente têm futuro os índios que deixarem para trás esse passado, por exemplo, trabalhando para as empresas petrolíferas. Apenas eles.

No Canadá tive uma experiência semelhante. Uma tribo indígena me convidou para dar um curso. Num quadro na sala dos trabalhos estava escrito o seguinte lema: *"Honoring the voices of the past"* - "Honrando as vozes do passado." Lia-se também *honra, amor, humildade* - belas palavras. Então lhes perguntei: "Quando vocês olham para isso, o que se passa em suas almas?" Todos sentiam-se tristes e impotentes.

Na véspera, fôramos convidados para uma palestra no *Community Center.* Uma mulher contou que existia uma grande discussão e grande medo em relação ao futuro. Os índios têm ali uma montanha sagrada, que também visitei na companhia deles. Ela é muito importante, pois consideram sagrada aquela terra. Agora, porém, uma grande empresa multinacional quer explorar minério de ferro nessa montanha sagrada. Isso causou um grande transtorno a essa tribo. Pediram-nos para apoiar petições às autoridades para que fosse sustado o empreendimento. A lei preserva a região e o seu controle, porém há pouca esperança de que seja respeitada. A pergunta ali era a mesma: onde está o futuro?

Na situação atual, os homens são totalmente desprezados pelas mulheres. Eles ficam ociosos porque não têm futuro. Com isso o alcoolismo se difundiu muito. Eu disse a eles: "Vocês são guerreiros e caçadores, mas nada disso se pode fazer aqui. Isso passou. Onde há futuro para vocês? Vocês precisam converter-se *"from warriors to workers"* – de guerreiros em trabalhadores. Ai está o seu futuro." Esta foi uma intervenção política, que provoca uma mudança na alma.

Existe uma possibilidade de integrar o velho ao novo?

Não, não existe. O que há de comum nesses exemplos é que somente existe futuro quando o passado pode ser esquecido.

Aí não existe diferença entre o espaço anímico e o espaço político?

Aí o anímico e o político são iguais, não há diferença. É preciso primeiro que se prepare esse passo na alma, para que então se empreenda uma ação decisiva.

Estive também na Colômbia. Ali a guerra civil continua. Reina uma incrível violência, quase todas as famílias do país têm vítimas a lamentar.

Falei com uma mulher que pretendia atuar como intermediária entre os guerrilheiros e os paramilitares, para que obedecessem às leis de guerra. Eu lhe perguntei: "Mas a que leis de guerra eles precisam obedecer? Ambos os partidos carecem de objetivos reais. São apenas assassinos. Em ambos os lados se cometem assassinatos."

Em minha imagem, o que se procura ali é invalidar a colonização. Esses movimentos agressivos expulsam as elites do país, pois as circunstâncias as forçam a isso.

Então as pessoas estão deixando o país por causa da violência das forças agressivas?

Participou de meu curso em Bogotá uma mulher cujo marido fora sequestrado pelos guerrilheiros. Ele foi libertado - provavelmente ela pagou um elevado resgate para isso. Ela disse que seu marido estava totalmente alterado e frágil como uma criança.

Ele controlava uma grande usina de açúcar, com 3000 empregados. Na constelação coloquei um representante desse homem e, diante dele, alguns representantes de seus operários. Eles estavam incrivelmente zangados com ele. Depois coloquei um representante dos guerrilheiros. O coração dos trabalhadores ficou do lado dos guerrilheiros e era evidente que o homem não fora sequestrado sem motivo. A constelação mostrou que aquela família precisava deixar o país. Depois do acontecido, não tinha outra alternativa. Em nenhum outro país vivenciei uma desesperança tão grande quanto na Colômbia.

Na universidade, em Bogotá, mostrei o vídeo de uma constelação que realizei num curso em Oaxaca, no México. Uma colombiana, simpatizante da guerrilha, quis esclarecer sua situação. Então coloquei cinco representantes para os guerrilheiros e cinco para suas vítimas, que se deitaram no chão. Os representantes dos guerrilheiros estavam, inicialmente, totalmente imóveis. Então um deles aproximou-se muito lentamente das vítimas. Uma delas tentou puxar um dos guerrilheiros, para que se abaixasse até ela, mas ele permaneceu impassível. Um dos representantes dos guerrilheiros estava totalmente rígido. Ele era o líder, como se evidenciou depois. Então introduzi uma representante da Colômbia. Sua dor era lancinante. Ficou desorientada. No final todos jaziam no solo, à exceção do líder. Ele abandonou o campo.

Também aqui se tratava de luta e resistência. Mas, o que isso traz? Quantas vítimas custa? Tudo por nada. São simplesmente assassinatos em série, e o país sangra. Não que essa guerra seja evitável. Ela é inevitável. Contudo, todos agiam como peças de xadrez, sem objetivos claros - afinal, apenas como criminosos. Talvez algo possa mudar, mas apenas quando todos estiverem esgotados.

São duas afirmações diferentes. De um lado, o senhor diz: "O que isso traz? Apenas

mortes." De outro lado, afirma: "Contudo, isso precisava acontecer, para que talvez venha algo de novo."

Assim é.

Por que é que o senhor chama essas constelações de "constelações políticas"?

Porque elas mostram que as mudanças na alma podem ter efeitos no espaço público. As mudanças no espaço público começam na alma. Como eu disse, mostrei esse vídeo na universidade em Bogotá. Todos os espectadores prorromperam em choro. Todos eles choraram. Ficaram muito emocionados.

Entretanto, se quiserem agir, precisarão defrontar-se com o conflito, tornar-se também parte dele. No final, são os generais que fazem a paz. Os generais adversários percebem, de repente, que assim não se pode continuar. Então são capazes de fazer a paz.

O que o senhor quer dizer com os generais? É preciso matar primeiro para ser capaz de fazer a paz?

Não. Eu digo isso com respeito por todos, sem julgar nem condenar ninguém. No final, eles ficam ao lado daqueles contra quem lutaram.

O que lhe interessa, ao dizer isso?

Em última análise, o que me interessa é o humano. A política que não termina produzindo algo humano não é uma boa política. Para mim, a arte de governar significa aproximar os seres humanos.

Ao afirmar que, afinal, o que importa é o humano, em que sentido o senhor utiliza esse conceito? Na linguagem usual, isto é considerado como um valor. O que significa para o senhor o "humano"?

Que ninguém é melhor. Tanto a bondade quanto a maldade são humanas. Reservar o humano para o "lado bom" não funciona. Aqueles que fazem isso acabam sendo os mais desumanos.

O que o senhor quer dizer, agora, com desumano?

Aqueles que se colocam contra outros seres humanos. Isto é desumano, com o correr do tempo.

Nas constelações familiares o "movimento pela paz" consiste em readmitir os excluídos. Como é nas constelações políticas? Qual é o cerne?

Nas constelações políticas, da maneira como as tenho feito até agora, trata- se de saber que futuro tem um povo, depois de anos de luta e de assassinatos. Trata-se da aproximação entre os perpetradores e as vítimas, da possibilidade de um novo passo em direção a um futuro comum. Também esse movimento pela paz começa na alma.

E quem o impede? Aqueles descendentes que, com seus julgamentos, querem prolongar a luta.

O senhor afirma que sempre é assim?

Sempre que trabalhei com isso. Seja em Israel, na América do Sul, na China, onde se tratou do conflito entre japoneses e chineses ou entre os índios, o processo é sempre o mesmo. Os adversários originais podem reconciliar-se no reino dos mortos. Devemos permitir-lhes que se olhem nos olhos, que se percebam como seres humanos e se deitem juntos, em paz.

Segundo a sua afirmação, isto acontece através de movimentos da alma, em que o senhor não interfere. Portanto, os mortos "querem" isso e os descendentes muitas vezes o impedem. Por que os mortos não podem fazer isso sozinhos?

No campo eles não podem fazer isso sozinhos. Pelo menos, é o que se revela nas constelações. Os descendentes precisam permitir-lhes isso.

Permitir como? Como isto pode acontecer?

Isto pode acontecer na medida em que os descendentes conciliem em sua alma ambos os lados, os perpetradores e as vítimas. Para isso, precisam acolher a ambos em seu coração. Do contrário, isto não será possível. Quando conseguem, o passado pode ser esquecido. Os mortos podem retirar-se e estar realmente mortos. Então termina a revanche e pode-se olhar para a frente.

E em lugar da vingança existe, outra vez, lugar para o amor?

Assim se pode dizer.

Em outras palavras, as constelações políticas produzem, talvez, algo como essa "aproximação" na alma - o "re-member". Mas existe alguma realização individual? O *que o senhor produz, em termos políticos?*

Isto não me interessa. Apenas semeei uma plantinha, nada mais, mas é claro que fiz algo que produz bons efeitos.

"Então os poloneses amarão mais os alemães...?"

Sobre as exigências de reparação

Quando o senhor esteve na Polônia, no ano passado, estava justamente em curso o debate sobre a reparação. As associações alemãs de deportados a reivindicavam. Isso levou alguns parlamentares poloneses a pensar em exigir, por sua vez, indenização dos alemães. Qual é o efeito disso?

Num curso na Polônia eu perguntei aos participantes: "Imaginem que os poloneses indenizem os alemães deportados. Isto aumentaria o amor deles pelos poloneses, ou, inversamente, se os alemães pagassem indenizações, os poloneses os amariam mais?

Ficariam satisfeitos, ou a situação se prolongaria indefinidamente? Não será preciso colocar um ponto final?"

Essas reivindicações não ajudam ninguém e não beneficiam aqueles que realmente foram atingidos, pois todos ou quase todos os que foram deportados, naquele tempo, já morreram. Da mesma forma, aqueles a quem os alemães prejudicaram já estão quase todos mortos. Para que servem, então, as indenizações? Os descendentes reclamam algo a que não têm direito próprio, pois quase nenhum deles sofreu algo, pessoalmente.

Talvez tenham sofrido algo no sistema familiar. Crianças traumatizadas que perderam o pai na guerra, adoeceram na fuga, foram expulsas de suas casas...

A quem se fazem reivindicações? Àqueles que causaram os danos? Mas eles, em sua grande maioria, já não existem. Com isso, retoma-se algo que já aconteceu há muito tempo e também precisa ser esquecido. Quando um filho que perdeu o pai reclama: "Vocês me devem algo", ele não está olhando para o seu pai, mas para uma outra pessoa.

Um outro exemplo: um Concorde se acidentou há algum tempo. Agora, cada família das vítimas foi indenizada com um milhão de euros. Quando gastarem o dinheiro, que efeito isso fará em sua alma? Terão ainda as vítimas diante dos olhos? Que efeito produz na alma o pagamento dessa reparação? A ligação com o morto se rompe e é substituída pelo dinheiro.

O senhor afirma que isso precisa ser deixado para trás. Então, qual é a necessidade da ligação com os mortos? Outra pergunta: o senhor pensa o mesmo sobre o pagamento de indenizações a Israel pelos alemães?

Que a Alemanha tenha pago reparações a Israel foi certamente bom, mas existe um limite. E o que os alemães deixaram de fazer? Não restituíram aos judeus suas propriedades. Quem está ocupando que casas dos judeus? O que se passou com o inventário, com as casas? Quem se enriqueceu com isso? Foi restituída alguma coisa às vítimas e aos seus descendentes? Essas seriam as verdadeiras reparações - de pessoa para pessoa.

Em seu filme "Shoa", Claude Lanzmann perguntou a moradores de aldeias de onde judeus foram deportados quem é que morava antes em suas casas. Foram imagens impressionantes. Eles se recostaram na porta ou se sentaram diante da casa e falaram sobre os judeus mortos que ali moraram antes deles. Pareciam surpresos e levemente envergonhados, quando Lanzmann os interrogou a respeito.

Imagine que algo assim se passe na Alemanha, de um modo muito concreto: "O armário não é meu, pertence ao Sr. Arão de tal." Ou ainda: "A casa pertencia a um judeu – então devo sair?" Os judeus que ali moravam não existem mais. Estão mortos, assassinados. Muito poucas casas poderiam ser realmente restituídas, de pessoa a pessoa.

Não se pode defender algo assim. É insensato. Alguém assim não pode morar nessa casa, pois o outro ainda mora lá. Do ponto de vista da alma - abstraindo-se do aspecto jurídico - essa propriedade tem efeitos funestos para várias gerações que se beneficiam dela.

Essas seriam as verdadeiras reparações, mas tem sentido que sejam feitas pelo Estado, sem que os indivíduos paguem ou deem algo? - Eu vejo isso nessa dimensão da alma.

"Não reivindico a verdade"

Sobre o movimento da alma e o incompreensível

O senhor escreveu que as constelações familiares são "neutras em relação a objetivos". O que quis dizer com isso?

Quando comecei esse trabalho, eu apenas queria ver o que se revela sobre os relacionamentos numa família, quando a constelamos com a ajuda de representantes. Da forma como o fiz, isso era metodicamente novo. Por esse processo, evidenciou-se, nas dinâmicas familiares, algo que antes não era perceptível. Por intermédio das constelações familiares e das experiências com elas abriu-se uma visão do mundo totalmente diferente. O que se manifestou pelas constelações familiares arruinou alguns pressupostos fundamentais da ciência, da filosofia e da psicologia. É isso que dá medo.

Também Freud provocou um pânico profundo na sociedade burguesa. Uma imagem do ser humano que não controla a si mesmo, que reprime os próprios instintos, mas é dirigido por eles era uma afronta para o pensamento em voga, no início do século XX. O senhor afronta as pessoas que se pretendem autônomas e livres, quando diz que todos somos vinculados e estamos enredados.

Eu apenas procuro saber o que ajuda. O que ajuda os pais? O que ajuda as crianças? O que ajuda a paz?

Se comparamos entre si Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, com seus diferentes métodos de investigar o inconsciente, onde o senhor se posiciona?

Em Freud trata-se de abrir espaço ao conflito proveniente do instinto sexual. À medida que são reconhecidos, os instintos deixam de ser ameaçadores. Ao mesmo tempo, Freud transpõe, em muitos pontos, os limites da moral dominante. O que era interdito nas famílias passa a ser encarado sob uma nova luz. Sua contribuição, ao nível do indivíduo, leva além das fronteiras da consciência. Isto causou uma enorme liberalização e afrouxou a moral estrita. Até mesmo as pessoas que não se analisam ganham um espaço de maior liberdade. Foi uma incrível realização pioneira. Além disso, Freud teve uma certa intuição dos envolvimentos sistêmicos.

Qual foi a novidade que o senhor acrescentou?

Já era sabido que os representantes de membros das famílias nas constelações sentem-se como as pessoas que representam. Thea Schönfelder tinha demonstrado isso e Virgina Satir já trabalhava com esculturas familiares. Foram novos os *insights* sobre o alcance desse fato. Foram novos os *insights* sobre as dinâmicas da consciência e da culpa. As dinâmicas sistêmicas que observamos nas constelações, a saber, a vinculação, a compensação e a ordem tornaram-se visíveis. Nas constelações vem à luz nossa dependência em relação às gerações precedentes. Podemos reconhecer como elas e seus destinos nos influenciam, por exemplo, tornando-nos doentes ou deficientes e também curando-nos, quando isso vem à luz.

O senhor deu ao seu trabalho um novo desenvolvimento, a que chamou "movimentos da alma". Em que isso difere do modelo clássico das constelações?

Hoje em dia, frequentemente coloco uma única pessoa em cena - muitas vezes o próprio cliente e não um representante dele. Dou-lhe o tempo necessário até que algo se desenvolva através de um movimento. Esse movimento permite ver como todo o sistema luta por uma solução, até encontrá-la. Os movimentos por si sós revelam o que falta ao sistema. Evidenciou-se para mim que o campo familiar já está presente nessa única pessoa, sem necessidade de colocar representantes dos outros familiares. Em outras palavras, esse campo atua através dessa única pessoa. Por exemplo, quando um representante olha para o chão, vejo que falta ali um morto. Então faço com que alguém se deite no chão, diante daquela pessoa. Assim o processo se desenvolve, passo a passo, com base nos movimentos que se mostram. Constrói-se uma solução a partir do cliente. Então se colocam, talvez, outros representantes, e o conjunto mostra o que é decisivo para o sistema. A solução não é configurada, apenas o movimento necessário para que algo seja resolvido. Logo que começa o movimento decisivo, já posso interromper.

Inicialmente o senhor colocava um representante para cada membro de uma família e depois olhava o sistema, tal como foi constelado. Pela estrutura da constelação já se podia ver alguma coisa. Aí o senhor perguntava aos representantes o que percebiam e como se sentiam, trocava-os de lugar, interrogava-os de novo e finalmente os levava a dizer determinadas frases que tinham um efeito liberador. Era um processo de busca que passava pelas informações dos representantes e pela forma como se dispunham no espaço e como se sentiam ali. Hoje o senhor já não recebe essas informações quando coloca apenas um ou dois representantes. O que exatamente mudou, nesse particular?

Minha imagem era esta: uma família com problemas procura a ordem que lhe convém. No processo da constelação essa ordem era encontrada. Ela se mostrava pelo fato de que todos os representantes se sentiam bem. Muitas vezes eu fazia o cliente dizer frases que favoreciam uma mudança interior no sentido da ordem que fora reconhecida, e o ajudavam a livrar-se de seu envolvimento. Essas frases eram, por exemplo: "Agora eu fico", "Agora estou aqui para você" ou, no caso de alguém

que tivesse rejeitado sua mãe: "Agora eu lhe presto homenagem" ou "Agora tomo o que você me deu". Com isso algo se desencadeava na alma. Havia também a reconciliação pelo abraço. Às vezes, a ordem também exigia que o cliente se afastasse. A constelação familiar, realizada dessa maneira, é um excelente trabalho, isso fica patente pelos seus efeitos.

Da mesma forma como me acontecera com a terapia primal, notei que não precisava fazer tanta coisa. Para esse trabalho eu preciso apenas de uma pessoa ou duas, sendo que as demais estão presentes apenas no pensamento e no sentimento. O cliente que apresenta o seu tema é, por assim dizer, um representante do sistema inteiro. Ele não comparece a título individual. Nele vem à luz algo de que o sistema necessita. Seu movimento na constelação não é um movimento exclusivamente pessoal, ele se move como um membro do sistema. Enquanto ele se move, algo se move no sistema, em sua totalidade.

Sem que o sistema compareça através de representantes. O processo de busca transcorre, então, por meio do movimento?

Sim. E, muitas vezes, a solução está bem mais longe.

Na constelação familiar tenho frequentemente uma imagem do que seria a boa solução. Aqui, nos movimentos da alma, já não existe nenhuma imagem. Enquanto na constelação familiar eu intervenho várias vezes, aqui intervenho apenas eventualmente. Algo se desenvolve a partir da alma, sem intervenção externa. O cliente, desde o início, já está a caminho. A mudança começa na própria constelação.

Como o senhor descobriu isso?

Nas constelações familiares eu perguntava como se sentia o representante. Então comecei a não perguntar mais. Simplesmente aguardava, por longo tempo. De repente, o representante se movia espontaneamente. Observei sempre, em constelações, que pessoas caíam no chão ou sentiam tremores ou contrações.

É um fato comum que os representantes sintam em seu corpo, num dado momento, sintomas das pessoas representadas por eles. Inicialmente isto assustava as pessoas, como se fosse algo mágico. Hoje esse fenômeno já é encarado naturalmente. O que o senhor vê nisso de especial ou diferente?

Hoje vejo esses sintomas com outros olhos. Um representante é tomado, subitamente, por algo que não pertence unicamente a ele, mas nele se mostra um movimento do seu sistema. Encaro esses movimentos num contexto maior.

Esse movimento é diferente daquele que se exprime através dos sintomas?

Sim. Hoje eu confio inteiramente no que transparece espontaneamente. Quando comecei a aguardar, para ver se esses movimentos ocorreriam e de que forma, realmente surgiu um movimento espontâneo, no qual se mostrava uma solução,

tanto para o cliente quanto para sua família. Isso foi uma novidade. Pelo que vejo, os representantes são movidos por uma alma maior, não pela sua própria. Algo diferente os arrebata.

Portanto, isso é um nível diferente do que estar simplesmente representando um indivíduo?

Sim. Uma alma maior procura e acha, através dos representantes, uma solução, porque ninguém interfere. Essa força maior, que atua claramente no representante, através do movimento da alma, dirige a vida pessoal e o sistema - sim, até mesmo o curso da história. Dessa "alma" nós fazemos parte. Não "temos" uma alma, participamos dela. Todos esses movimentos evoluem na mesma direção: reúnem algo que estava separado. São movimentos que levam à reconciliação.

Por onde o senhor reconhece o caráter desses movimentos? Os representantes não poderiam mover-se por própria iniciativa? Em que eles diferem de outros movimentos?

São totalmente diferentes. Eles começam - quando se visualiza o corpo - abaixo do umbigo, de uma zona mais profunda. Os representantes são impelidos, não podem agir de outra forma.

Voltando ao tema: esse fenômeno, que um representante assume movimentos do sistema já era conhecido. Um representante na constelação começa de repente a tremer, o cliente é interrogado a respeito e informa que o seu avô tinha ataques epilépticos. Isso ainda pertence ao nível da representação individual, pois o representante se move da mesma forma que o avô representado. Mas, no movimento da alma, existe algo além disso? O senhor pode citar um caso em que isso se evidenciou?

Uma das primeiras constelações que fiz com esse novo pressentimento foi com um judeu. Lá observei, pela primeira vez, que existe um movimento da alma que, no fundo, procura uma união - inclusive entre um assassino e sua vítima. Então, pela primeira vez, ficou evidente para mim que posso confiar nesses movimentos e que neles acontece algo totalmente oposto a nossas habituais ideias morais. Ficou também evidente que todos, perpetradores e vítimas, sentiram-se guiados por um outro poder, ao qual estão igualmente entregues. Desde então prossegui nesse caminho e confiei totalmente nesses movimentos.

Existe algum exemplo disso em seu trabalho com constelações políticas?

Há algumas semanas estive na Nicarágua. Lá reinou por muito tempo o ditador Somoza, que saqueou o país. Sandino, seu adversário, foi assassinado por Somoza. Também Somoza foi mais tarde assassinado no exílio. Os sandinistas se apresentaram como seguidores de Sandino e começaram uma guerra civil contra Somoza e seus adeptos. Expulsaram cerca de um terço da população, principalmente os índios. Os sandinistas perderam no final, como acontecera antes com Somoza. Tiveram o poder nas mãos, mas logo perderam o apoio da população. Agora tudo

isso passou - Somoza e o regime sandinista. Agora existe um governo democraticamente eleito e uma grande necessidade de achar uma resposta para esta pergunta: como podemos reconciliar-nos, depois dessa terrível guerra civil? Muitos dos antigos combatentes ainda estão lá e também, é claro, seus descendentes.

Ao meu curso compareceram a chefe da polícia de Manágua e alguns comandantes militares. A filha da primeira presidente também compareceu - portanto, pessoas de comando. A chefe da polícia estivera no serviço secreto dos sandinistas, portanto, ambas as facções do passado estavam representadas.

Fiz uma constelação onde coloquei um homem para representar Somoza e um outro para representar Sandino. Eles cerraram os punhos e se aproximaram lentamente, em atitude agressiva. Então coloquei, deitados no chão, entre ambos, três representantes das vítimas da guerra civil. Com isso eles subitamente voltaram à razão. O representante de Somoza olhou para as vítimas e o mesmo fez o representante de Sandino. Então Somoza se abaixou até o chão, arrastou-se em tomo dos mortos e se deitou transversalmente a eles. Também Sandino caiu no chão, arrastou-se lentamente até junto de Somoza e se deitou ao lado dele - como se quisesse jazer no mesmo túmulo. Tudo isso aconteceu sem interferência externa.

Quem eram os representantes?

Dois espanhóis. Então coloquei uma mulher como representante da Nicarágua. Ela simplesmente gritava de dor e se deitou ao lado dos mortos. Assim terminou a guerra civil. A gente se pergunta: para quê? No final só havia mortos.

Em seguida introduzi mais três pessoas para representar os descendentes dos somozistas e outras três, representando os descendentes dos sandinistas. Eles ficaram frente a frente, com os mortos deitados entre eles. Lentamente eles se aproximaram uns dos outros e se estenderam as mãos. Então pedi que a representante da Nicarágua se levantasse. Os descendentes fizeram um círculo em volta dela, com as mãos dadas. A representante da Nicarágua respirou aliviada.

Essa constelação aconteceu por desejo de quem?

Por desejo de todos. Todos os participantes ficaram profundamente emocionados. É assim que entendo um trabalho pela paz. Ele mostrou de novo uma coisa importante: os dois partidos apenas causaram desgraças. Eles sentiram isso e se deitaram junto dos mortos. Agora os sobreviventes, os descendentes, devem deixar isso para trás - sem recriminações contra o outro partido, sem recriminações mútuas. Esta é a solução. Que recomecem do início e esqueçam o passado. Essa foi uma constelação especial. Ela mostrou como os movimentos da alma aproximam, num nível mais profundo, os que estavam separados.

Nas constelações políticas o senhor trabalha principalmente com os movimentos da alma?

Sim. Geralmente elas transcorrem sem intervenção externa. Minha intervenção se limita a introduzir, às vezes, alguma outra pessoa. Por essa razão isso tem tanta força, sem intenções próprias ou objetivos fixos.

Então qual é a necessidade de um dirigente da constelação?

É ele que coloca a constelação em movimento, que decide quem deve ser colocado nela - por exemplo, representantes de Somoza e Sandino, no exemplo que mencionei. Sei qual deve ser o próximo passo, quando coloco as vítimas deitadas no chão ou quando introduzo a Nicarágua. Com minha intervenção coloco a constelação em movimento. Sem um dirigente, isso não funciona, mas, a partir daí, entrego tudo aos movimentos dos representantes.

Pelas constelações familiares, sabemos que os representantes precisam de algum tempo até que deixem de interpretar e se entreguem à sua percepção, até que não se perguntem mais: "O que devo pensar e fazer agora, para que fique certo?", mas se entreguem apenas às suas percepções. Quem dirige uma constelação sabe distinguir entre percepção e interpretação - mesmo porque os representantes falam. Já com os movimentos da alma, trabalha-se num nível totalmente não verbal. Como podemos perceber se o que ocorre é realmente um movimento da alma? - se alguém se move realmente como um representante ou talvez esteja apenas atuando, dramatizando, fazendo teatro?

Isso eu percebo imediatamente, pois, então, todos os participantes ficam inquietos.

Então é a reação de terceiros que funciona como um sinal.

Todos entram da mesma forma no campo. Todos são movidos por ele. Nesse campo, não se pode trapacear.

Pode-se perceber do que se trata, a partir do próprio movimento?

Via de regra, imediatamente.

Qual é a diferença entre um movimento encenado, arbitrário e um movimento involuntário?

Um movimento que está em conexão com o campo é muito lento. Quando alguém dá dois passos para a frente, ao mesmo tempo, percebe-se logo que ele está fora.

Portanto, a velocidade é um critério. Mas isso também pode ser aprendido e encenado.

Isto não é possível aqui. Esses movimentos tem uma incrível intensidade. Quanto mais lento é o movimento, tanto mais intenso ele se toma. A ânsia de interferir, de levar um movimento a termo é fortemente percebida, tanto pelos representantes quanto pelo dirigente. Um dirigente precisa ter a capacidade de suportar essa lentidão e ele não consegue isso, quando tem uma intenção.

O que o senhor quer dizer com isso? Se ele faz uma constelação, por que deveria fazê-

la, se não tivesse uma intenção?

A intenção de que tudo fique bem, por exemplo, influencia imediatamente o campo.

Portanto, o dirigente também não pode ter uma hipótese?

Então não se consegue nada. Ele precisa distanciar-se interiormente e recolher-se sem intenções e no vazio. Esses são movimentos profundos, quase espirituais. São processos que possuem em si algo de sagrado. Somente quem realmente adota essa atitude pode acompanhar os movimentos e, quando necessário, intervir para ajudar.

Mas o senhor disse que o dirigente permanece totalmente fora.

Ele entra, na medida em que não entra. Isso parece paradoxal. Eu me retiro totalmente, para não influenciar a alma do outro com algum desejo meu.

Nas constelações familiares, temos as pessoas diante dos olhos. Nos movimentos da alma, olho para o destino ao qual estão entregues os membros de um sistema. Então percebo, por exemplo, num determinado momento, que preciso introduzir a mãe. Isso eu não conseguiria se ficasse como um simples observador. Como entro em sintonia, ouço a mãe, por assim dizer, ou ouço chorar o filho. Estou intensamente presente, sem que eu entre ali.

"... que o impensável se tome visível"

Sobre informação e campo

Nessa altura, as constelações já gozam de certa validade, fã foi experimentado e empiricamente comprovado que diferentes dirigentes, trabalhando com diferentes representantes em questões semelhantes, chegam a soluções parecidas. Existem pesquisas sobre os efeitos das constelações- uma dissertação na Universidade de Munique e uma de Witten e Herdecke. É possível haver algo semelhante com respeito aos movimentos da alma?

Não, porque cada um deles é diferente. Esses movimentos não se orientam por determinadas leis - excetuada a lentidão.

Naturalmente eles envolvem conhecimentos, mas estes são apenas provisórios. O essencial nos movimentos da alma é que neles se manifestam contextos, até então impensáveis.

Cito um exemplo:

Um homem contou que seus quatro filhos não aprendiam na escola. Numa breve conversa, ele revelou que sua esposa tivera um aborto, numa relação anterior. Na constelação coloquei apenas a criança abortada e os quatro filhos. Todos se sentiam mal. Então introduzi a mulher, mas ela não mostrou nenhuma ligação com a criança abortada. Então introduzi também a mãe dela, porque vi muitas vezes que uma

mulher que aborta não tem uma ligação profunda com sua mãe. Isso também não ajudou. Então interrompi o trabalho. Depois o homem me disse que a mãe de sua esposa teve dois filhos. Como houve grandes complicações com o segundo filho, ela foi aconselhada a não ter outros filhos. Apesar disso, ficou grávida dessa terceira criança, mas como lhe disseram que havia um risco de vida, essa criança foi abortada.

Então foi introduzida na constelação uma representante da mãe daquela mulher?

Sim. Repeti a constelação, desta vez com a mulher, sua mãe e a criança que precisou ser abortada e coloquei, também, o pai da mulher. Então a criança abortada se esgueirou por baixo das pernas de sua mãe e se arrastou até a representante da cliente. A criança começou, de repente, a arfar muito fortemente, como se estivesse sendo estrangulada. O pai tinha os punhos cerrados. Então ficou patente que a criança não fora abortada, mas assassinada.

Foi dito que a mãe abortara, mas evidenciou-se que o pai tinha assassinado a criança?

Exatamente. Então introduzi na constelação a criança abortada pela cliente. A criança também cerrou os punhos, como fizera o avô. Ela estava identificada com o avô, o assassino. Ninguém teria imaginado isso. Então a criança "abortada" da mãe da cliente olhou para seu pai e lhe disse: "Eu amo você". O pai enterneceu-se e desabou no chão. A criança abortada pela cliente também enterneceu-se e deitou-se ao lado do avô. Então a mãe, isto é, a cliente, pôde aproximar-se dela e abraçá-la.

Em seguida constelei de novo as quatro crianças, a criança abortada e sua mãe e todos ficaram felizes.

Isto mostra com que profundidade esses movimentos acontecem — de modo totalmente diferente do que imaginamos, muito além de todos os julgamentos e condenações morais.

De tudo isso, o que uma constelação comum não poderia revelar? O que se deveu aí especialmente aos movimentos da alma?

O fato de que foi um assassinato só poderia ser percebido pelos movimentos da alma - somente a partir deles e esses movimentos, com exceção de uma única frase, transcorreram totalmente sem palavras.

O senhor não estará talvez "interpretando" como assassinato o fato de ele cerrar os punhos?

A criança "abortada" afastou-se espontaneamente dos pais. Ela fugiu, por assim dizer, e encostou-se nos pés da representante da cliente e começou, de repente, a fazer movimentos como de uma pessoa estrangulada. Foi como se o acontecimento ocorresse diante de nossos olhos. Enquanto isso, o pai desviou o olhar e cerrou os punhos. Pelos movimentos, ficou totalmente claro que ali tinha havido um assassinato.

O senhor o afirma, mas eu gostaria de perguntar mais uma coisa. A criança que presumidamente fora abortada aproximou-se da representante da cliente que estava fazendo sua constelação. Enquanto isso, a criança abortada cerrou os punhos como o avô. Daí o senhor concluiu que o pai da cliente assassinou a criança e que a criança abortada da cliente estava identificada... Aqui estamos em níveis muito diferentes. A senhora pergunta: foi verdade ou não foi verdade? Está conduzindo um interrogatório judicial. Isso não tem mais nada a ver com os movimentos da alma. Eu não os interpreto. Nós pudemos ver o que acontecia ali, mas quem ousa expressar isso? Então as pessoas objetam-, "Como você pode afirmar isso? Você não tinha nenhuma informação!", embora o processo tenha transcorrido com toda a evidência.

A "verdade" dos movimentos da alma não tem nada a ver com informação?

Às vezes, principalmente quando se trata de esquizofrenia, o evento decisivo se passou há tantas gerações que absolutamente não existe qualquer informação, mas a informação ainda está contida no campo e se manifesta nos movimentos da alma.

Então, de onde vem o movimento?

Deve haver aí um campo de energia. Uma outra questão é saber se isso pode ser cientificamente comprovado. Essa pergunta parece opor-se à solução. No momento em que quero saber isso, perco a conexão com a vida e com o fato de que a vida prossegue de modo positivo. São perguntas abstratas.

"Se eu investigar, terei uma intenção egoísta"

Sobre o controle de resultados e a comprovação da eficácia

O senhor disse que, depois de terminada a constelação, as crianças e toda a família se sentiram bem e que esse efeito fala por si mesmo?

Completamente.

Eu gostaria de saber se as crianças estão melhor na escola, se estão aprendendo mais facilmente.

Muitos querem saber isso. Se eu procurar saber, estarei tendo uma intenção e, por sinal, uma intenção egoísta.

A pergunta seria esta: "Fui bem sucedido? Agi bem?"

Justamente. Então, já não estarei me importando com as crianças. Essa curiosidade prejudica o movimento reparador, seria mau para as crianças se eu me informasse.

Isso provoca em mim um grande suspiro.

Sim, eu sei, muitos se incomodam com isso. Querem ter provas, mas querem isso para que as crianças fiquem melhor?

Vamos atribuir-lhes apenas boas intenções.

Não lhes atribuo boas intenções. Eles não se importam com essas crianças e não têm respeito por essa família. Com sua curiosidade querem invadir a sua privacidade.

Quem trabalha como terapeuta contém também perguntar-se: "Aquilo que faço ou ofereço faz absolutamente algum efeito?" O senhor diz: "Eu me coloco à disposição, com um método eficaz. " Em termos concretos, as pessoas querem saber se isso realmente faz efeito além da constelação. O senhor não deseja saber isso? Vê a autonomia do cliente ameaçada por essa vontade de saber?

Talvez. Quando a constelação termina, o meu trabalho está feito. Ponto final. Isso basta. Eu fico nisso. Qual é o interesse daqueles que querem provas da eficácia? Estão preocupados com as pessoas? Querem realmente comprovar um efeito? Se tiverem a comprovação, deixar-se-ão convencer por ela, ou pedirão novas provas?

Talvez eles se perguntem, simplesmente: "O cliente se cura quando lhe dou essa pílula?"

Esse é o nível da medicina e precisa ser investigado. Gerd Höppner fez isso muito bem em sua dissertação sobre as constelações, sem interferir no processo.[21] Ele mesmo permaneceu fora, mas quando pergunto a um cliente: "Isso fez efeito?", estou interferindo.

Não consigo distinguir num vídeo o que é um movimento da alma e o que não é. Assisti a vários vídeos e não consegui identificar muita coisa neles. Isso pode ser transmitido num vídeo?

Não. Quando eu próprio vejo, depois, o vídeo, só consigo entrar nisso até um certo ponto, pois não me encontro no campo. Nesse momento, geralmente não sei qual seria o próximo passo. Às vezes chego a surpreender- me com as minhas intervenções.

Qual é o mínimo de que se precisa para trabalhar com isso?

Quem trabalha com os movimentos da alma precisa tomar uma via de conhecimento muito especial: no vazio, no recolhimento, na reserva. Somente assim ele proporciona espaço suficiente a um movimento que é sempre diferente do que se imagina. Cada movimento desses possibilita novos *insights.*

Pode dar outro exemplo disso?

Numa constelação que fiz no Japão, a representante de uma mulher cerrou os punhos diante de sua mãe. Eu disse a ela: "Diga à sua mãe: "Quero matar você". Ela o repetiu

---

[21] Höppner, Gerd: *Heilt Demut - wo Schicksal wirkt? Eine Studie zu Effekten des Familie-Stellens nach Bert Hellinger* (A humildade cura - onde atua o destino? Uma pesquisa sobre os efeitos da constelação familiar segundo Bert Hellinger), Profil, Munique e Viena 2001; Universidade de Munique, Dissertação, 2001.

com muita energia. Então coloquei em seu lugar a própria cliente. Quando lhe pedi que dissesse o mesmo, ela disse: "Isto eu não posso dizer, mas gostaria que ela morresse." Bem, isso é quase a mesma coisa. Então eu lhe disse: "Não posso trabalhar com você. Nada posso fazer com uma pessoa que rejeita sua mãe". E interrompi o trabalho. Sabia que ela iria cometer suicídio, é claro. Pessoas assim se suicidam, não têm outra possibilidade.

Como o senhor sabe disso?

Deixe-me contar até o fim. Eu nada fiz. Respeitei a mãe e esqueci a cliente. Retiro-me de situações como essa, esquecendo a cliente. Entrego-a totalmente ao seu destino e às consequências de seu comportamento e de sua atitude.

Pouco antes do encerramento do curso, essa mulher me procurou e disse que queria fazer uma nova constelação. Tinha chorado muito.

Tentei constelar a família, mas não funcionava. Aí Harald Hohnen me sugeriu que talvez funcionasse com uma fila de antepassados. Então coloquei a cliente e sua mãe, frente a frente - nada aconteceu. Coloquei a mãe da mãe - nada. Depois a avó - nada. A bisavó - e assim por diante, indefinidamente. Representantes de oito gerações se postaram ali e não havia nenhuma relação entre mãe e filha. A última, a oitava, afastou-se e olhou para o chão. Numa constelação, isso sempre significa que se olha para uma pessoa morta. Pedi a um homem que se deitasse no chão diante dela. Os movimentos das participantes sugeriam que se tratava de um assassinato. Então a cliente desabou no chão - aí começou o movimento da alma -, arrastou-se até a vítima e abraçou-a. Diante disso, também a representante da última ancestral aproximou-se do morto e tomou-o nos braços. Então coloquei o morto de pé, ao lado dela, e diante dela a representante da sétima geração. De repente, apareceu a ligação da mãe com a filha.

Portanto, entre as representantes da oitava e da sétima geração.

Exatamente. Também esta se voltou para sua filha e assim por diante, até a última. Assim o amor voltou a fluir através de todas as gerações. Ele estava interrompido bem atrás, na oitava geração. Nessa sucessão de antepassadas do lado materno já não havia contato de afeto das mães com suas filhas, porque muito atrás havia algo não resolvido.

A cliente se ajoelhou diante de sua mãe, abraçou seus joelhos, chorou e lhe disse: "Querida mamãe".

Vemos aqui como atuam os envolvimentos. Essa cliente não poderia ter procedido de outra maneira, pois estava identificada com a assassina. Às vezes é necessário dissolver um envolvimento, que muitas vezes retroage a muitas gerações, para que o movimento de afeto pela mãe seja bem sucedido. Essa constelação consistiu numa combinação entre os movimentos da alma e o procedimento clássico das

constelações.

Numa constelação familiar dependo de certas informações do sistema. Antes um constelador ficava embaraçado quando o cliente não sabia nada sobre sua família. Agora o senhor diz que, no nível dos movimentos da alma, as informações vêm do próprio sistema, do "campo". Afirma que elas vão além do que podemos saber e "se mostram" através dos movimentos.

Sim. Frequentemente chega alguém e diz que nada sabe sobre a sua família. Então digo-. "Bem, então vamos descobrir isso pela constelação". Aí tomo alguém para representá-lo e simplesmente o coloco em cena. Começa então um movimento e, passo a passo, revela-se algo sobre o seu sistema, na medida em que contemplamos essa pessoa e vemos os movimentos que ela faz. Por exemplo, ela se vira para o outro lado e então coloco alguém diante dela ou coloco alguém para representar um segredo e, de repente, aparece uma imagem que me mostra o que aconteceu. Imediatamente o cliente é tocado. Dessa maneira, quando trabalho com alguém, preciso de pouca ou de nenhuma informação sobre sua família e sobre os fatos passados. As informações importantes me são fornecidas pelos movimentos da alma.

"Tudo o que se move é movido por outro"

Sobre outros poderes, religião e liberdade de decidir

Na homeopatia existem dinamizações elevadas, remédios em que já não há traços de substâncias materiais. Segundo uma certa tese, depois do processo de potenciação, a "matéria" permanece apenas como uma informação presente na água ou no açúcar, e assim chega ao organismo e produz algo no sistema que é o ser humano.

Portanto, o senhor confia nas informações que o sistema lhe proporciona através dos movimentos. O senhor diz que isso "a gente" vê. Eu diria que é o senhor que vê isso. Não é qualquer pessoa que vê, um iniciante, certamente não.

Para isso é preciso experiência, é preciso aprender passo a passo. Começa com uma atitude interior. É um processo de crescimento, mas mesmo com os movimentos da alma não chegamos, às vezes, a uma solução. Também eles esbarram em limites.

Pode citar algum exemplo?

Uma família tem um filho deficiente, e os pais se recriminam por isso. É útil que eles se olhem com amor e se assegurem, reciprocamente, de que cuidarão juntos da criança. Às vezes, isso não basta. Talvez eles se perguntem: "Por que esse destino nos atingiu?" Então precisam olhar para além da criança e do destino dela. Nesse caso podemos colocar, diante do pai, da mãe e da criança, um representante do destino. Então todos se curvam profundamente diante dele. Descobri que essa reverência, por si só, tem um efeito poderoso. É ilusório acreditar que os movimentos da alma, por si sós, levem sempre a uma solução.

Às vezes vejo, por exemplo, que alguém se sente constantemente atraído pela morte ou sente culpa por uma morte. O que faço, então? Qual dos métodos tradicionais me permite fazer algo aqui? Consigo absolutamente fazer alguma coisa ou aqui a ajuda esbarra num limite onde o deixar se toma o mais importante e onde a verdadeira ajuda começa, quando deixo de agir?

Imagino que o mesmo se aplica no que toca à atitude interior, a essas grandes catástrofes, como a da gigantesca inundação na Ásia. O que se pode fazer, a não ser ajudar na reconstrução?

Isso mesmo. Temos vontade de ajudar, queremos fazer alguma coisa - isso tem seu lugar, mas a minha atitude é esta: olho para algo maior e inominável, que está por trás desse evento, e me curvo diante disso.

Numa catástrofe, como a da onda gigante, eu me curvo e digo "sim" a ela. Isso eu faço em meu interior. Com isso, tenho acesso a uma outra força. Quando lido com sobreviventes que viveram isso de perto - pense nas imagens de mães com um filho morto nos braços e uma incrível dor - não existe nenhuma solução no sentido usual. Nesse domínio não existe solução. O que se pode fazer é apenas olhar para o destino dessa criança e reconhecer que esse foi o seu tempo de vida, que esse foi o seu fim. Então só nos resta olhar para o poder que está por trás dessa inundação e simplesmente colocar-se diante de algo incompreensível. Isto libera. Então, essa mãe pode enterrar o seu filho, mantendo-se em conexão com essa outra força. Depois de algum tempo, ela consegue voltar à vida.

Esse é um aspecto religioso.

Quando se trata de casos extremos não se pode evitar isso, mas é algo oculto. Aí não existem perguntas, nem pedidos, nem ajuda - não existe nada disso, absolutamente nada. Apenas ficar parado. Essa é uma imagem que nos toma modestos. Nesse limite experimentamos, quando consentimos nele, serenidade e força.

Isto também significa que aqui termina a contemplação fenomenológica e começa a religiosa?

Basicamente nos expomos ao nosso próprio limite. Na fenomenologia, o que interessa é o conhecimento da essência, e conhecimento da essência significa: "Sei o que devo fazer." Ele é voltado para a ação e se relaciona com a sabedoria, pois sei o que é possível e o que não é.

Aqui, porém, trata-se de expor-se a um contexto maior - para além da ação. Aí já não existe ação. Essa é uma atitude que não deseja saber mais, porque sabe que não pode saber. Nesse ponto abandona-se toda expectativa. Tornamo-nos abertos, destituídos de intenções, de medo e de amor - contudo, num extremo recolhimento. Aqui também cessa a atitude religiosa.

Quem ousa olhar com essa abertura tem força para atuar de uma outra maneira -

simplesmente através de sua existência.

Isso não é religião? O senhor diz que todos nós somos "tomados a serviço", que todos nós somos "movidos". Isto é mais do que uma simples atitude.

É uma reflexão filosófica. Dela resulta uma atitude.

Quando digo que todos são tomados a serviço, estou abolindo a distinção entre o bom e o mau. Isso escandaliza, não tanto os que se sentem tomados a serviço, mas os que não admitem que os outros, que pensam e agem de outra forma, também são tomados a serviço e da mesma maneira. Aristóteles fala de um "motor imóvel", um ser que tudo move, sem mover-se ele próprio. Essa imagem do mundo nos toma difícil manter nossas distinções habituais.

Quem mantém a distinção entre "bons" e "maus" está também dizendo que uns têm o direito de viver e os outros, não. Com isso, coloca-se no lugar da força primordial e do "motor imóvel".

Minha imagem do mundo me permite renunciar a essa distinção entre o bom e o mau. Todos servem ao todo de uma certa maneira. Este é o sentido mais profundo de "ser tomado a serviço".

Isto é verdade?

Perguntando pela verdade, estamos afirmando também que precisamos encontrá-la - como se o pudéssemos! Como se o devêssemos! Como se isso fosse possível ao nosso pensamento! Minhas reflexões filosóficas não reivindicam a verdade.

Para que então são úteis essas reflexões? Para seu modo de trabalhar?

Sobretudo para um tipo especial de dedicação a outros. Quando mantenho essa atitude e preciso lidar com perpetradores e vítimas, com rejeitados, com assassinos, fico totalmente sereno. Posso intervir de uma forma totalmente diferente de quando os vejo apenas em sua aparência, como pessoas enredadas. Se olho para os envolvimentos, sinto o impulso de desfazê-los.

Foi essa razão bem pragmática que o levou a trabalhar com as constelações, não foi?

Naturalmente. No nível do envolvimento, a solução pode ser visada e, muitas vezes, também é possível. No nível onde todos são tomados a serviço, talvez eu não precise de nenhuma solução, porque confio nessa força primordial.

Portanto, nos movimentos da alma atua algo mais do que o movimento do sistema?

Sim, e este é um aspecto importante. Naturalmente atua ali algo mais, a solução não vem apenas do sistema.

Isso eu não consigo entender.

Ela vem de uma força superior, que se dedica a todos da mesma forma e os aproxima.

Isso está além de toda consciência moral...

... e não diz respeito diretamente ã constelação familiar, como um método. Todavia, são coisas diferentes dizer que sou um representante num sistema e meus movimentos são movimentos da pessoa que represento ou dizer que todo movimento provém de uma outra força. A primeira afirmação, todo mundo pode admitir. Com a segunda, é diferente. Quem trabalha com os movimentos da alma envolve-se com uma premissa religiosa, a saber, que somos movidos.

Para mim, isso não é religioso, é filosófico.

Em que consiste a diferença?

Uma coisa é a observação de que existe um movimento dentro do campo. Outra coisa, que somos movidos, é uma reflexão e conclusão filosófica.

Quando chamo isso de "divino", trata-se de um deslocamento e de uma simplificação. Isso não se justifica. Há um poder que atua, mas pensar que isso é Deus ou divino é uma conclusão precipitada.

Portanto, para o senhor, "religioso" significa referir-se a um Deus. É isso que o senhor quer evitar?

Sim, exatamente.

Digamos que isso é um nível espiritual. Em toda filosofia existe isso. No taoísmo, no budismo.

No taoísmo isso não seria denominado "divino".

Pela reflexão filosófica, podemos dizer que tudo o que se move é movido por outra instância. Que possa haver um movimento a partir de si mesmo é algo impensável. Não é racional pensar isso, embora eu não possa demonstrá-lo, mas essa pressuposição é importante para a prática.

Porquê?

Como processo interno, faz um bom efeito perceber um sistema familiar movido por um outro poder. Os recentes pesquisadores do cérebro me dão razão nisso.

O senhor se refere, por exemplo, ao pesquisador americano Antonio Damasio, que com sua equipe verificou que as emoções e os sentimentos são primeiramente "construídos" a partir das reações corporais. Ele afirmou, certa vez, que nossa mente se radica no corpo e não apenas no cérebro.

Antes que tomemos uma decisão, já se evidencia, pela reação do corpo, que rumo ela tomará. A decisão não é livre. Ela segue um outro movimento, que é predeterminado. A ideia de que nos decidimos agora é uma ilusão. A decisão somente se toma consciente depois que já foi tomada. Daí eu concluo que, antes que me mova, já sou

movido por outra instância.

O senhor ê movido. Quem sabe se é movido por outra instância? gente também poderia dizer: "Nossas decisões residem em nossos membros. "

Não sabemos de onde procede a decisão. Contudo, ela não vem de nossa livre vontade. Não quero definir isso, mas podemos observar esses movimentos sutis. Por aí posso ver que, seja como for que alguém se decida, ele é antes movido por alguma outra instância.

"Precisamos ir em frente..."

Sobre os limites das soluções

Essa é uma conclusão de largo alcance.

Hoje o senhor também fala de acompanhar o amor do espírito. Antes dizia que toma a todos, da mesma forma, em seu coração.

Quando tomo alguém em meu coração, isso acontece no nível do sentimento. Acompanhar o amor do espírito é um amor totalmente distinto, é um amor espiritual, sem emoção. Ele diz sim a tudo o que é - também àquilo que parece mau.

Quando entro em sintonia com essa dedicação, cesso de mover-me, e o outro movimento me arrebata. Isso já não envolve nenhuma busca. Eu me detenho diante de algo incompreensível. O incompreensível me move e se toma compreensível em seu efeito.

Esse é um caminho que o senhor segue sozinho?

Ele mostra possibilidades e mostra que aquilo que colocamos em movimento - mesmo com os movimentos da alma - é algo passageiro. Nessa medida ele nos mantém abertos para o novo.

O *senhor deu a entender que hoje, em relação ao aborto, por exemplo, com o aborto, o senhor age de outra forma, a partir desse quadro de fundo?*

O aborto possui muitos aspectos, mas, no final, seguimos o amor do espírito, que se ocupa de todos. De repente, cada um é acolhido em seu lugar. Nesse nível não existem perdas. Nada escapa desse movimento criador, ninguém é privado de sua vida, e tudo o que parece perdido serve depois a um Todo maior. Então deixamos isso em paz, sem querer nada, sem lamentar nada.

Sei que no caso de aborto faz-se concretamente uma constelação e dá-se um lugar à criança na configuração final.

Continuo fazendo isso, às vezes, para que venha à luz e seja percebido o efeito que um aborto pode ter, mas então é fácil ficar dependente disso.

Minha esposa Maria Sophie também ofereceu soluções desse tipo em suas constelações, mas elas se revelaram pouco profundas, pois os clientes retornaram depois de algum tempo. Ela verificou que essas soluções não alcançaram a profundidade necessária. Com isso aprendemos que é preciso ter cuidado e entrar num domínio mais amplo.

Em casos de aborto - e isso serve apenas de exemplo - facilmente ficamos no domínio da consciência, da culpa e da inocência, de perpetradores e vítimas. Quando entramos no outro domínio, tudo se toma sem paliativos, muito sério, grande e inserido em algo maior. Nisso se mostra como é importante ir em frente.

Há dez anos pensava-se que, com as constelações familiares, tinha sido encontrado um método para resolver todos os problemas. O que o senhor diz agora, quando as pessoas retornam...

...As pessoas não disseram isso, mas percebemos que algo não tinha sido completamente resolvido, que algumas soluções foram prematuras.

Mesmo quando aquela era a primeira impressão.

Sim, todos se alegravam. Aprendi que, quando as pessoas se alegram muito, as soluções geralmente não são suficientemente profundas.

Portanto, isso não é suficiente e permanece num contexto que, com o tempo, não se sustenta?

Sim.

Isso se refere a determinados temas, ou vale de modo geral?

Temos que ir em frente. Através desse trabalho somos forçados a crescer interiormente. O que importa já não é somente a cura ou a solução de problemas. Em última análise, trata-se da vida em sua plenitude.

Mais uma palavra sobre o espírito: o espírito é leve. Quem caminha no espírito pisa de leve, pesa pouco sobre a terra, pesa pouco sobre os clientes e é feliz diante de tudo, da forma como tudo é.

PSICOTERAPIA ● RELAÇÕES HUMANAS ● RECONCILIAÇÃO

Bert Hellinger revolucionou o trabalho terapêutico. Num espaço de poucos anos, introduziu aspectos essencialmente novos na terapia sistêmica e familiar. Teve ampla aceitação de muitos terapeutas e clientes, e também provocou reações em vários círculos.

Este longo diálogo com Gabriele ten Hövel é o livro mais pessoal de Bert Hellinger. Informativo, preciso e controverso, descreve as mais significativas fases de sua vida, desde sua infância até a mais recente evolução de seu trabalho sistêmico, com os chamados "movimentos da alma". Inicia o leitor nos cinco círculos do amor e abre novas perspectivas sobre temas atuais como o equilíbrio nas relações humanas, consciência e culpa, reconciliação, memória e repressão.

Um livro que cativa e emociona, igualmente útil a terapeutas e a todos os que se interessam pelo trabalho com as constelações.

Editora Atman – editora@atmaneditora.com.br – www.atmaneditora.com.br

ISBN 85-98540-12-9